

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

RAFAEL BARROS SOARES

**Pobreza, segregação e redes sociais:**  
**Um estudo sobre o impacto da remoção dos moradores da favela Guinle,**  
**Guarulhos/SP**

São Paulo  
2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

**Pobreza, segregação e redes sociais:**  
**Um estudo sobre o impacto da remoção dos moradores da favela Guinle,**  
**Guarulhos/SP**

Rafael Barros Soares

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção de título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Cesar Marques.

São Paulo  
2008

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Rafael Barros Soares

**Pobreza, segregação e redes sociais: um estudo sobre o impacto da remoção dos moradores da favela Guinle, Guarulhos/SP.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção de título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Cesar Marques.

**Aprovado em:** \_\_\_\_\_

### **Banca Examinadora:**

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

**Para Daniela**

## **Agradecimentos**

Este trabalho foi construído com ajuda de muitas pessoas, a quem gostaria de agradecer. Ao meu orientador, Prof. Dr. Eduardo Cesar Marques, pelo incentivo e apoio dado desde a construção do projeto até a versão final desta dissertação. Meu amadurecimento como aluno e pesquisador é devedor de seus estímulos e de sua generosidade em ouvir os problemas e desafios da pesquisa. Junto a ele, tive a feliz oportunidade de conviver com um grupo de pesquisadores do Centro de Estudos da Metrópole (CEM) que muito me ensinou sobre como lidar com os instrumentais da análise de redes sociais: Idenilza Miranda, Igor Pantoja, Maria Encarnacion Moya, Renata Bichir e Thaís Paves.

Sou grato também aos professores Marta Teresa da Silva Arretche, do Departamento de Ciência Política da USP, e Marta Ferreira dos Santos Farah, do Curso Administração Pública e Governo da Fundação Getúlio Vargas – SP, argüidores do exame de qualificação. Suas sugestões e críticas foram decisivas para o término do trabalho.

Contribuições fundamentais vieram de interlocutores de campo, sem os quais a pesquisa não seria possível. Agradeço especialmente a Maria Virgínia Silva pela sua acolhida generosa e sua paciência em me acompanhar pelos caminhos da Guinle e do conjunto habitacional R1R2.

À CDHU pelo apoio e incentivo à conclusão deste trabalho. Em especial agradeço à ao meu Gerente, Fernando Luiz Rolin Nery, pela sua compreensão e apoio, e ao colega de trabalho Adilson Araújo, com quem pude trocar idéias, textos e informações.

Aos meus pais, Rosa e Carlos, ao meu irmão Víctor, à minha cunhada Carla e à minha nova família de Atibaia agradeço todo o apoio, o incentivo e a compreensão pelas minhas ausências em momentos importantes da família.

Por fim, agradeço especialmente a Daniela do Amaral Alfonsi, companheira mais que querida, incentivadora e leitora atenta e generosa deste texto. Esta dissertação é fruto de seu interesse constante e apoio incondicional.

## **Resumo**

Esta dissertação apresenta os resultados da análise dos impactos nas redes sociais gerados pela remoção dos moradores da favela Guinle, Guarulhos/SP para um conjunto habitacional da CDHU. Parte-se do conceito de pobreza como um fenômeno de múltiplas dimensões cumulativas que reforçam e reiteram situações de privação e que, portanto, não pode ser apreendido apenas através de indicadores econômicos. Outros elementos, tais como o acesso às políticas públicas, a segregação e a estrutura de relações sociais também devem ser considerados no estudo do fenômeno. A pobreza é entendida não só como ausência de ativos, mas também como dificuldade de acessar estruturas de oportunidades. É neste sentido que tanto a segregação residencial, ao criar empecilhos para que os indivíduos acessem tais estruturas, quanto as redes sociais, ao conectar os indivíduos a estruturas mais amplas, ganham relevância para o estudo do fenômeno da pobreza. Sob tal perspectiva e com o intuito de analisar o impacto da remoção sobre as redes sociais, a pesquisa de campo foi dividida em duas fases: a primeira na favela, e a segunda no conjunto habitacional, um ano após a remoção. Utilizou-se em ambas as fases um questionário semi-aberto e um instrumental de análise de redes.

**Palavras-chave:** Redes Sociais. Pobreza. Segregação. Políticas Públicas. Habitação.

## **Abstract**

This dissertation presents the analysis results of the impacts on social networks caused by the removal of the inhabitants from Guinle's *favela*, city of Guarulhos/SP, to a CDHU's housing state. The poverty is a cumulative multiple dimensions phenomenon which reinforce and reiterate hardship situations and that, therefore, would not be understood merely by economics indicators. Other elements, such as the access to public policies, the social segregation and the social relationships structure also must be considered in the study of poverty.

Poverty is not only understood as lack of actives, but also as the difficult of access to opportunities structures. Therein, the residential segregation – which creates obstacles that difficult the individual access to the opportunities structures –, and the social networks – which connect the individuals with more extensive structures –, become more relevant for the study of poverty phenomenon. Under this interpretation and with the purpose of analyze the impact caused by the residential removal on the social networks; the fieldwork took place on two phases: the first one on the Guinle's *favela* and the second on the CDHU's housing state, with exactly one year between them. In both, it was applied proper questionnaire and instrumental to social networks analysis.

**Keywords:** Social Networks. Poverty. Segregation. Public Policies. Habitation.

# Sumário

<b>Introdução</b> .....	8
<b>Capítulo 1 Pobreza, segregação e redes sociais</b> .....	15
<b>1.1 Pobreza</b> .....	15
<b>1.2 Segregação e estruturas de oportunidades</b> .....	23
<b>1.3 Redes sociais</b> .....	34
<b>Capítulo 2 As redes sociais na favela Guinle</b> .....	41
<b>2.1 Dados socioeconômicos</b> .....	46
<b>2.2 As redes sociais</b> .....	52
<b>2.3 Tipos de redes e grupos de sociabilidade</b> .....	58
<b>2.4 Tipos de Sociabilidade</b> .....	66
<b>Capítulo 3 As redes sociais no conjunto habitacional</b> .....	77
<b>3.1 Situação socioeconômica no conjunto habitacional</b> .....	78
<b>3.2 As redes sociais no conjunto habitacional</b> .....	88
<b>3.3 Análise a partir das faixas de perda de nós</b> .....	92
<b>Capítulo 4 O impacto da remoção a partir das tipologias de redes e de sociabilidade</b> .....	109
<b>4.1 Tipos de redes sociais</b> .....	110
<b>4.2 Grupos de sociabilidade</b> .....	120
<b>Conclusão</b> .....	128
<b>Referências bibliográficas</b> .....	138
<b>Apêndice</b> .....	143



## Introdução

Considerando que a pobreza é produzida por processos complexos que envolvem não apenas o mercado de trabalho como também as políticas estatais, transformações significativas de natureza demográfica e a estrutura de relações sociais, ela deve ser entendida como um fenômeno de múltiplas dimensões cumulativas que reforçam e reiteram situações de privação. Assim, a vulnerabilidade social estaria não só na ausência de ativos, como no baixo acesso à estrutura de oportunidades existente.

Uma destas dimensões que age no acesso a esta estrutura de oportunidade é o território, que aumenta ainda mais a complexidade do fenômeno da pobreza, pois pode facilitar ou dificultar o acesso a bens, serviços e oportunidades aos vários grupos sociais localizados espacialmente.

Outra dimensão é a das relações sociais, elementos coletivos cuja principal característica para os estudos da pobreza é conectar os indivíduos a estruturas mais amplas. É justamente por ser um importante elemento para o estudo do fenômeno da pobreza urbana, fundamentalmente por estabelecer relações com a segregação espacial (Marques, 2007; Briggs, 2003) e com o acesso às estruturas de oportunidades (Kaztman, 2005), bem como por permitir identificar e analisar padrões nos processos de interação social, possibilitando observar mudanças ocorridas ao longo do tempo, que se optou neste trabalho por utilizar a análise de redes sociais.

Tendo em conta as conexões entre pobreza, segregação residencial e estrutura de relações, o objetivo desta dissertação é analisar o impacto gerado pela remoção dos moradores da favela Guinle sobre suas redes sociais.

Relativamente recente no Brasil, a análise de redes sociais foca-se na investigação dos atributos, dos padrões de relações e das condicionantes e conseqüências das redes pessoais, pois se fundamenta no princípio de que os fenômenos relacionais podem contribuir para o melhor esclarecimento das condições de pobreza e da reprodução dos padrões de desigualdade social no Brasil.

Este modelo de análise parte da crítica à literatura e às políticas de combate à pobreza preponderantes no Brasil, nas quais a alteração das dimensões pessoais dos indivíduos e famílias (atributos) é o principal mecanismo de ascensão social. Denominada por Marques (2005a) de atomista, esta compreensão está profundamente apoiada no discurso econômico hegemônico, segundo o qual a existência ou ausência de

rendimentos monetários ou ativos individuais (educação, boa saúde, etc.) determinam a situação de pobreza das famílias, pois a presença deles facilita o acesso às estruturas de oportunidades de forma similar ao acesso proporcionado quando se pensa apenas nos rendimentos. Embora recentemente essa tradição tenha incorporado o efeito de processos coletivos e sociais, essas mudanças não foram suficientes para o rompimento da visão “atomista” que a marcava.

Em contraposição a literatura centrada nos rendimentos econômicos e nos atributos individuais, autores como Eduardo Marques (2005a, 2005b, 2005c, 2007), Haroldo Torres (2005a, 2005b), Renata Bichir (2005, 2006), Thais Pavez (2005), Ronaldo Almeida & Tiaraju D’andréa (2005), propõem uma visão relacional e multidimensional da pobreza, considerando-a não apenas como uma questão de reprodução econômica, mas de integração social e de pertencimento. Desta forma, a pobreza seria influenciada não por um, mas por diversos processos sociais ligados à inserção dos indivíduos em estruturas de oportunidades. Inserção essa, mediada tanto pela localização dos indivíduos no espaço urbano, quanto pelas redes sociais em que estão incluídos (Marques, 2007).

Nesta perspectiva, a análise de redes sociais ganha grande importância para o entendimento das situações de pobreza urbana e, conseqüentemente, para a formulação de políticas de combate à pobreza. Tal importância deve-se ao enfoque privilegiado nas relações pessoais, ou seja, nos contatos e conexões existentes entre os agentes, introduzindo um elemento relacional no estudo dos mecanismos de reprodução da pobreza.

Outro importante aspecto da análise de redes, como será visto mais detalhadamente no primeiro capítulo desta dissertação, está no fato de ela contribuir para o melhor entendimento dos efeitos da segregação residencial sobre o fenômeno da pobreza. A partir das décadas de 1960 e 1970, trabalhos sobre a urbanização periférica de nossas cidades (Kowarick, 1985; 1988; 1991; Kowarick & Ant, 1988; Kowarick & Campanário, 1988; Kowarick & Gunn, 1992; Kowarick & Jacobi, 1997; Bonduki, 1988; Bonduki & Kowarick, 1988 e Rolnik, 1988), consagraram o território como elemento central na reprodução da pobreza. Em linhas gerais, pode-se dizer que para esta literatura – fortemente influenciada por análises macrossociológicas ligadas, num primeiro momento, à interpretação crítica à teoria da marginalidade e, posteriormente, à sociologia urbana marxista francesa -, as desigualdades socioespaciais eram entendidas

como reflexo territorial das grandes desigualdades produzidas no mercado de trabalho de um capitalismo periférico e dependente. Desse modo, os mecanismos que produziam o espaço urbano levavam à homogeneidade territorial da pobreza, transformando a periferia num ambiente marcado pela precariedade e pela ausência. Este modelo de urbanização se assemelharia ao “radial concêntrico”, caracterizado por regiões centrais bem equipadas e com fácil acesso a serviços públicos e um gradual crescente de precariedade à medida que se caminha para a periferia da cidade.

Trabalhos mais recentes (Marques e Bichir, 2003; Marques e Torres, 2005; Saraiva e Marques, 2005), apontaram para o surgimento de uma “nova periferia” em São Paulo: segregada espacialmente, contudo caracterizada pela heterogeneidade social e pela presença de serviços públicos, mesmo que precários. Grandes transformações ocorridas durante as décadas de 1980 e 1990, tais como o surgimento de empreendimentos urbanos fechados de alto padrão em regiões tradicionalmente ocupadas por pobres (enclaves fortificados<sup>1</sup>), o processo de disseminação da pobreza por toda a cidade e a expressiva expansão do acesso das camadas pobres da população a serviços públicos teriam contribuído tanto para a diferenciação dos grupos sociais urbanos pobres, fazendo da periferia um território mais heterogêneo, quanto para garantir acesso a serviços públicos a expressivas parcelas da população.

Assim, o território assume uma posição de maior destaque na análise da pobreza urbana, já que é considerado não só como um reflexo de mecanismos econômicos mais amplos, mas também uma dimensão constitutiva da situação social em que se encontram diversos grupos sociais, em especial os mais pobres. Os dados apresentados tanto por Marques e Torres (2005), quanto por Bichir (2006) ressaltam o território como importante elemento na determinação da situação de grupos sociais, devido ao fato de inúmeros processos locais da dinâmica das políticas públicas, além de outros ligados ao cotidiano das comunidades, influenciarem e diferenciarem os lugares. Assim, dependendo do local de moradia, indivíduos em igualdade de renda e de escolaridade apresentam condições e características sociais diferentes.

Nessa concepção, o espaço não é apenas o produto do modelo de produção ou do mercado de trabalho, mas representa também um conjunto de constrangimentos e possibilidades, diferenciando as oportunidades que moradores de lugares mais ou menos

---

<sup>1</sup> Conceito introduzido por Tereza Caldeira em *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Fapesp/Editora 34, 2000.

segregados experimentam. O território configura-se, então, como um elemento que facilita ou dificulta o acesso às “estruturas de oportunidades”, condicionando as possibilidades de as famílias aí residentes saírem ou persistirem na situação de pobreza em que vivem (Marques, 2005a).

Partindo do pressuposto de que a maior ou menor possibilidade de que se produzam trajetórias de mobilidade social é dada por uma multiplicidade de processos combinados, tais como características sociais locais e redes de sociabilidade dos indivíduos, tanto a segregação residencial quanto as redes sociais agem no sentido de conformar o acesso que os indivíduos podem ter a bens materiais e imateriais. No entanto, enquanto ambientes segregados espacialmente restringem tal acesso, as redes podem ajudar a vencer os espaços geográficos e sociais e proporcionar maior acesso dos indivíduos a círculos sociais mais ou menos amplos.

Dessa forma, estudos empíricos detalhados que trabalhem conjuntamente espaço e redes sociais podem contribuir tanto para a compreensão dos efeitos da segregação espacial sobre os mecanismos de perpetuação da pobreza e da desigualdade social, quanto para avaliar em que medida as redes integram locais segregados.

Mesmo tendo despertado muito interesse nos formuladores de políticas de combate à pobreza, a análise de redes sociais é uma linha de pesquisa relativamente recente no Brasil, o que explica o pouco conhecimento sobre suas características e condicionantes. Diversas áreas do Estado têm utilizado as redes sociais tanto com o objetivo de melhorar a implantação de suas políticas, tornando as iniciativas públicas mais capazes de alcançar os seus alvos (destacam-se as ações realizadas pela saúde pública); como, de forma menos operacional e mais substantiva, na tentativa de diminuir a pobreza através de ações diretas às redes sociais, já que as redes são entendidas como elementos que caracterizam a pobreza. Grande parte das políticas deste tipo desenvolvidas no Brasil foi formulada associando redes ao conceito de capital social<sup>2</sup>, porém, segundo Marques, de forma acrítica e sem a menor especificação dos mecanismos associados às redes. A dificuldade da formulação de políticas que, além de tomarem consciência da existência das redes sejam capazes de agir sobre elas, parece estar, como dito acima, no pouco conhecimento que se tem tanto sobre o funcionamento

---

<sup>2</sup> Segundo Putnam, capital social pode ser definido como “a característica da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas” (Frey, 2003:166).

do fenômeno, como sobre a sua contribuição para a reprodução das situações de pobreza (Marques, 2005a).

Portanto, a necessidade de se compreender os padrões de relação que cercam os indivíduos também está associada à contribuição que estes estudos podem dar à formulação de políticas de combate a pobreza. Mesmo não sendo o principal objetivo deste trabalho, é importante destacar que o estudo do comportamento das redes sociais de indivíduos em situação de pobreza e segregados antes e após a remoção para o conjunto habitacional não só contribui para o melhor entendimento do fenômeno da pobreza urbana, como torna-se importante instrumento na avaliação dos impactos gerados pelas políticas públicas de habitação sobre a segregação e as desigualdades sociais, isto pois as estruturas de relações dos indivíduos proporcionam maior ou menor acesso dos indivíduos às estruturas de oportunidades.

Partindo do reconhecimento da importância da inclusão de elementos espaciais (segregação residencial) e de elementos relacionais para os estudos sobre pobreza urbana, esta dissertação tem por objetivo analisar o impacto da remoção de famílias da favela Guinle para o conjunto habitacional sobre suas redes sociais.

Visando atender os objetivos propostos, a pesquisa de campo foi dividida em dois momentos distintos. O primeiro analisou os atributos, os padrões de relações e as condicionantes e conseqüências das redes pessoais dos moradores da favela Guinle. O segundo momento focou-se no comportamento das redes sociais destes mesmos indivíduos após a remoção da favela, ou seja, no conjunto habitacional para o qual foram levados.

A primeira parte da pesquisa foi realizada na favela Guinle, localizada no distrito industrial de Cumbica, município de Guarulhos, entre os dias 28 de março de 2007 e 14 de abril de 2007. Apesar de a favela possuir grande extensão, as entrevistas se concentraram nas quadras que, no momento da pesquisa, estavam em processo de remoção. Nessas áreas viviam aproximadamente 900 moradores em 187 domicílios.

O distrito industrial de Cumbica está posicionado entre duas importantes vias de acesso à cidade de São Paulo: a Rodovia Ayrton Senna e a Rodovia Presidente Dutra, principal via de ligação entre São Paulo e Rio de Janeiro. Mesmo sendo uma área exclusivamente destinada à atividade produtiva, o distrito abriga diversas favelas.

Nesta primeira fase foram realizadas 30 entrevistas nas quais se aplicou um questionário semi-aberto e um gerador de nomes. As entrevistas foram realizadas nas

próprias residências dos entrevistados, cujo acesso era mediado, na maioria das vezes, por membros de movimentos associativos locais. O detalhamento do campo da primeira fase da pesquisa e da metodologia utilizada, bem como as redes sociais dos moradores da favela Guinle estão apresentados no capítulo 2 desta dissertação.

A segunda etapa da pesquisa deu-se no Conjunto Habitacional Guarulhos R1R2, local para o qual os moradores da favela Guinle foram levados. Com a intenção que transcorresse o maior tempo possível entre a aplicação dos questionários na primeira e na segunda fase, possibilitando maior cristalização dos impactos gerados pela remoção, as entrevistas no conjunto só foram realizadas um ano após a mudança das famílias, entre os dias 22 de maio de 2008 e 08 de junho de 2008.

Todo o processo de remoção da favela e encaminhamento para o conjunto habitacional fazia parte de um protocolo de cooperação entre a prefeitura do município de Guarulhos e a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano de São Paulo (CDHU). Localizado no bairro do Pimenta, município de Guarulhos, tal conjunto faz parte de um amplo complexo habitacional, com 788 unidades divididas em 40 blocos. Para lá foram encaminhadas famílias moradoras de diversas áreas de risco de Guarulhos indicadas pela Secretaria de Habitação e pela Defesa Civil do município.

De forma a garantir a possibilidade de se estabelecer um comparativo entre as redes sociais dos dois momentos da pesquisa (o primeiro, na favela e o segundo, no conjunto habitacional), os questionários e o gerador de nomes foram aplicados nos mesmos moradores entrevistados na primeira etapa da pesquisa. Os resultados deste segundo momento e a comparação com as redes da favela Guinle estão apresentados no capítulo 3 desta dissertação.

No capítulo 4 o impacto da remoção sobre as redes sociais dos entrevistados é analisado a partir de duas tipologias desenvolvidas no capítulo 2. A primeira delas agrupou as redes por tipos, levando em conta nesta construção o tamanho, a coesão, a centralidade e o grau de informação das redes. A segunda tipologia reuniu as redes por tipo de sociabilidade, usando para isto indicadores de grau de localismo, variabilidade de sociabilidade, índice de homofilia de gênero e proporção de nós em cada esfera.

No capítulo de conclusão, o aporte teórico apresentado no capítulo 1 é retomado para a reflexão sobre os resultados obtidos tanto na primeira fase da pesquisa quanto na segunda. Em seguida, os dados apresentados nos capítulos 2, 3 e 4 são resgatados de forma sintética. Desta forma, a luz da teoria sobre pobreza, segregação e rede sociais e

tendo como base as transformações verificadas nas redes dos moradores da favela Guinle, algumas considerações em relação ao impacto da remoção sobre as redes são apresentadas.

Por fim, é importante ressaltar que a relevância desta dissertação está no fato de que o maior conhecimento a respeito das características das redes sociais tem muito a contribuir não só para o debate sobre as condições de pobreza urbana e a reprodução dos padrões de desigualdade social no Brasil, mas também para a produção de políticas públicas que visem combater os processos de segregação espacial e desigualdade de acesso, tais como as políticas de habitação.

## **Capítulo 1**

### **Pobreza, Segregação e Redes Sociais**

Este capítulo tem por objetivo realizar uma discussão teórica sobre conceitos caros a esta dissertação. Pretende-se, em primeiro lugar, esclarecer qual o sentido dado aos termos empreendidos neste trabalho. Em segundo lugar, busca-se estabelecer as aproximações existentes entre os autores utilizados nesta dissertação e a relação de suas teorias com o objeto em estudo. Por serem muito utilizados e discutidos, os conceitos de pobreza, segregação e desigualdade social possuem um amplo leque de definições. É justamente esta amplitude que faz emergir a necessidade de delimitar com maior precisão a quais interpretações sobre tais conceitos este trabalho se filia. A análise de redes sociais exige, da mesma forma, uma cuidadosa apresentação, contudo por uma razão oposta. Ao contrário dos três conceitos mencionados acima, o estudo sobre as redes sociais, apesar de ser significativamente conhecida na literatura mundial, é relativamente recente no Brasil.

Na primeira seção deste capítulo é apresentado um breve histórico sobre o debate que envolveu o fenômeno da pobreza urbana nas últimas décadas, quais as suas interpretações e mecanismos de aferição, além de seu desenvolvimento no país nos últimos 30 anos. Por fim, delimita-se o uso deste conceito, estabelecendo as conexões com o tema desta dissertação.

Partindo do conceito de pobreza multidimensional, na segunda seção discute-se os impactos gerados pela segregação espacial na reprodução da pobreza, com o entendimento de que o território pode tanto facilitar quanto dificultar o acesso dos indivíduos a bens e serviços.

A terceira e última seção deste capítulo apresenta a análise de redes sociais, estabelecendo suas relações tanto com a segregação residencial quanto com o fenômeno da pobreza.

#### **1.1 Pobreza**

Pode-se dizer que a preocupação com as desigualdades e com a pobreza se iniciou nos países desenvolvidos após a euforia da reconstrução do pós-guerra, quando o foco direcionou-se para outras situações de privação em que as questões de sobrevivência não estavam mais em jogo. Genericamente, a pobreza passou a ser



definida como a situação na qual as necessidades não são atendidas de forma adequada. Dessa forma, o desenvolvimento da problemática da pobreza em países ricos levou à ênfase de seu caráter relativo. Em contraposição a uma visão de pobreza absoluta, estreitamente vinculada às questões de sobrevivência física (mínimo vital para a sobrevivência do ser humano), a pobreza passou a ser entendida como necessidades a serem satisfeitas em função do modo de vida predominante na sociedade em questão. Isto significou não apenas a incorporação da redução das desigualdades de meios entre indivíduos como objetivo social, como também o reconhecimento da existência de um conjunto de indivíduos “relativamente pobres” em sociedades onde o mínimo vital já estava garantido a todos (Rocha, 2005).

Sob tal perspectiva, a pobreza só pode ser entendida como um conceito socialmente construído e historicamente definido, ou seja, associada aos patamares de direitos estabelecidos em cada sociedade, em cada momento de seu desenvolvimento. Isto, pois, o conjunto de bens e serviços ao qual todos os seus cidadãos deveriam ter acesso é sancionado coletivamente pelas sociedades.

Influenciada pelas discussões iniciadas nos países ricos, de economias totalmente monetizadas, a abordagem da pobreza enquanto insuficiência de renda generalizou-se, passando a ser adotada até mesmo nos países mais pobres. Como forma de medição, estabeleceu-se um valor monetário associado ao custo do atendimento das necessidades médias de uma pessoa em uma determinada população. Foram definidas, então, duas linhas de referência. A primeira delas, chamada de linha de indigência, trata especificamente das necessidades nutricionais e alimentares, enquanto a segunda, linha da pobreza, refere-se a um conjunto mais amplo de necessidades consideradas mínimas em uma dada sociedade.

Não obstante a importância do conceito de pobreza relativa é válido ressaltar que em países subdesenvolvidos, onde amplos contingentes populacionais vivem privados do atendimento às necessidades mais essenciais, o conceito de pobreza absoluta ainda seria relevante (Cf. Rocha, 2005).

Mesmo tornando-se um método amplamente aceito, a abordagem estritamente monetária da pobreza encontra algumas dificuldades. A principal delas está no fato de que os índices que se utilizam exclusivamente da renda como medida para definir o fenômeno não são capazes de levar em conta, na mensuração do fenômeno, a crescente intervenção governamental no combate à pobreza e à desigualdade social através da

oferta de serviços públicos, subsídios e outros benefícios. No entanto, a deficiência desta visão, além de ser vista como a responsável pelo aparente paradoxo da década de 1980 (“a década perdida”), período em que se verificaram, simultaneamente, os piores índices de crescimento econômico em décadas e a melhoria dos indicadores sociais, também impulsionou abordagens que se utilizam de indicadores sociais que envolvem uma gama mais ampla de necessidades humanas como medida de bem-estar, tais como educação, saneamento, habitação etc. As implicações desta abordagem para os estudos sobre pobreza são discutidas com maiores detalhes adiante.

Dessa forma, a mensuração da pobreza enfrentava um desafio que estava diretamente ligado à alta complexidade e especificidade do fenômeno: o desenvolvimento de um indicador ao mesmo tempo social e sintético e que permitisse a comparação entre diversos países. Apesar das inúmeras tentativas realizadas durante as décadas de 1970 e 1980, não foi possível chegar a um resultado conceitual e operacionalmente satisfatório. Somente na década de 1990, quando o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) divulgou o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) – síntese da discussão sobre índices de desenvolvimento iniciada na década de 1960 –, parecia-se estar próximo de tal objetivo. O IDH baseava-se na média aritmética simples de três indicadores relativos a aspectos fundamentais da vida – esperança de vida ao nascer, nível educacional e PIB –, porém, assim como outros índices sintéticos, ele não conseguiu apresentar uma solução definitiva para as dificuldades de comparação e monitoramento da incidência de pobreza nos diferentes países.

Considerando as desvantagens do IDH, o próprio PNUD apresentou, em seu *Relatório de Desenvolvimento Humano* de 1997, um novo índice denominado de Índice de Pobreza Humana (IPH). Formulado de forma diferente para países em vias de desenvolvimento (IPH-1) e para países desenvolvidos (IPH-2). Preocupados em enfrentar as dificuldades apresentadas pelas abordagens econômicas, o IPH-1 foi composto somente por indicadores sociais, evitando o uso da variável renda. São eles: percentual de pessoas com esperança de vida inferior a 40 anos; proporção de adultos analfabetos; média simples da proporção da população sem acesso a água encanada e da proporção de crianças menores de cinco anos com peso insuficiente. O IPH-2, para países industrializados, além de indicadores como esperança de vida e alfabetização,

incluiu a proporção de pobres e a taxa de desemprego por mais de 12 meses como indicadores de exclusão.

No Brasil, até os anos 1970 a pobreza não era vista como um problema social do Estado, mas sim como um fenômeno natural e imutável e, portanto, discutido na esfera do assistencialismo e não no âmbito da cidadania. O debate girava em torno da ótica da violência e do potencial de periculosidade da pobreza. Somente nas décadas de 1960 e 1970, no contexto da discussão sobre a questão da marginalidade, a temática da pobreza ganhou força. Contudo, foi nos anos 1990, após a estabilização econômica, que o tema da pobreza obteve definitivamente centralidade no debate nacional: resolvido o problema da inflação, reduzir a desigualdade parecia ser o objetivo prioritário da sociedade brasileira (Bichir, 2006).

Os anos 1990 marcaram também uma inflexão no entendimento do processo que poderia levar à eliminação da pobreza. Diferentemente da década de 1970, período que ficou conhecido como “milagre brasileiro”, a eliminação da pobreza não era mais vista apenas como uma questão de crescimento econômico, mas sim de equidade social.

Segundo autores como Rocha (2005, 2006) e Barros *et all* (2000), valores como os do PIB *per capita* – que segundo o IBGE foi de R\$10.520,00 em 2005 – evidenciavam que o Brasil não era um país pobre, mas um país com muitos pobres. Nesse caso, os elevados níveis de pobreza não estavam associados prioritariamente à escassez, relativa ou absoluta, de recursos, mas sim à perversa desigualdade na distribuição de renda e das oportunidades de inclusão econômica e social.

Segundo o *Relatório de desenvolvimento humano* de 1999, a renda familiar *per capita* e o PIB *per capita* representaram, naquele ano, valores cinco a oito vezes superiores à linha da indigência e três a quatro vezes superiores à linha de pobreza. Estes dados, aliados ao fato de o grau de pobreza no Brasil ser significativamente superior à média dos países com renda *per capita* similar à nossa, reforçaram a hipótese de que a pobreza brasileira não estava associada à escassez de recursos, mas sim a sua má distribuição (Barros *et all*, 2000).

No entanto, o combate à pobreza no Brasil sempre esteve associado ao crescimento econômico, relegando à redistribuição de renda um papel bastante limitado. Mesmo durante a década de 1970, período de maior desenvolvimento econômico – o PIB apresentou crescimento real médio de 8,6% ao ano – e de maior queda da proporção de pobres – de 68% da população em 1970 para 35%, em 1980 -, houve um

substancial aumento da desigualdade de renda, tendo o índice *Gini*<sup>3</sup> passado de 0,56, em 1970, para 0,59, em 1980 (Rocha, 2005).

Findado o “milagre brasileiro”, os anos 1980 caracterizaram-se por interromper um processo de crescimento sustentado do PIB brasileiro que ocorria desde 1947. Seus ciclos econômicos de curto prazo deixaram como herança as piores taxas de crescimento econômico desde a Segunda Guerra. No entanto, de forma paradoxal, não houve o aumento esperado da proporção de pobres. Ao contrário, segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), entre 1981 e 1990 a proporção de pobres reduziu de 34% para 30%.

Criticando as análises que entendem tais resultados como paradoxais, autores como Torres, Bichir e Pavez (2006) e Figueiredo, Torres e Bichir (2006) demonstraram que a solução para o aparente mistério da melhoria dos indicadores sociais em um período de crise econômica e de queda dos índices de ocupação nas décadas de 1980 e 1990 está na ampliação da participação do Estado na produção de políticas públicas de combate à pobreza. Os impactos de tais políticas não poderiam ser, e não foram, captados pelos indicadores sintéticos focados exclusivamente na renda, gerando um paradoxo que se revelou apenas aparente.

Os anos 1980 também se destacaram por marcar um período de crescente urbanização da pobreza. No final daquela década, mais de dois terços dos pobres brasileiros viviam em áreas urbanas. São Paulo e Rio de Janeiro, as duas principais metrópoles do país, aumentaram sua participação de 13% dos pobres brasileiros no começo da década, para 15% em 1990. Ressalta-se que essa metropolização da pobreza implicou em transformações estruturais, pois a alta densidade exigia uma boa infraestrutura urbana, fazendo com que a ocorrência de carências tornasse as condições de vida dos pobres especialmente adversas (Rocha, 2005).

Além das duas metrópoles, São Paulo e Rio de Janeiro, a área rural do Nordeste também representava um importante pólo de pobreza, evidenciando, mais uma vez, a complexidade do fenômeno no Brasil.

O início da década de 1990 deu continuidade à estagnação verificada no final dos anos 1980. Entre 1990 e 1993 houve melhoria na proporção de pobres nas áreas

---

<sup>3</sup> O coeficiente de Gini é uma medida comumente utilizada para calcular a desigualdade de distribuição de renda, mas pode ser usada para qualquer distribuição. Ele consiste em um número que varia entre 0 e 1, onde 0 corresponde à completa igualdade de renda e 1 à completa desigualdade.

rurais do país, acompanhada de um agravamento nas metrópoles – a proporção de pobres na metrópole paulista passou de 34%, em 1990, para 43% em 1992 –, o que era compatível com a natureza da crise recessiva enfrentada desde o início da década passada.

No entanto, o período que se iniciou em 1994 e estendeu-se até 1999 foi marcado pela forte queda da incidência da pobreza, fruto do sucesso do plano de estabilização econômica implementado naquele ano, o Plano Real: entre 1993 e 1995 a proporção de pobres reduziu de 30% para 20%. Os benefícios da estabilização alcançaram todo o espectro da pobreza e, sobretudo, foram mais fortes na base da distribuição: chegou a representar um aumento de 100% de renda real para aqueles que se situavam na base da distribuição de rendimentos.

A elevação dos rendimentos teve grande impacto na pobreza absoluta, reduzindo-a de 44%, em 1993, para 33,3%, em 1995. Este foi o melhor resultado observado desde 1970, porém, apesar de seus efeitos terem durado até o final da década, já em 1996 alguns dados, como o da estabilização da pobreza no patamar de 34%, indicavam que o poder de transformação do Plano Real esgotara-se. Outro ponto importante diz respeito aos diferentes impactos da estabilização econômica do período sobre as regiões do país. Apesar de as melhoras sustentadas da pobreza ocorrerem nas áreas rurais, nas metrópoles, e em especial em São Paulo, os índices deterioravam-se, fruto do forte impacto dos ajustes no sistema produtivo e no mercado de trabalho.

O aquecimento da economia em 1999 interrompeu um declínio da renda que vinha sendo verificado desde a desvalorização do Real. No entanto, a insuficiência energética brasileira e a crise argentina cessou, em 2001, a retomada dos rendimentos.

Já em 2004, os dados do Pnad apontaram um forte declínio da pobreza e da indigência no período entre 2003 e 2004. Estes resultados foram os melhores desde o Plano Real, e estavam relacionados à forte expansão da ocupação, aliada ao aumento dos rendimentos na base da distribuição no período em questão.

Acompanhando a tendência da década anterior, tal redução da pobreza apresentou-se diferenciada no território nacional. A melhoria nos índices de pobreza observada no ano de 2004 foi mais expressiva nas áreas rurais e mais tênues nos centros metropolitanos. Assim, a queda sustentada e mais acentuada nas áreas rurais, aliada a redução de sua população, tornou a pobreza um fenômeno especialmente urbano e metropolitano. São Paulo, por exemplo, apresentou, no mesmo período, crescimento na

proporção de pobres em relação a sua população total: de 41%, em 2003, para 41,6%, em 2004.

Retomando o debate sobre o aparente paradoxo dos anos 1980 – recessão econômica acompanhada por melhora dos indicadores sociais –, é importante destacar que para Marques (2005, 2007), Figueiredo, Torres e Bichir (2006), Torres, Bichir e Pavez (2006) e Rocha (2005, 2006), a resposta para este fenômeno pode estar tanto na participação do Estado como mantenedor das necessidades básicas da população pobre no Brasil, quanto nas transformações demográficas ocorridas nos centros urbanos.

Apesar da grave crise econômica no período, a área social testemunhou importantes avanços tanto na década de 1980 como na de 1990. Os resultados encontrados por Renata Bichir em sua pesquisa de Mestrado (2006) indicam a existência de uma boa cobertura de serviços de infra-estrutura urbana – água encanada, energia elétrica, iluminação pública, esgoto, coleta de lixo etc. – mesmo nos domicílios mais pobres do município de São Paulo. Além desses serviços, políticas como as de educação, saúde e de transferência de renda teriam, segundo Torres, “o potencial de funcionar como redes de proteção social, proporcionando melhoria de condições sociais mesmo no contexto de relativa deterioração econômica” (Torres *et al*, 2006:20). De forma semelhante, as rendas auferidas através de aposentadorias e de outros benefícios previdenciários indexados ao salário mínimo também contribuíram para a melhora do bem-estar das famílias.

Efeitos semelhantes foram destacados por Figueiredo *et al* (2006) em relação ao mercado de trabalho. Segundo esses autores, entre 1991 e 2004 houve uma expressiva redução da proporção de ocupados entre os 40% mais pobres de São Paulo (de 57,3% para 45,9%), juntamente com uma substancial redução do trabalho com carteira assinada (de 54% para 30%), e uma explosão da informalidade (de 25% para 51%). Como consequência, ocorreu uma significativa desconexão dos mais pobres com o mundo do trabalho, gerando impactos substanciais nas possibilidades de ascensão social e de integração à sociedade urbana contemporânea. No entanto, a inserção precária no mercado de trabalho não significou, necessariamente, um impacto substancial sobre a renda total auferida pelas famílias. De fato, houve um aumento significativo da renda média dos 40% mais pobres.

A resposta pode estar tanto no aumento do salário médio pago para os indivíduos com menos de oito anos de escolaridade<sup>4</sup>, quanto na ampliação dos programas de transferência de renda. Em 2004, 19% da população pobre de São Paulo tinha acesso à pelo menos um dos programas de transferência de renda existentes, seja do governo municipal, estadual ou federal, gerando um substancial impacto na renda dos seus beneficiários: em média, 14% da renda total. Para as famílias mais pobres, o impacto foi ainda maior, chegando a 21% da renda. Ou seja, a ação do Estado, através de políticas públicas de transferência de renda, foi de fundamental importância, principalmente se considerarmos o período de grave crise econômica pelo qual passava a sociedade brasileira (Figueiredo *et al*, 2006).

As transformações demográficas ocorridas nos últimos vinte anos também contribuíram para o aumento da complexidade do fenômeno da pobreza, dificultando sua apreensão via indicadores sintéticos de renda. Segundo Torres (2005b), enquanto regiões centrais da cidade perdem volumes significativos de população, a “fronteira urbana” – um tipo de periferia caracterizada por altíssimas taxas de crescimento demográfico e precariedade no acesso a serviços públicos – cresce, em média, 6,3% ao ano, passando, entre os anos de 1991 e 2000, de 19% para 30% da população total da mancha urbana de São Paulo. Torres ressalta ainda que a fronteira urbana diferencia-se tanto da “cidade consolidada” quanto de áreas com alta concentração de pobres – denominadas pelo autor de periferia consolidada – que, no entanto, possuem parâmetros sócio-econômicos superiores aos encontrados na fronteira urbana. Para se ter uma idéia da magnitude dessas diferenças, a renda *per capita* familiar é quase três vezes maior no centro consolidado do que na fronteira. Em relação aos domicílios, a proporção de população que vive em favelas é de 15,5% na fronteira urbana e de 12,5% na periferia consolidada.

Por fim, as expressivas melhorias em termos de acesso a bens e serviços nas periferias consolidadas e o rápido crescimento dos domicílios pobres nas regiões fronteiriças das áreas metropolitanas, indicam maior complexidade dos padrões recentes de pobreza urbana. Tal fenômeno sugere, assim, uma pobreza multifacetada, incapaz de

---

<sup>4</sup> Cf. Rocha (2006), mesmo com uma pequena queda na participação no mercado de trabalho, o período entre 2003 e 2004 marcou um aumento de 1,69% na renda dos trabalhadores que possuem até oito anos de escolaridade.

ser apreendida em sua heterogeneidade apenas por meio de atributos individuais como escolaridade e renda.

A dinâmica das condições sociais, segundo essa visão, é produzida por processos mais complexos que envolvem não apenas o mercado de trabalho como também as políticas estatais e transformações significativas de natureza demográfica. Por esta razão, a pobreza deve ser entendida como um fenômeno de múltiplas dimensões cumulativas que reforçam e reiteram situações de privação. Nas palavras de Marques:

A pobreza não pode ser definida apenas em termos de níveis materiais de sobrevivência, mas tem de considerar aqueles indivíduos que, apesar de conseguirem sobreviver acima do mínimo, não têm acesso aos mais importantes benefícios das sociedades urbanas modernas, como educação, saneamento básico, saúde, cultura e integração social (2005a: 40).

É a esta visão de pobreza que este trabalho filia-se. Ou seja, a pobreza é aqui considerada como um fenômeno multidimensional, cuja definição depende dos enquadramentos culturais e dos patamares de justiça aceitos por uma dada sociedade. Ela envolve também a existência de certas características e faculdades dos indivíduos, além da presença de níveis mínimos de bem-estar, entendidos de forma ampla. Como destacado acima, o acesso ao bem-estar não ocorre apenas via rendimentos oriundos do mercado de trabalho, mas também por meio do Estado e de dimensões societais (Marques, 2007).

Cabe ainda destacar, como será visto na próxima seção, que a distribuição espacial destas formas de pobreza acentua a complexidade do fenômeno, pois pode facilitar ou dificultar o acesso a bens, serviços e oportunidades aos vários grupos sociais localizados espacialmente. Desse modo, mesmo que não aconteçam de forma completa ou perfeita, as privações sociais tendem a se sobrepor e a se acumular em determinadas regiões (Torres, Ferreira e Gomes, 2005).

## **1.2 Segregação e estruturas de oportunidades**

Nesta seção discute-se a importância da dimensão espacial para o fenômeno da pobreza. O primeiro ponto a ser ressaltado é o território, entendido nesta dissertação como o fruto das complexas relações existentes entre espaço e sociedade e não apenas como um produto direto desta.



Incentivadas pelos fenômenos da urbanização e metropolização que ocorriam no Brasil, a partir da década de 1970 surgem importantes produções científicas sobre o espaço, mas especificamente através da temática da urbanização. No início, os trabalhos eram marcados por análises macrossociológicas influenciadas pelo debate sobre o chamado “desenvolvimento dependente” e sobre o mercado de trabalho, caracterizado por sua alta taxa de informalidade. Assim, esse modelo de estudo a respeito do urbano brasileiro nasceu buscando enquadrar analiticamente nossas metrópoles e seus fenômenos em processos macrossociais associados a um tipo específico de capitalismo: o periférico e dependente.

Uma das principais linhas de pesquisa dessa literatura priorizava os processos concretos e os mecanismos de produção de nossas cidades, em especial, aqueles que envolviam a produção dos espaços habitados pelas populações de baixa renda. É dessa temática que surgem os estudos sobre periferia entendida como espaço de reprodução da força de trabalho no interior da ordem capitalista periférica e subordinada. De forma sintética, pode-se dizer que, para essa perspectiva analítica, as desigualdades socioespaciais eram entendidas como reflexo territorial das grandes desigualdades produzidas no mercado de trabalho de um capitalismo periférico e dependente. Dessa forma, os mecanismos que produziam o espaço urbano levavam à homogeneidade territorial da pobreza, transformando a periferia num ambiente marcado pela precariedade e pela ausência.

Autores como Kowarick (1985; 1988; 1991); Kowarick & Ant (1988); Kowarick & Campanário (1988); Kowarick & Gunn (1992); Kowarick & Jacobi (1997); Bonduki (1988); Bonduki & Kowarick (1988) e Rolnik (1988) tornaram-se clássicos nas análises da chamada “urbanização periférica” das metrópoles brasileiras, caracterizada por um lado, pela existência de áreas centrais mais bem equipadas e destinadas às camadas de médio e alto poder aquisitivo e, por outro, pelas longínquas periferias carentes de infraestrutura e destinadas à moradia da classe trabalhadora. Pode-se dizer, grosso modo, que essa literatura trabalha com um modelo dicotômico (centro-periferia), no qual a periferia é caracterizada como socialmente homogênea, distinguindo-se das outras áreas da cidade principalmente pela ausência de serviços.

Nos anos 1980, o debate deslocou-se para o estudo das ações coletivas que estavam ocorrendo nos espaços periféricos. Este novo enfoque foi importante por acrescentar os dominados como atores sociais plenos, permitindo o desenvolvimento de

estudos sobre as ações coletivas urbanas em torno da luta por melhores condições de vida. Paralelamente a esses estudos, antropólogos, principalmente na Universidade de São Paulo, produziram teses detalhadas a respeito dos moradores da periferia, seu cotidiano e suas visões sobre sociedade, seus espaços políticos e suas formas de vidas.<sup>5</sup>

Contudo, sem deixar de reconhecer o momento histórico em que esses trabalhos foram produzidos, nem seus objetivos de produzir interpretações críticas de nosso capitalismo, é importante destacar que as transformações pelas quais passaram os centros urbanos e as metrópoles brasileiras nos últimos anos exigem do analista a introdução de outros elementos que permitem ampliar o alcance da análise diante do novo quadro urbano, social e político encontrado.

É neste contexto que trabalhos mais recentes, como os de Marques (2001, 2005a, 2005b, 2007), Torres (2003, 2005a, 2005b) e Bichir (2006), indicam um novo padrão de urbanização em São Paulo. De forma semelhante às teses produzidas nos anos 1970 e 1980, os dados sobre macro-segregação em São Paulo apresentados por Bichir (2006). Revelam a existência de padrões bem definidos de concentração espacial de precariedades sócio-econômicas nas periferias da cidade, em especial nas zonas Leste e Sul.

Pesquisas empíricas realizadas por Torres (2005b) demonstram que a ocupação da “fronteira urbana” paulistana por parte de uma população predominantemente de baixa renda ainda é um dos elementos fundamentais da estruturação da metrópole paulistana no início do século XXI. Em suas palavras:

*A região da periferia que definimos como fronteira urbana continua a receber migrantes; continua crescendo a taxas aceleradas; continua apresentando uma estrutura urbana precária; continua sendo o lugar de problemas fundiários, com a expansão de favelas e loteamentos clandestinos; continua sendo o lugar de conflitos ambientais, com ocupação de concentração daqueles que não têm lugar (2005b:102).*

---

<sup>5</sup> T. Caldeira. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984; Carmem Cinira Macedo P. de Moraes. *A reprodução da desigualdade: o projeto de vida familiar de um grupo operário*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 1977; Ana Maria de Niemeyer. *O lugar da pobreza. Moradia e controle de espaço na favela*. São Paulo: 1972-1977. Tese de doutorado, FFLCH-USP, 1984; José Guilherme Cantor Magnani. *Festa no pedaço: o circo-teatro e outras formas de lazer e cultura popular*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 1982; Alba Zaluar. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo, Brasiliense, 1985;

Esses resultados são condizentes com o modelo radial concêntrico, caracterizado por deslocar parcelas da população mais carentes de recursos para áreas cada vez mais distantes do centro da cidade. Contudo, destacam os autores, padrões mais complexos de distribuição espacial são observados quando são consideradas escalas mais desagregadas (micro-segregação). Isto, pois grandes transformações na periferia durante as décadas de 1980 e 1990 – tais como o surgimento de empreendimentos urbanos fechados de alto padrão em regiões tradicionalmente ocupadas por pobres<sup>6</sup>, o processo de disseminação da pobreza por toda a cidade e a expressiva expansão do acesso das camadas pobres da população a serviços públicos –, contribuíram para a diferenciação dos grupos urbanos pobres (Torres, 2005b).

Resultados encontrados por Torres indicam que áreas com grande concentração de pobres e igualmente periféricas, denominadas por ele de periferias consolidadas, apresentaram parâmetros sócio-econômicos superiores aos observados na fronteira urbana, indo ao encontro da argumentação de uma maior heterogeneidade das situações de precariedade no território. Por exemplo, na década de 1990, enquanto a periferia consolidada crescia 1,3% ao ano, a fronteira urbana crescia à impressionante taxa de 6,3% (Torres, 2005b).

No entanto, a distância em relação ao centro ou a evolução histórica da cidade não são os únicos elementos a determinar a qualidade dos espaços residenciais. Faz-se necessário considerar outras variáveis, como o efeito das políticas públicas, que podem transformar o espaço através da criação de infra-estrutura de equipamentos e serviços (Préteceille, 2003). Desta forma, os dados relativos à cobertura de serviços de infra-estrutura urbana podem revelar importantes diferenças nos níveis de acesso no interior de uma macro-região.

Através de um modelo de análise multivariado, Bichir (2006) identificou grupos com acessos diferenciados à infra-estrutura urbana, mesmo entre os mais pobres. Apesar de seus resultados indicarem que o principal elemento na diferenciação das condições de acesso à infra-estrutura ainda era a macro-região (periferia, intermediário e centro) – confirmando a hipótese de que mesmo em contextos como os de São Paulo, em que a cobertura de serviços, em termos gerais, é elevada, existem diferenciais de acesso de

---

<sup>6</sup> Situação denominada de enclaves fortificados por T. Caldeira em seu livro *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.

acordo com a região de moradia –, dados relativos à micro-segregação revelam a existência de acesso diferenciado no interior de cada macro-região.

A presença de micro-regiões pobres em áreas centrais e intermediárias, aliada ao fato de que, mesmo nas periferias, viver em micros ambientes ricos tem impacto sobre as condições de vida inclusive para os mais pobres, reforçam a necessidade de atentar para as diversas situações de privação existentes. Um exemplo disto é o fato de que domicílios localizados em favelas na macro-região intermediária têm maior índice de acesso inadequado do que domicílios localizados na periferia da cidade (Bichir, 2006). Outro exemplo é dado por Ronaldo de Almeida e Tiaraju D'Andrea (2005) no estudo sobre as estruturas de oportunidades na favela Paraisópolis. Segundo estes autores, ao mesmo tempo em que está imersa num contexto de pobreza, a favela encontra-se cercada por uma região de alta renda da cidade de São Paulo (Morumbi), configurando uma situação de precariedade em contexto de relativas oportunidades. Este fato por si só diferencia Paraisópolis de grande parte da periferia de São Paulo, caracterizando-a como um local de relativo dinamismo econômico e considerável cobertura de assistência social, aumentando tanto a possibilidade de seus moradores encontrarem emprego quanto de acessarem benefícios através do grande fluxo de informações e da diminuição do custo do transporte.

Nesta perspectiva, a pobreza e os espaços em que os pobres residem seriam muito mais heterogêneos do que geralmente considera a literatura sobre o assunto, conformando diferentes níveis de segregação mesmo nas áreas mais pobres. Observa-se também que, diferentemente das análises dos anos 1970, a periferia não é mais marcada pela ausência de serviços, mas sim pelo diferencial em sua qualidade.

Mesmo considerando que a estrutura da metrópole continua a ser caracterizada pela existência de espaços homogêneos social e espacialmente, configurando uma intensa segregação entre áreas ricas e pobres (modelo radial concêntrico), é preciso estar atento ao fato de que espaços igualmente pobres possuem características diferentes entre si no que diz respeito ao acesso a equipamentos públicos ou a características relativas a outras precariedades.

Esta nova concepção de periferia dificilmente poderia ser observada por intermédio de análises macrosociológicas, sugerindo a necessidade de incorporação de novos instrumentos capazes de captar esta heterogeneidade em seu detalhe. Sem ignorar o fato de que o mercado de trabalho continua ocupando um papel fundamental na

produção e reprodução da pobreza e das desigualdades urbanas, é preciso levar em conta que inúmeros processos locais da dinâmica das políticas públicas e outros ligados ao cotidiano das comunidades influenciam e diferenciam os lugares. Assim, segundo essa visão, o espaço não é apenas o produto desses elementos, mas representa também um conjunto de constrangimentos e possibilidades, diferenciando as oportunidades que moradores de lugares mais ou menos segregados experimentam.

Os resultados encontrados por Bichir (2006) apontam as variáveis territoriais como os elementos que geraram os diferenciais mais significativos nos níveis de acesso a serviços de infra-estrutura urbana. Tais resultados permitem afirmar que, dependendo de onde morem, indivíduos igualmente pobres e com o mesmo grau de escolaridade têm condições e características diferentes, pois inúmeros processos locais da dinâmica das políticas públicas, e outros ligados ao cotidiano das comunidades, influenciam e diferenciam os lugares. Os dados apresentados por Torres, Ferreira e Gomes (2005) em um estudo sobre segregação social e educação fortalecem esta visão, pois indicam que o território é um dos elementos a influenciar significativamente na taxa de conclusão do ensino médio em São Paulo. É exatamente neste sentido, qual seja, o de conformar o acesso a serviços, que o tema da segregação ganha importância para o estudo dos mecanismos que reforçam a reprodução da pobreza.

A respeito da segregação, pode-se dizer, de forma sintética, que a literatura sobre o tema descreve três processos distintos. Para o primeiro deles, a segregação implicaria em total apartação e isolamento. Dessa forma, ela poderia estar associada às idéias de gueto ou cidadela, dependendo dos processos de segregação serem impostos por terceiros ou construídos como estratégias pelos próprios grupos. No livro *Cidade de Muros*, Caldeira (2003) descreve casos de auto-segregação observados na região metropolitana de São Paulo (enclaves fortificados), semelhantes à idéia de cidadelas. Já a definição de gueto, que envolve limites físicos e legais à mobilidade para o restante da cidade, é mais difícil e polêmica de ser usada para as zonas periféricas de nossas cidades, mesmo que estas apresentem graus significativos de segregação. Segundo Marques (2005a), analisar graus de segregação, no sentido de separação, é bastante difícil em termos de método, porém, em termos conceituais seria possível tratar a questão a partir da idéia de que grandes distâncias podem significar isolamento para populações de baixa renda. Restaria, no entanto, o problema de operacionalização.

De outra forma, segregação também pode significar desigualdade de acesso, em várias acepções da expressão. No Brasil, ela freqüentemente está associada à desigualdade de acesso às políticas públicas. Este é o caso do trabalho de Bichir (2006), já mencionado, que atenta não só para os diferenciais nos níveis de acesso aos serviços de infra-estrutura urbana, como para sua qualidade.

Em um terceiro sentido, a segregação também significa separação de grupos ou, dito de outra forma, homogeneidade interna e heterogeneidade externa na distribuição no espaço. Segundo Marques, esta perspectiva é utilizada para “investigar os padrões de semelhança e diferença na distribuição dos grupos sociais no espaço, considerando alguma clivagem (renda, escolaridade, raça, etc.)” (2005a:34); e assim gerar um conjunto de medidas, das quais a mais importante é o *Índice de dissimilaridade*. Tal índice mede a proporção de uma dada população que teria de se mudar para que a distribuição da população em cada área fosse similar à distribuição existente no conjunto da cidade (Torres, 2005).

Neste trabalho, o conceito de segregação utilizado refere-se tanto à desigualdade de acesso a serviços públicos, quanto ao grau de separação ou isolamento residencial entre diferentes grupos sociais. Isto, pois se entende que separação e desigualdade de acesso constróem-se e reconstróem-se mutuamente, através de processos indissolúveis. A separação especifica tanto o acesso desigual quanto, simultaneamente, a desigualdade de acesso especifica e reproduz a separação. Nas palavras de Marques:

*Em nossas cidades, os grupos não apenas se localizam separados entre si em espaços homogêneos internamente e distantes uns dos outros como, por causa disso, ocorre um acesso diferenciado desses grupos às oportunidades e aos equipamentos vigentes na cidade, com muitas conseqüências negativas para os grupos sociais segregados; embora isso também ocorra, os processos parecem ser mais dinâmicos, e os diferenciais de acesso também são causa da separação. Isso ocorre porque, em um espaço urbano marcado pela escassez de amenidades, os grupos sociais de menor renda se dirigem de forma maciça para espaços destituídos de serviços (ou servidos de pior forma), pois estes são os de menor renda da terra, o que leva a uma elevação da concentração e da homogeneidade social (2005a: 35).*

Dessa forma, o conceito de desigualdade social aqui utilizado refere-se a desigualdades sociais associadas ou inscritas especificamente no espaço urbano. O território, ao cumprir um papel importante na produção e reprodução de desigualdades, confere relevância à desigualdade de acesso. Para Rubén Kaztman e Carlos Filgueira

(1999), a segregação espacial cria dificuldades de acesso ao que eles denominaram de estruturas de oportunidades. Estas estruturas facilitam às famílias o uso de seus próprios recursos ou lhes provêem recursos novos, condicionando suas possibilidades de saírem ou persistirem na situação de pobreza em que vivem. Ainda segundo estes autores, o acesso a determinados bens, serviços ou atividades desenvolve uma espécie de “rota” de bem-estar, ou seja, o acesso a recursos promove acessos a novos recursos.

Na medida em que permitem o aproveitamento das oportunidades oferecidas pelo meio através do mercado, do Estado ou da sociedade, estes recursos se convertem em ativos (Cf. Moser, 1998), que podem ser usados para superar momentos de crise – resposta de curto prazo a mudanças, apoiadas no capital social –, ou como estratégias de mobilidade e integração social – planos de longo prazo que assegurem a inversão dos ativos de capital humano para aproveitar as estruturas de oportunidades.

Ao considerar o nível de vulnerabilidade de um lugar através da posse de ativos requeridos para o aproveitamento das oportunidades, o estudo da pobreza desloca-se para a análise de situações que podem gerar vulnerabilidade social pela ausência de ativos em um determinado grupo. Caroline Moser (1988), quem primeiro relacionou ativos à vulnerabilidade social, observa que o *portfólio* e a mobilização de ativos das famílias vulneráveis só podem ser examinados à luz das lógicas gerais de produção e reprodução de ativos, não podendo ser reduzidos às lógicas das famílias e suas estratégias. Também trabalhando com o conceito de ativos, Kaztman acrescenta à observação de Moser a ressalva de que os recursos das famílias e as formas com que são usados também dependem das trocas no mercado, de modificações nas prestações dos serviços estatais e do acesso a recursos comunitários. Dessa forma, alterações na vulnerabilidade só poderiam ocorrer através de mudanças na posse de recursos, ou através de alterações nos requerimentos de acesso às estruturas de oportunidades.

Para Kaztman, o mercado, ao estabelecer tanto as estruturas de oportunidades que conduzem ao bem-estar como os requerimentos aos quais as pessoas devem satisfazer para aproveitá-las, exhibe crescente centralidade na definição das estruturas de oportunidades, exercendo domínio sobre o Estado e a sociedade. Todavia, de forma paradoxal, o mercado não é capaz de transformar suas propostas em bem-estar efetivo, difundindo uma crescente incerteza a respeito do trabalho como via principal de construção do futuro.

Assim, as transferências de funções do Estado para o mercado ou para a sociedade civil geram, na visão de Kaztman, dois tipos de problemas. O primeiro diz respeito ao fato de que mesmo definindo os padrões de mobilidade e integração, o mercado não é capaz de sustentar a segurança do trabalho e, por conseqüência, seu caráter de integração. O segundo refere-se à incapacidade, por parte da família e da sociedade civil, em assumir o papel do Estado de formador de cidadania. Portanto, nem o mercado nem os formatos organizacionais das instituições primordiais têm condições para cumprir com eficiência o papel integrador exercido pelo Estado, reforçando a importância de suas instituições na conformação de oportunidades através do impacto de suas políticas na produção, distribuição e uso de ativos que facilitam o acesso aos canais de mobilidade e integração social.

Essa análise relaciona a posse de ativos com o acesso às estruturas de oportunidades, promovendo um marco que permite organizar e dar sentido à heterogeneidade da pobreza em termos de um *portfólio* limitado de ativos. Ao mesmo tempo em que ressalta a presença de um conjunto de atributos considerados necessários para um aproveitamento efetivo da estrutura de oportunidade, tal perspectiva reconhece a visão dos atores, facilitando a investigação sobre as barreiras que impedem algumas famílias de incorporar ativos que realmente importam para a mobilidade e para a integração nas estruturas de oportunidades existentes. Uma das principais contribuições deste modelo de análise está no fato de o conhecimento da distribuição de ativos esclarece muito sobre o caráter mais ou menos concentrado e permanente da distribuição do acesso em uma dada sociedade.

Não se pode deixar de ressaltar que, apesar de considerar o mercado de trabalho e as estruturas de produção como importantes elementos na produção da segregação e da pobreza urbana – as novas modalidades de crescimento expulsam muitas famílias dos principais circuitos da economia, sujeitando os pobres a uma crescente segregação residencial –, Kaztman pondera ser necessário ampliar o marco interpretativo incorporando as profundas transformações que afetam o tecido social das cidades. É nesse sentido que os bairros são entendidos como *contextos ecológicos* que mediam o acesso das pessoas às fontes mais importantes de ativos físicos, sociais ou humanos localizados no mercado, no Estado e na comunidade. Pode-se concluir destas afirmações que, morar em bairros com alta concentração de pobreza agregaria desvantagens importantes às famílias e aos indivíduos (Kaztman e Retamoso, 2005).



De acordo com Kaztman, apesar de as grandes cidades latino-americanas apresentarem muitos bairros pobres e igualmente frágeis, esses se diferenciam, pois, em alguns deles, seus moradores estão mais bem organizados, mantêm laços mais fortes com o resto da sociedade e com o Estado e controlam um *portfólio* de ativos mais importantes. Estas variações, que conferem maior heterogeneidade ao território urbano, tanto estão ligadas aos diferentes contextos econômicos da formação dos bairros, quanto à qualidade da infra-estrutura física, ao grau de maturação de suas instituições e aos ativos de capital físico e social existentes. Desta forma, a sobreposição de diversos mecanismos instrumentais – segregação residencial, custo do transporte, presença/ausência de comércio e serviços, limitações da segurança pública, aumento das distâncias físicas e sociais entre as classes –, e de socialização (relacionais) atuam na diferenciação dos espaços urbanos (Kaztman, 2003).

Na visão desse autor, a segregação residencial é um dos elementos a afetar as estruturas de oportunidades, tanto por dificultar o acesso a bens e serviços, quanto porque propicia espaços urbanos com maior homogeneidade social, reduzindo as oportunidades de interação com pessoas de outras classes sociais. Como consequência, a segregação diminui as possibilidades de acumulação de ativos aos pobres, pois a homogeneidade reduz as oportunidades de interação entre membros de classes sociais, impossibilitando aos mais pobres entrarem em contato com recursos diferentes daqueles que circulam regularmente em seu entorno, tornando as redes ineficientes para a obtenção, por exemplo, de emprego.

Além disso, a ausência de contatos com indivíduos que seriam modelos bem sucedidos gera menos oportunidades para incorporar hábitos, o que, por sua vez, aumenta a disposição por caminhos ilegítimos de acesso a bens; diminui o conjunto de problemas cuja experiência e soluções poderiam ser compartilhadas com outras classes e, por fim, retira apoio de ações que visam solucionar os problemas relacionados com a pobreza daqueles com maior peso político na sociedade.

O resultado de todo este processo é o crescente isolamento social dos pobres urbanos. Isolamento que se converte em obstáculo para a acumulação de ativos, fazendo com que a pobreza urbana socialmente isolada se constitua no caso paradigmático da exclusão social. O aumento das disparidades no acesso e nas condições de trabalho que resultam do funcionamento atual da economia tende a manifestar-se em segmentações dos serviços e polarização na distribuição das classes no espaço urbano, enquanto que as

formações “subculturais” que acompanham a consolidação da segregação residencial dos pobres reforçam os processos de diferenciação de acesso e de segmentação dos serviços (Kaztman, 2001). Assim, segundo esta perspectiva, a sobreposição de carências tanto provenientes do mercado de trabalho como das características locais projeta a heterogeneidade no espaço urbano.

Entendendo a superação da pobreza não só como uma questão de melhora das condições materiais, mas também de reforço nos laços com o resto da sociedade, Kaztman defende que toda política de diminuição da pobreza deve contribuir para a melhora da integração social dos pobres à sociedade sobre as bases da equidade, assim como a construção da cidadania. Nas palavras do autor:

*Para los pobres urbanos, estas acciones significan promover espacios para la sociabilidad informal con otras clases y generar condiciones de acceso a los servicios sociales básicos, ampliando de ese modo sus oportunidades de compartir experiencias y destinos con el resto de la sociedad (2003: 23).*

Por fim, para Kaztman, é necessário que qualquer intervenção de base territorial incorpore estudos que reconheçam a diversidade das estruturas sociais no espaço urbano, assim como as peculiaridades dos bairros, já que suas características definem o acesso às estruturas de oportunidades. No entanto, não se pode deixar de levar em conta que as estruturas de oportunidades locais e a acumulação de ativos familiares e comunitários estão fortemente ligadas às estruturas de oportunidades que incorporam esferas-chaves do mercado de emprego e das políticas de Estado.

Evidencia-se, com o que se argumentou até aqui, a importância do território como um elemento que facilita ou dificulta o acesso às estruturas de oportunidades que, por sua vez, condicionam as possibilidades de as famílias saírem ou persistirem na situação de pobreza em que vivem. Nesse sentido, a desigualdade de acesso, consequência da segregação residencial, influencia fortemente as possibilidades de alcançar bem-estar individual e coletivo ou ingressar em situações de vulnerabilidade. Marques descreve esta sobreposição de precariedades da seguinte forma:

*Indivíduos ou famílias com menor acesso a políticas e serviços tendem a ter pior acesso a mercados, em especial por apresentarem ativos de pior qualidade ou por estarem associados de uma forma menos vantajosa à estrutura de oportunidades presente em uma dada situação social (2005a: 42).*

Como visto, para autores como Marques e Kaztman, a pobreza é um fenômeno relacional e, por isto, sofre os efeitos da redução de contatos entre grupos sociais

distintos ocasionada pela segregação residencial na medida em que essa última dificulta o acesso das famílias às estruturas de oportunidades. No entanto, mesmo considerando que os efeitos das redes sociais e da segregação sejam equivalentes, no sentido em que agem sobre o acesso às estruturas de oportunidades, para Marques, o impacto das redes sociais tende a ser mais dinâmico. Ao intensificarem os laços sociais no interior de comunidades de baixa renda e, principalmente, ao construírem pontes para fora das comunidades, permitindo solucionar os problemas do cotidiano mais facilmente e viabilizar a mobilidade social, as redes sociais influenciam fortemente a maneira pela qual os ativos presentes em uma dada comunidade se inserem em suas estruturas de oportunidades.

O objetivo da próxima seção é justamente aprofundar o entendimento sobre as relações existentes entre segregação, redes sociais e pobreza.

### **1.3 Redes Sociais**

Este trabalho parte do princípio de que os recursos econômicos que os indivíduos retiram do mercado de trabalho não são os únicos a proporcionar-lhes bem-estar. Sem deixar de considerar a importância da incidência dos ativos sobre diversos processos que ajudam a produzir a pobreza, é importante reconhecer o Estado e a sociedade como duas outras esferas que, para além do mercado, também provêm recursos materiais e imateriais fundamentais para o bem-estar. Isto, pois, segundo Kaztman (1999), mercado, Estado e sociedade compõem as estruturas de oportunidades que definem o bem-estar dos indivíduos em uma coletividade. Assim, a vulnerabilidade social estaria tanto na ausência de ativos (Moser, 1998), como no baixo acesso às estruturas de oportunidades existentes, ou seja, “a vulnerabilidade pode ser causada por insuficiências nas estruturas de oportunidades ou por dificuldades dos indivíduos em acessá-las” (Marques, 2007:22).

Este trabalho filia-se às interpretações que tratam a pobreza como um fenômeno que, além dos atributos individuais, também envolve elementos coletivos que influenciam processos sociais. Nesta perspectiva, as redes sociais são elementos coletivos cuja principal característica para os estudos da pobreza é conectar os indivíduos a estruturas mais amplas. De forma semelhante à segregação residencial, porém com o sinal inverso, as redes sociais têm a capacidade de inserir de forma diferenciada os indivíduos em diversos contextos sociais mais amplos, facilitando o

acesso às estruturas de oportunidades. Neste sentido, juntamente com a segregação residencial, as redes sociais exercem um papel de possível mecanismo de causação e reprodução da pobreza, pois o acesso a estas estruturas é mediado pelos padrões de relação que esses indivíduos têm com outros indivíduos e com organizações de variados tipos.

As redes podem ser consideradas apenas de maneira metafórica, normativamente ou como método para o estudo de situações sociais específicas através da análise das conexões sociais nelas presentes. Por fim, as redes sociais também podem ser utilizadas como método de investigação se o objetivo for analisar situações sociais com padrões de relação altamente complexos (Marques, 2007).

Como método de investigação, a análise de redes sociais busca reproduzir, através de representações gráficas e matemáticas, os contextos relacionais mais variados nos quais se inserem os atores sociais – pessoas, grupos, organizações e entidades são representadas como nós enquanto as relações são representadas como vínculos (materiais ou imateriais) de tipos diversos –, permitindo tanto identificar e analisar padrões nos processos de interação social, quanto observar as mudanças ocorridas ao longo do tempo em uma dada rede (Marques, 2007). A estrutura social, definida pela presença desses padrões nas relações sociais, pode ser deduzida a partir dos resultados obtidos no trabalho empírico, e suas características podem ser medidas por meio de variáveis estruturais (Pavez, 2005). É justamente por ser um instrumento capaz de identificar padrões nos processos de interação e por permitir que mudanças ao longo de um período sejam observadas que a análise de redes sociais é utilizada nesta dissertação.

A análise de redes sociais fundamenta-se no argumento de que os fenômenos sociais têm como suas unidades básicas as relações sociais que, neste caso, são consideradas irredutíveis aos atributos individuais. Contudo, não se deve pensar em atributos e relações de forma excludente, mas sim como elementos em associação, já que entidades com atributos comuns apresentam maior probabilidade de estabelecer relações pela presença de “mecanismos de homofilia”; ao mesmo tempo em que as relações ajudam a construir atributos de vários tipos, dificultando o estabelecimento de uma direção causal única (Marques, 2007).

Existem duas formas de se investigar a relação entre padrões de vínculos e sociabilidade nas quais o modelo metodológico de análise das redes sociais pode ser dividido. Na primeira delas, chamada de redes totais, estudam-se parcelas ou redes

inteiras de contextos sociais específicos. Fazem parte desta linha, análises sobre organizações e agências estatais (Marques, 2000 e 2003), bem como sobre comunidades específicas ou redes locais de uma favela (Pavez, 2006). Na segunda, investigam-se as redes individuais, centradas conceitual e empiricamente em torno de indivíduos específicos, denominados egos. Esse último modelo ainda pode ser dividido em redes egocentradas, quando se considera apenas as relações diretas entre indivíduos; ou pessoais, quando não se limita previamente a extensão da rede. Nesta dissertação utilizar-se-á a análise de redes pessoais, pois se entende que boa parte dos fenômenos associados à sociabilidade dos indivíduos ocorre em um âmbito de relacionamentos pessoais mais amplo do que o egocentrado nos indivíduos (Marques, 2007).

Assim como afirmado por Thais Pavez, ressalta-se que as oportunidades e restrições da estrutura social pautam a ação das entidades individuais:

*Nessa estrutura, constituída por padrões constantes de relações entre agentes, o ator pode estabelecer vínculos intencionalmente, com uma racionalidade restrita (de maximizar benefícios ou minimizar custos), para atingir objetivos locais, mas não pode prever o comportamento dos outros que integram uma estrutura (social, política, econômica), cujos vínculos se sobrepõem com uma complexidade tal que escapa à capacidade de cálculo individual. (Pavez, 2005:35)*

Importantes contribuições para a investigação dos laços entre indivíduos socialmente diferentes podem ser encontradas nos trabalhos em que Xavier Briggs (2003) explora a relação entre pobreza, redes sociais e segregação. Utilizando-se de dados sobre redes sociais de uma pesquisa por amostragem realizada por telefone em 29 localidades nos Estados Unidos, Briggs analisou as principais condicionantes dos vínculos de “ponte racial”. Os resultados de sua pesquisa apontaram para a presença tanto de um tecido denso de vínculos entre iguais como fonte de coesão social (*bonding ties*), como de vínculos que produzem pontes entre grupos distintos (*bridging ties*). Enquanto os primeiros vínculos facilitam os indivíduos a darem conta de suas atividades e situações cotidianas (*get by*), os segundos são fundamentais para a melhora da situação dos indivíduos, produzindo mobilidade social (*get ahead*).

De acordo com Briggs (2003), as *bridging ties* são particularmente importantes quando unem diferentes grupos, expandindo identidades sociais e cívicas, abrindo comunidades de interesse, contendo conflitos inter-grupos e reduzindo diferenças de *status*. A formação deste tipo de rede exige, segundo o autor, três fatores-chaves. O

primeiro deles diz respeito a uma estrutura de oportunidades para a ocorrência de contatos: o tamanho da população ou do grupo comum, preferivelmente em um meio que conduza para a construção de interação e relacionamento, é a base para as *bridging ties*. O segundo fator inclui preferências pessoais, bem como efeitos de associações que favoreçam redes no interior dos grupos em um âmbito populacional maior. O terceiro fator inclui preferências dos outros indivíduos e também uma lista de preferências do próprio grupo, pois, além das próprias preferências, as preferências dos outros também moldam escolhas relacionais e resultados.

Suas pesquisas também indicaram que a segregação residencial tende a aumentar a homogeneidade dos padrões de vínculos dos indivíduos, representando uma barreira ao contato e às oportunidades. Como consequência, a *homofilia* gerada por esses processos limita o mundo social das pessoas, com poderosas implicações no tipo e na qualidade da informação que é recebida, nas atitudes que são formadas e nas interações experimentadas.

Em um processo inverso à segregação, as *bridging ties* apresentam importantes consequências para a equidade e para a democracia, pois “redes com maiores proporções relativas de pessoas não habitando o mesmo local de moradia do ego tenderiam a integrar mais intensamente os indivíduos” (Marques, 2007:31).

No Brasil a análise de redes sociais ganhou maior relevância após os dois trabalhos de Marques sobre redes pessoais totais (Marques 2000; 2003). Nestas duas pesquisas, o autor discute os processos que estruturam internamente as organizações estatais através do estudo do conjunto de ligações entre indivíduos, entidades e empresas privadas presentes nas duas instituições públicas. Focando sua análise no indivíduo, Marques sugere que as redes sociais presentes nas instituições estudadas podem ser um importante elemento no processo de construção institucional, já que influenciam estratégias, conflitos e alianças, tornando certos resultados mais prováveis do que outros. Seu argumento central é que, apesar de não definirem os resultados, as redes sociais os constroem e os condicionam fortemente.

Mudando o foco da pesquisa, em *Redes Sociais, segregação e pobreza em São Paulo*<sup>7</sup>, Marques (2007) contribuiu de forma decisiva para os estudos sobre os

---

<sup>7</sup> Dissertação de Livre Docência apresentada ao Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2007.

mecanismos de produção e reprodução da pobreza no Brasil. Neste trabalho, o autor analisa as redes pessoais de indivíduos em situação de pobreza urbana, reconstituindo seus atributos, padrões de relações e investigando as condicionantes e as conseqüências de suas redes sociais.

Em relação às pesquisas realizadas por Briggs (2003), algumas semelhanças foram encontradas entre o verificado em São Paulo com o observado nos Estados Unidos, principalmente no que se refere aos efeitos da segregação residencial sobre o aumento da homogeneidade nos padrões de vínculos dos indivíduos. Para ambos os autores, a segregação tem relação com o que Marques denominou de grau localismo das redes sociais - a proporção de nós de uma dada rede pessoal que habitam o mesmo local que o ego. Isto, pois a segregação dificulta a presença de vínculos dos pobres com indivíduos socialmente diferentes. No entanto, apesar de estarem relacionados, é importante ressaltar que localismo não é uma característica direta da segregação. Enquanto o primeiro é uma propriedade da rede – um tipo de homofilia relativo à coincidência de atributos –, o segundo é uma propriedade do território.

A homogeneidade encontrada por Marques remete ao conceito de homofilia, ou seja, à “evidência de que os indivíduos tendem a construir e manter contatos mais freqüentemente com indivíduos de características sociais (atributos) similares” (Marques, 2007:36). Pelo menos três fatores agem em favor de contatos homofílicos. No primeiro, este tipo de contato seria favorecido pelo efeito numérico da maior disponibilidade de indivíduos similares para a construção de contatos. O segundo e o terceiro fator estão ligados às preferências dos indivíduos e ao comportamento das organizações e instituições, respectivamente.

Marques destaca a existência de diferentes combinações entre segregação e redes sociais, com importantes efeitos sobre a condição social dos indivíduos. Uma das implicações mais relevantes encontradas pelo autor é aquela que atua sobre o acesso ao mercado de trabalho, intensamente mediado pelas redes sociais. Neste sentido, indivíduos com relações menos egocentradas e, portanto, com redes sociais capazes de estabelecer contatos com indivíduos de círculos sociais diferentes – *bridging ties*, na denominação de Briggs -, possuiriam maiores chances de conseguirem algum tipo de ocupação e, conseqüentemente, de mobilidade.

Por outro lado, como demonstrado por Figueiredo, Torres e Bichir (2005) para a cidade de São Paulo, o acesso às políticas públicas e aos serviços oferecidos pelo Estado

se dá de forma direta e com quase nenhuma intermediação, mesmo entre os mais pobres da cidade. Desta forma, ao contrário do que é observado para o mercado de trabalho, as redes sociais teriam um papel menos significante no acesso a tais serviços. Contudo, apesar de não serem influenciados pelas redes, Bichir (2006) demonstrou em sua pesquisa que o índice de acesso às políticas públicas de infra-estrutura urbana é profundamente influenciado pelo fator território (segregação residencial).

Marques destaca ainda os efeitos da vizinhança sobre a conformação e manutenção dos vínculos de sociabilidade. Os resultados encontrados em São Paulo confirmam outros estudos sobre contextos de pobreza, nos quais ficou demonstrado que, apesar do declínio dos vínculos e da sociabilidade observado nas sociedades modernas, a vizinhança permanece como elemento fundamental para sua construção, principalmente para os mais pobres.

Por fim, este trabalho pactua da visão de autores que entendem a pobreza como um fenômeno complexo, e que, portanto, não pode ser apreendido apenas por indicadores econômicos e atributos individuais, já que envolve características tanto geográficas (segregação residencial) quanto das estruturas de relações dos indivíduos. Dito de outra forma, esta dissertação partilha da visão de que a pobreza é um fenômeno multidimensional em que o território e as relações sociais exercem papéis preponderantes.

As redes sociais são entendidas como mais um elemento a atuar no complexo fenômeno da pobreza. Isto, pois além de estarem relacionada à coesão social, são capazes de conectar indivíduos a estruturas de oportunidades mais ou menos amplas, proporcionando maior ou menor capacidade de se superar obstáculos como, por exemplo, os produzidos pela segregação residencial. Portanto, o estudo da estrutura de relações dos indivíduos contribui para o melhor entendimento produção e reprodução da pobreza urbana e das desigualdades tanto geográfica como social.

O principal objetivo desta dissertação é analisar as redes sociais de indivíduos em situação de pobreza e segregados geograficamente. O foco do estudo está na avaliação dos impactos sobre as redes sociais de moradores removidos de uma favela em Guarulhos para um conjunto habitacional. Por este motivo, tanto as redes sociais dos moradores ainda na favela quanto no conjunto foram pesquisadas. Em segundo lugar, tendo como base os resultados sobre o impacto da remoção sobre as redes e à luz das literaturas sobre pobreza, segregação e redes sociais, pretende-se realizar algumas



considerações a respeito da política de habitação como mecanismo de reprodução de segregação e pobreza.

## **Capítulo 2**

### **As redes sociais na favela Guinle**

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos na primeira fase da pesquisa de campo, realizada na própria favela Guinle, no período anterior à remoção para o conjunto habitacional. São detalhados a metodologia utilizada nas entrevistas, os instrumentais que permitiram a identificação das redes sociais, seus atributos, seus padrões de relações e suas condicionantes, bem como sua visualização gráfica.

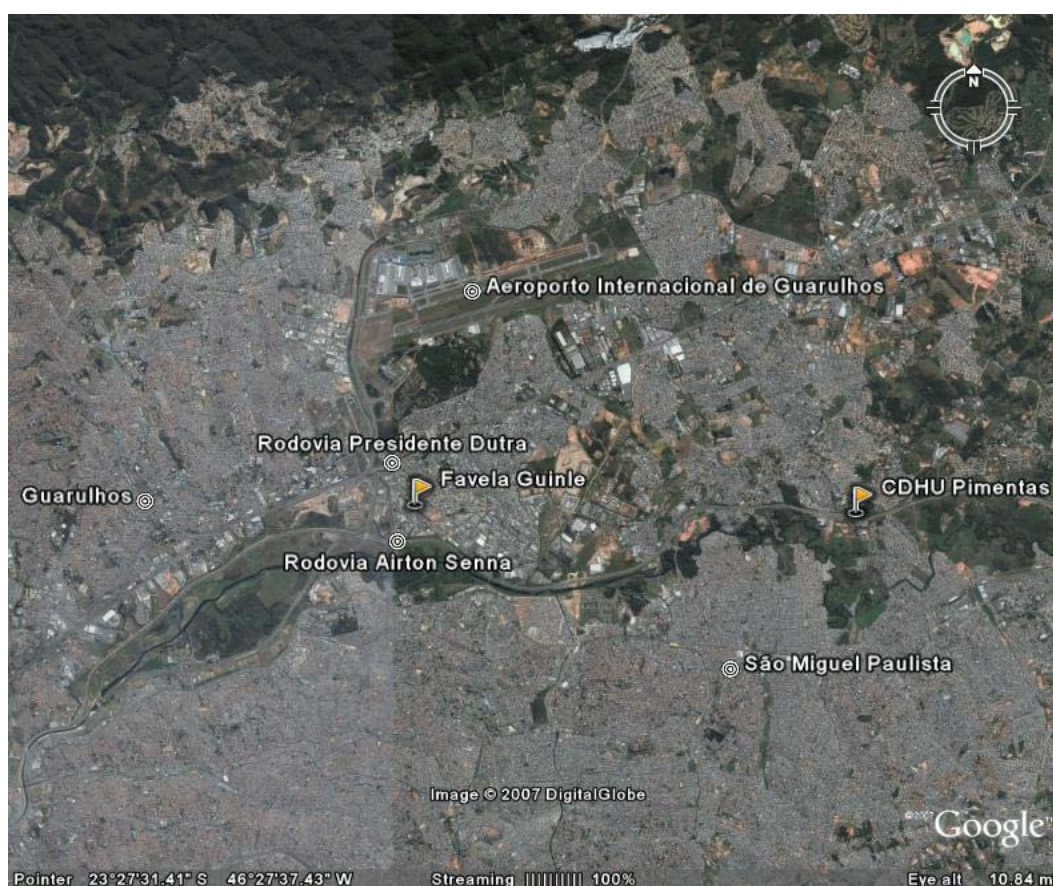
A favela Guinle localiza-se no distrito industrial de Cumbica, município de Guarulhos. Distrito estrategicamente posicionado entre duas importantes vias de acesso à cidade de São Paulo: a Rodovia Ayrton Senna (antiga Rodovia dos Trabalhadores), que liga a capital ao litoral norte e ao Vale do Paraíba; e a Rodovia Presidente Dutra, principal via de ligação de São Paulo com o Rio de Janeiro (figura 1). Mesmo sendo uma área exclusivamente destinada à atividade produtiva, o distrito abriga diversas favelas. Segundo depoimentos de moradores, a ocupação precária para fins habitacionais teria sido incentivada pelas próprias empresas que ali se instalavam, pois a elas interessava manter seus empregados perto do local de trabalho para, desta forma, reduzir custos com transporte. Algumas favelas da região chegaram mesmo a se iniciar coladas aos muros das empresas. A existência de uma relação inversamente proporcional entre empregabilidade e distância do domicílio ao local de trabalho, cujos principais elementos estão na recusa das empresas em fornecerem o vale transporte e nos elevados custos de locomoção, são reforçadas, como veremos no capítulo 3, por alguns depoimentos colhidos na segunda fase das entrevistas, realizada no conjunto habitacional para onde as famílias foram removidas.

Segundo informações da Secretaria de Habitação deste município, a favela possuía, antes da remoção, aproximadamente 20 mil habitantes e cerca de 5 mil domicílios situados ao longo da avenida Guinle. Avenida cuja ampliação foi o principal motivo para que fosse tomada a decisão da remoção das famílias. As entrevistas, no entanto, se concentraram nas quadras A, B, C e D da favela que, no momento da pesquisa, estavam em processo de remoção. Nessas áreas viviam aproximadamente 900 moradores em 187 domicílios.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> SECRETARIA DE HABITAÇÃO DO MUNICÍPIO DE GUARULHOS. Relatório de acompanhamento do trabalho social: empreendimento Guarulhos R1R2. Guarulhos, setembro de 2007.

As quadras escolhidas para a pesquisa eram delimitadas pela Av. Guinle (figura 3) e pela Av. Jaguarão (figura 4). A face da favela voltada para a Av. Guinle era margeada por um córrego que nos períodos de chuvas transbordava, causando grandes transtornos e prejuízos aos moradores. Os domicílios na área escolhida possuíam uma grande variabilidade construtiva – do barraco improvisado de madeira ao sobrado –, porém mais de 90% deles utilizavam alvenaria como principal componente construtivo (figuras 5 e 6).



**Figura 1 - Favela Guinle e Conjunto Habitacional R1R2 (fonte: Google Earth, acesso em: 20/11/2007)**



Figura 2 - Favela Guinle (fonte: Google Earth, acesso em: 20/11/2007)



Figura 3 - favela Guinle, face av. Guinle  
face av. Jaguarão



Figura 4 - favela Guinle,





**Figura 5 – domicílio de madeira alvenaria**



**Figura 6 – sobrado de**

O comércio caracterizava-se por ser pouco estruturado – bares, algumas pequenas mercearias (a maioria improvisada na frente das casas) e alguns cabeleireiros –, obrigando os moradores a se deslocarem por pelo menos um quilômetro para realizarem suas compras. É importante destacar que apenas um estabelecimento (um bar) localizava-se no interior da favela, o restante situava-se nas faces voltadas tanto para a Av. Guinle como para a Av. Jaguarão.

A primeira fase da pesquisa foram realizadas, entre os dias 28/03/07 e 14/04/07, 30 entrevistas egocentradas com o objetivo de identificar a rede total de convívio pessoal dos indivíduos, incluindo as várias esferas de sua sociabilidade. As entrevistas ocorreram tanto em dias úteis quanto durante os finais de semana para, com isto, alcançar diferentes grupos de moradores (trabalhadores e não trabalhadores, por exemplo).

Ao longo do trabalho de campo a amostra de entrevistados foi controlada pelos atributos de gênero e local de moradia na favela, de maneira a garantir semelhança na proporcionalidade de sexo em relação à realidade local e evitar concentração de entrevistados em uma determinada quadra. As entrevistas foram realizadas nas próprias residências dos entrevistados, cujo acesso era mediado, na maioria das vezes, por membros de movimentos associativos locais. Elas variaram entre 50 minutos e uma hora de duração e foram divididas em duas partes.

Na primeira delas aplicou-se um questionário semi-aberto, composto por vinte e quatro questões focadas na obtenção de dados pessoais (nome, idade, sexo, estado civil, local de nascimento); sobre a origem dos indivíduos; tempo de moradia no município e

na favela; composição familiar; grau de instrução; situação de trabalho, emprego e renda; sobre participação religiosa e sobre lazer. O objetivo dessas questões era obter informações que permitissem desagregar as características das redes sociais por categorias, tais como homens/mulheres, jovens/adultos/idosos, faixas de renda e de escolaridade, migrantes recentes/migrantes consolidados no território/não migrantes, etc.

Na segunda parte das entrevistas foram coletados dados relacionais através de um gerador de nomes e de perguntas focadas nos atributos dos nomes gerados. O gerador de nomes, por sua vez, envolveu duas etapas. A primeira visou construir, a partir de esferas de sociabilidade previamente estabelecidas pelo instrumental (familiar, vizinhança, amizade, associativa, diversão/lazer, estudos e profissional/trabalho), um grupo de nomes iniciais. Para cada esfera de sociabilidade apresentada pelo entrevistador, solicitou-se que o entrevistado pensasse em suas relações e citasse inicialmente um conjunto de nomes. Esses nomes constituíram a semente do gerador de nomes. Para cada nome da semente foi pedido que os entrevistados indicassem até três nomes que estivessem tanto associados ao entrevistado quanto ao nome da semente, sendo aceitas repetições livremente. Os nomes novos que surgiram durante este processo se constituíram na semente de uma nova rodada da entrevista com a mesma pessoa, ou seja, para cada nome novo que surgia o entrevistado deveria associar novamente três outros nomes. O procedimento foi repetido três vezes, ou até que não houvesse nomes novos. É importante destacar que este método, apesar de demonstrar a presença ou ausência de vínculos no interior de uma determinada rede pessoal, não é capaz de indicar a força dos vínculos ou mesmo a frequência dos contatos.<sup>9</sup>

Por fim, foi solicitado aos entrevistados que classificassem os nomes gerados segundo três atributos: contexto de entrada do nó na rede pessoal, ou seja, o contexto em que se iniciou a relação (se através da rede ou da vizinhança, por exemplo); se o indivíduo é de fora ou de dentro da área estudada; e a esfera de sociabilidade a que pertence (família, trabalho, clube, etc.). Em todos os casos, os valores pré-estabelecidos para os atributos podiam ser alterados na própria entrevista, considerando a alta especificidade das trajetórias, esferas de sociabilidade e das próprias redes.

---

<sup>9</sup> O questionário semi-aberto e o modelo de gerador de nomes encontram-se nos apêndices desta dissertação.

## 2.1 Dados sócio-econômicos

Neste item serão apresentados os resultados, obtidos a partir do questionário semi-aberto, referentes à situação socioeconômica das famílias entrevistadas na favela Guinle.

Do total de entrevistados, vinte e um eram mulheres (70%) e nove eram homens (30%). Cabe ressaltar que a diferença entre homens e mulheres na amostra é fruto, em primeiro lugar, das dificuldades de se encontrar, mesmo em finais de semana e feriados, indivíduos do sexo masculino dispostos a dispensar mais de uma hora para responder a um questionário. Somou-se a esta dificuldade inicial, agravando-a, o curto espaço de tempo disponível para a realização das entrevistas – o rápido processo de remoção das famílias para o conjunto habitacional ameaçava seriamente um dos principais objetivos da primeira fase da pesquisa de campo, qual seja, o de realizar as entrevistas ainda na favela Guinle.

Com média de 38 anos de idade, a faixa etária dos entrevistados variava de dezoito a sessenta e um anos. Os jovens, ou seja, os indivíduos que possuíam entre dezoito e vinte e quatro anos, representavam 10% da amostra. Já os adultos, indivíduos que possuíam no mínimo vinte e cinco e no máximo cinquenta e nove anos, eram a grande maioria, totalizando 86,7% dos entrevistados. Destaca-se a concentração destes em dois intervalos. O primeiro entre vinte e nove e trinta e dois anos (27%) e o segundo entre trinta e sete e quarenta e cinco anos (37%). Apenas um entrevistado superava a barreira dos sessenta anos, podendo ser, desta forma, considerado como o único idoso da amostra.

A cor da pele dos indivíduos foi estabelecida através de auto-declaração estimulada. Ou seja, os entrevistados deveriam classificar a cor de sua pele através das duas opções fornecidas – cor preta e não preta. Seguindo esta metodologia, 77% declararam que a cor de sua pele era “não preta”, enquanto 23% afirmaram possuir a cor da pele preta<sup>10</sup>.

A maioria da amostra, ou 57%, declarou viver com um companheiro<sup>11</sup>. Contudo, observou-se uma grande diferença entre homens e mulheres: enquanto a maior parte dos

---

<sup>10</sup> A classificação de cor da pele utilizada nesta dissertação segue o modelo utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

<sup>11</sup> Os termos companheiro e cônjuge, apesar de formalmente possuírem significados distintos, são aqui utilizados como sinônimos de relação conjugal estável. Esta opção confere maior riqueza à análise, pois evita que relações maritais deixem de ser consideradas apenas por não estarem formalmente estabelecidas.

homens (78%) declarou viver com uma companheira, apenas 48% das mulheres disseram serem casadas. O maior número de mulheres que não viviam com um companheiro implicou na maior incidência sobre as mulheres da precariedade familiar - núcleo familiar composto por um único adulto com filhos ainda criança. Além deste tipo de precariedade, as mulheres solteiras também estavam mais sujeitas a outros tipos, tais como precariedade habitacional, de inserção no mercado de trabalho e de rendimentos. O fato de estarem mais sujeitas a estes tipos de precariedades fez com que as mulheres separadas estivessem mais vulneráveis ao que Marques denominou de “situação social precária” - quando uma pessoa sofre simultaneamente de duas ou mais precariedades. A maior incidência destes tipos de precariedades sobre as mulheres entrevistadas na Guinle e em especial sobre as que não viviam com um companheiro não só é similar com ao encontrado por Marques na cidade de São Paulo como vai ao encontro do que afirma grande parte da literatura que trata sobre o tema da pobreza, ou seja, que as famílias monoparentais com crianças fazem parte dos grupos sujeitos à maior vulnerabilidade social (Marques, 2007).

Além do grande número de casados na amostra, observou-se também a presença de muitos relacionamentos estáveis na favela Guinle. Do total de casados, 84% viviam com suas companheiras há mais de dez anos e 16% entre um e seis anos. Pouco mais de um terço havia conhecido o companheiro ou a companheira em sua cidade natal. É importante destacar ainda que 41% dos entrevistados revelaram terem conhecido seus respectivos companheiros nas vizinhanças de onde moravam, evidenciando a importância do território local na construção das redes sociais dos indivíduos.

A presença de migrantes, em especial migrantes nordestinos, era marcante na favela Guinle. Dos trinta entrevistados, vinte sete eram migrantes (77%) e apenas três eram naturais de São Paulo. Dentre os migrantes apenas um não havia nascido em algum estado do nordeste. Assim, os principais estados de origem eram Pernambuco (23%), Bahia (20%), Ceará (17%), Alagoas (10%) e Piauí (3%).

A grande presença de migrantes indica que o fluxo migratório, mesmo muito inferior ao observado em décadas passadas, permanece como um fenômeno importante na região metropolitana de São Paulo. Mesmo se tratando de uma migração consolidada, já que 78% dos indivíduos afirmaram estar há mais de dez anos vivendo no estado de São Paulo, o grande número de contatos de outros Estados citados pelos entrevistados demonstra que as redes sociais estabelecidas nos locais de origem não



foram desativadas por completo. Tanto a permanência do fluxo migratório, quanto à transposição de parte das redes sociais já estabelecidas no local de origem para o novo local de moradia – de parentes e até mesmo de indivíduos que eram vizinhos na cidade de origem passaram a ser vizinhos de barraco – revelam a transposição de parte da rede de relações sociais ativas no interior dos estados nordestinos para a favela Guinle.

Os resultados obtidos no questionário semi-aberto também apontam para a consolidação da favela Guinle no distrito de Cumbica, já que 63% dos entrevistados declararam viver na área há mais de dez anos, 23% entre cinco e dez anos e 14% de seis meses a cinco anos.

Com relação à opção religiosa, a maioria, ou 77%, se declarou católica, enquanto 13% se declararam evangélicos e 10% declararam não possuir religião. Inferiores numericamente em relação aos católicos, os evangélicos freqüentavam de forma muito mais intensa os cultos religiosos. Enquanto estes últimos afirmaram ir aos cultos religiosos pelo menos uma vez por semana, 65% dos católicos revelaram ir muito raramente ou nunca ir à igreja. Apenas dois indivíduos católicos, ante um universo de vinte e três, disseram freqüentar semanalmente os cultos.

A pesquisa também revelou baixa participação dos moradores em associações de cunho não religioso. Em um universo de trinta entrevistados, apenas dois participavam de alguma associação. Essas exceções eram justamente as líderes comunitárias locais que atuavam como interlocutoras entre os representantes do poder público e os moradores da favela.

Os resultados encontrados a respeito das formas de lazer indicaram ser esta uma atividade predominantemente familiar e praticada fora da favela Guinle, refletindo a total ausência de equipamentos de lazer, públicos ou privados, no entorno da favela. Do total dos entrevistados, 80% afirmou que buscava entretenimento em locais fora do bairro onde morava. Questionados sobre as formas de lazer que praticavam, 43% dos entrevistados afirmaram visitar parentes, 13% visitavam parques, 13% se encontravam com amigos nos bares da comunidade, 10% praticavam esporte, 3% freqüentavam casas de forró, 3% freqüentavam shoppings da região, 3% recebiam visitas, 3% ficavam em casa e 3% não possuíam nenhuma forma de lazer. Estas visitas a parentes implicavam tanto em deslocamentos a diferentes bairros de São Paulo quanto a cidades da região metropolitana ou mesmo do interior do Estado. Coerente com o que foi destacado acima como a principal forma de lazer, 57% dos indivíduos revelaram que em seus momentos

de lazer estavam acompanhados de toda a família. Contudo, houve ainda um significativo número que afirmou se divertir com os amigos (17%), sozinhos (13%) ou apenas com seus respectivos companheiros (7%).

Em média, os moradores pesquisados tinham 5,75 anos de estudo, contudo foi observada uma concentração de indivíduos com características de escolaridade semelhantes internamente e distintas entre si. Enquanto a maioria, ou 64% da amostra, tinha no máximo até cinco anos de estudo, havia um significativo grupo de indivíduos (36% da amostra) com oito anos ou mais de estudo. Organizando os dados por faixa de escolaridade, tem-se que 30% dos moradores entrevistados possuíam apenas o primeiro ciclo do ensino fundamental incompleto. No extremo oposto, os que completaram o ensino médio eram consideráveis 20% da amostra. Ao cruzar os dados de escolaridade por gênero, observou-se que enquanto a distribuição das mulheres nas faixas de escolaridade era uniforme, a distribuição dos homens concentrava-se na faixa do primeiro ciclo do ensino fundamental incompleto (55%) e, com menor força, na faixa dos que possuíam ensino médio (22%).

Com relação à esfera do emprego e renda, dos trinta moradores entrevistados, vinte, ou 67% do total, eram trabalhadores; nove eram donas de casa (30%) e uma era aposentada. Metade daqueles que declararam trabalhar estava formalmente inserida, ou seja, possuía carteira de trabalho assinada. A outra metade dividia-se em autônomos informais (25%), ou seja, indivíduos que realizavam trabalhos esporádicos; empregados sem registro na carteira de trabalho (20%); e um proprietário de um estabelecimento na favela. Dos dez trabalhadores com carteira assinada, sete eram homens e apenas três eram mulheres. Ao contrário dos homens, cuja maioria era trabalhador formal, a principal ocupação das mulheres da Guinle era ser dona de casa (ocupação exercida por 43% das mulheres da amostra). A segunda ocupação era trabalhar como empregado informal (19%), a terceira era como empregado formal (14%) e a quarta como autônomo (10%). Uma das entrevistadas era proprietária de um comércio na favela.

Para 75% dos que exerciam alguma atividade remunerada o local de emprego estava situado em seu próprio bairro de residência. Ressalta-se ainda que dos 11 trabalhadores com rendimento estável (formalmente inseridos no mercado ou pequenos proprietários), 64% tinham seu emprego no mesmo bairro de moradia: sete trabalhavam com registro em carteira e um era proprietário. No entanto, dos cinco trabalhadores

cujos empregos estavam fora da favela Guinle, quatro, ou 80%, possuíam registro em carteira.

O alto índice de trabalhadores formais e principalmente o fato de a maioria deles trabalharem no bairro de residência estava relacionado ao fato do bairro no qual a favela Guinle estava inserida ser um distrito industrial, com grande número de empresas capazes de gerar tanto empregos formais quanto diversos outros tipos de oportunidades de trabalho, mais ou menos precárias.

É possível entender o grande número de donas de casa na amostra não só pela maior presença de mulheres entrevistadas, mas também pelo fato de na maioria das famílias apenas o homem possuir alguma ocupação remunerada. Observando a situação civil das donas de casa, tem-se que de um universo de dez mulheres casadas apenas três trabalhavam. Visto de outra forma, das onze mulheres que declararam trabalhar, oito eram solteiras e apenas três eram casadas. Estes resultados podem estar associados tanto ao fato de as mulheres possuírem maiores índices de precariedade na inserção no mercado de trabalho quanto à ausência de serviços públicos de creches, impedindo que em famílias com filhos menores os dois componentes do casal possam exercer atividades remuneradas fora de suas casas. A participação de apenas um indivíduo da família no mercado de trabalho também contribui, como será demonstrado adiante, para os baixos valores da renda familiar e da renda familiar *per capita*.

Outro ponto a ser destacado é a grande diferença entre homens e mulheres no que se refere a trabalhar fora ou no próprio bairro de domicílio. Enquanto quase da metade dos homens trabalhava fora (4 entre os 9 que exerciam alguma atividade remunerada), apenas uma mulher, dentre um total de onze, declarou trabalhar fora da comunidade. Dito de outra forma, dos cinco indivíduos cujos empregos estavam localizados fora do entorno da favela Guinle, apenas um era do sexo feminino.

Os dados sobre a renda revelaram valores bem abaixo do observado por Marques (2007) para indivíduos em situação de pobreza na cidade de São Paulo. A renda familiar média da favela Guinle era de R\$463,83, valor inferior aos R\$1125 anotados por Marques em sua pesquisa. Observou-se ainda uma grande variação nos valores encontrados na favela Guinle (mínimo de R\$100 e máximo de R\$1000 de renda familiar mensal), tornando necessário maior cuidado na interpretação dos dados. Um olhar mais detalhado sobre os resultados revela que 57% das famílias entrevistadas

ganhavam no momento das entrevistas menos do que um salário mínimo<sup>12</sup>, enquanto 33% ganhavam entre um e dois salários mínimos e apenas 10% ganhavam entre dois e três salários mínimos. Considerando apenas aqueles com menos de um salário mínimo (que representam mais da metade da amostra), observou-se que a média da renda familiar mensal deste grupo ficava em R\$311,00. Por outro lado, tomando como base apenas aqueles que declararam receber de um até dois salários mínimos, a renda média era de R\$573,00, variando de R\$400,00 ao máximo de R\$680,00. Por fim, para aqueles que recebiam acima de dois salários mínimos (apenas três indivíduos) a média da renda familiar mensal era R\$966,00, com pequena variação (mínimo de R\$900,00 e máximo de R\$1000,00). Mesmo considerando apenas os 50% mais ricos, ou seja, aqueles que recebiam de um a três salários mínimos, a média da renda familiar ainda era bem inferior ao encontrado por Marques.

Com média de moradores por domicílio de 3,23 (mínimo de 1 e máximo de 5 moradores por domicílio) a renda familiar *per capita* média alcançava o valor de R\$192,56 (mínimo de R\$44 ao máximo de R\$900). Considerando como indicador de precariedade os rendimentos familiares *per capita* inferiores a R\$120,00, é possível afirmar que 50% dos entrevistados da favela Guinle sofriam com este tipo de precariedade, cuja incidência na favela Guinle era duas vezes superior ao observado por Marques em diversos bairros pobres de São Paulo<sup>13</sup>. (Marques, 2007)

Por fim, um dos mais importantes resultados com relação à esfera do trabalho e da renda para este trabalho diz respeito aos mecanismos de inserção no mercado de trabalho. Questionados sobre os mecanismos que haviam usado para a obtenção do emprego atual, 90% dos entrevistados responderam que o obtiveram através do uso de sua rede social. Porcentagem similar, porém superior, ao observado por Marques na cidade de São Paulo, onde 77% dos empregos haviam sido obtidos através das redes sociais. Estes dados reforçam o argumento, aqui defendido, da importância das redes sociais dos indivíduos para o fenômeno da pobreza e da desigualdade, já que podem promover maior inserção social e acesso a bens materiais e imateriais.

---

<sup>12</sup> No período em que as entrevistas foram realizadas o salário mínimo estava estipulado em R\$380,00.

<sup>13</sup> Segundo a definição de Marques (2007), os indivíduos poderiam estar sujeitos à quatro formas de precariedades: precariedade de rendimentos – quando a renda familiar *per capita* é igual ou inferior a R\$120,00 -; precariedade familiar - quando os núcleos familiares são compostos por um único adulto com filhos ainda criança -; precariedade habitacional – quando o domicílio for de madeira -; precariedade de trabalho – quando o indivíduo estiver desempregado, viver de bicos ou ter emprego sem carteira assinada.

Comparando a situação socioeconômica dos moradores da favela Guinle com os resultados obtidos por Marques em sua pesquisa com indivíduos em situação de pobreza na cidade de São Paulo, foram encontradas algumas diferenças, principalmente no que se refere ao trabalho e à renda. Mesmo possuindo maior número de trabalhadores com carteira assinada e maior número de empregados na região de sua moradia, as médias da renda familiar e da renda familiar *per capita* eram muito inferiores do que as médias de São Paulo. Não obstante estas diferenças, que podem ser explicadas pela situação de altíssima vulnerabilidade social à qual os moradores da Guinle estavam sujeitos, existem semelhanças relevantes, principalmente em relação à grande presença de migrantes consolidados, ao número de relações estáveis, à opção religiosa e à frequência aos cultos, à escolaridade média dos indivíduos e, por fim, à importância das redes sociais na obtenção de emprego. Semelhanças e diferenças que tornam enriquecedor para a análise aqui desenvolvida, a comparação das características das redes sociais dos moradores da favela Guinle com o observado nas redes de indivíduos em situação de pobreza de São Paulo, estudadas por Marques.

## **2.2 As Redes Sociais**

Neste tópico apresenta-se as características das redes sociais dos moradores da favela Guinle antes da remoção para o conjunto habitacional. Os dados que permitiram a análise das características das redes sociais foram obtidos, como descrito no início deste capítulo, através de um gerador de nomes, instrumental próprio da análise de redes.

Contudo, antes de apresentar os resultados obtidos cabe ressaltar que as redes sociais são influenciadas tanto por características estruturais propriamente ditas (tamanho, densidade, coesão, etc.) quanto por diversas dinâmicas sociais (segregação, renda, sociabilidade, etc.) que em certos momentos podem se sobrepor, ocultando em que medida cada variável influência nos resultados, dificultando sua interpretação. Estas dificuldades, somadas ao número de entrevistas, impossibilitam que os resultados apresentados nesta dissertação sejam generalizados. Eles são a síntese do verificado nas redes sociais dos trinta entrevistados nas duas fases da pesquisa, e não podem ser considerados além de indicativos merecedores de maiores investigações.

O estudo das redes sociais envolve a análise de um conjunto de indicadores que, embora apontem para processos sociais distintos, tendem a correlacionar-se, permitindo

que sejam agrupados em uma única dimensão (Marques, 2007). Procedimento este que, ao ser adotado nesta dissertação, gerou cinco dimensões distintas de indicadores: as três primeiras associadas às características estruturais das redes, enquanto as duas últimas referem-se às questões de sociabilidade.

A primeira destas dimensões é a do tamanho da rede. Sua importância está no fato de que através dela tem-se, de maneira direta, a idéia da extensão das redes. Os principais indicadores utilizados para estabelecer o tamanho das redes são: o número de nós; o número de vínculos; o diâmetro das redes (maior dentre as menores distâncias entre dois nós quaisquer em uma rede), a densidade da rede (proporção entre os vínculos existentes e os teoricamente possíveis) e o índice de centralização da rede (grau máximo de uma dada rede comparado com o grau máximo de uma rede estrela de igual tamanho).<sup>14</sup> De forma sintética, esta dimensão é capturada através do comportamento do número de nós da rede.

O tamanho é uma das características mais importantes na análise das redes sociais, já que redes maiores poderiam proporcionar uma maior quantidade de bens materiais e imateriais para os indivíduos. Contudo, considerar o tamanho da rede isoladamente reduz o seu significado já que os contatos podem ser redundantes e diferenciados em sua capacidade de veicularem acessos (Marques, 2007). Desta forma, para além do tamanho da rede é importante avaliar sua coesão, seu grau de localismo, bem como a eficiência/redundância dos vínculos.

Assim, a coesão é a segunda dimensão nos estudos das redes sociais. Ela está associada a padrões de conectividades mais intensos presentes nas redes e é medida através do coeficiente de clusterização (média das densidades das vizinhanças de todos os nós da rede), do grau médio (número médio de vínculos por nó na rede) e do grau de informação (proporção de todos os caminhos entre quaisquer nós na rede que passam por um dado nó). Neste caso, o coeficiente de clusterização é tomado como indicador sintético da dimensão.

A terceira dimensão é a da rede egocentrada. Através dela captura-se a extensão e a estrutura da rede ligada diretamente ao ego em questão, ou seja, à parcela da rede com os contatos primários do ego e as relações entre eles. O indicador dessa dimensão é

---

<sup>14</sup> Rede estrela é uma rede hipotética do mesmo tamanho da rede analisada, porém onde todos os nós se ligam diretamente ao ego. É utilizada como padrão de comparação.

o tamanho eficiente da rede egocentrada (medida que leva em conta a redundância dos vínculos, determinando o controle do ego sobre sua rede imediata).

A diversidade, quarta dimensão, é uma das principais características das redes sociais a definir sua capacidade de proporcionar bens materiais e imateriais aos indivíduos. Mais do que o tamanho das redes, é a diversidade de sociabilidade presente nas redes sociais dos indivíduos o que amplia as suas possibilidades de inserção social. Esta dimensão é medida através do número de esferas presente nas redes sociais individuais.

A quinta dimensão, o localismo, é um indicador do grau de inserção urbana das redes, pois é capaz de revelar em que grau a rede integra os indivíduos em contextos sociais mais amplos. A proporção de indivíduos externos e internos ao local de moradia presente nas redes sociais é o indicador síntese desta dimensão.

As redes sociais dos moradores da favela Guinle possuíam em média 67 nós e 196 vínculos. Apresentaram grande variação, indo de redes pequenas, com apenas 22 nós e 74 vínculos, até grandes redes, com 190 nós e 465 vínculos. Ressalta-se ainda que as mulheres entrevistadas tinham em média maior número de nós e maior número de vínculos (69 nós e 200 vínculos) do que os homens (média de 57 nós e 186 vínculos). O fato de as cinco maiores redes da amostra serem de mulheres (88, 95, 113, 172 e 190 nós) confirma a superioridade das redes femininas em relação ao tamanho.

Ainda relacionado à dimensão do tamanho das redes, o diâmetro médio das redes, ou seja, a menor distância máxima de um nó em relação ao ego, era de 4,8 passos (mínimo de 3 e máximo de 8 passos). A densidade média destas redes sociais era de 0,1136 (variando de 0,0259 a 0,3293) e o índice de centralização era de 50% (variando de 11,23% a 92,32%).

Com relação à coesão, tinha-se que o coeficiente de clusterização médio das redes sociais dos moradores da favela Guinle era de 0,46163, variando de 0,064 à 0,749. O grau médio, ou seja, o número médio de vínculos por nó na rede era de 3,03 nós, e variava entre o mínimo de 1,63 nós ao máximo de 4,46 nós. O grau de informação, índice que representa a proporção de todos os caminhos entre quaisquer nós na rede que passam por um dado nó, era de 1,92%, com mínimo de 1,19% e máximo de 3,60%.

A rede egocentrada, terceira dimensão da análise das redes, continha 36,07 nós em média. Variava do mínimo de 16 nós ao máximo de 60 nós.

Com relação às duas últimas dimensões, ambas referentes à sociabilidade, pode-se afirmar, em primeiro lugar, que as redes sociais dos moradores da favela Guinle apresentaram alto índice de localismo. Em média 41,53% dos indivíduos presentes nas redes sociais dos entrevistados eram de fora da comunidade - apenas 33% da amostra possuía mais indivíduos externos do que internos em sua rede. Além de sua baixa presença, é importante observar que os indivíduos externos destas redes localizavam-se, como será visto na análise dos grupos de sociabilidade, com maior incidência na esfera da família (57% dos contatos). A segunda esfera em número de nós externos, a do trabalho, possuía menos da metade da proporção deste tipo de nós do que a esfera da família, apenas 27%. Em terceiro lugar seguia a esfera da amizade, com 11% dos contatos externos, e em quarto a esfera da Igreja, com 7%.

De acordo com Briggs (2003), a presença de nós externos nas redes sociais individuais exerce um papel muito importante na superação de barreiras impostas pela segregação sócio-espacial, pois possibilita a inserção das pessoas em esferas sociais mais amplas e diversificadas. Porém, para além da quantidade de contatos externos as características de tais contatos também implicam em maior ou menor inclusão social, visto que existem importantes diferenças, com implicações na capacidade de promoção da acessibilidade a bens materiais e imateriais, entre contatos primários, ou seja, aqueles baseados apenas em relações familiares, e contatos construídos em ambientes institucionais, tais como o trabalho, associações, igrejas, etc. Indivíduos com contatos deste segundo tipo apresentaram possibilidades superiores àqueles com contatos externos primários de serem inseridos em ambientes com maior diversidade, e assim aumentarem sua capacidade de inserção em círculos sociais mais amplos.

Tanto o número de esferas quanto o número de contextos de inserção do contato são importantes variáveis na determinação da dimensão diversidade das redes sociais individuais. As redes sociais dos moradores da Guinle possuíam em média 3,97 esferas, variando do mínimo de 2 ao um máximo de 7 esferas. A esfera da vizinhança concentrou o maior número de indivíduos, 41% dos contatos em média. Em seguida veio a esfera da família, com 31% dos nós, e a esfera do trabalho, com média de 14% dos contatos. Juntas estas três esferas concentravam, em média, 86% dos contatos. Com menor expressão, tinham-se as esferas da igreja (7% dos nós), da amizade (3% nos nós), do lazer (1% dos nós), do estudo (1% dos nós) e outras esferas que somavam 2% dos



nós. Destaca-se que em 93% dos casos não havia esfera do lazer e em 37% das redes a esfera do trabalho não existia.

Em média, as redes apresentaram 4,27 contextos de entrada (mínimo de 3 e máximo de 6 contextos). Mais uma vez o contexto da vizinhança foi o que agregou o maior número de pessoas (46% dos contatos), seguido pelos contextos da família (19% dos contatos), de rede (17% dos contatos), do trabalho (12% dos contatos), da igreja (5% dos contatos) e pelo contexto do estudo (1% dos contatos).

O índice de homofilia de gênero é um importante indicador de diversidade de sociabilidade, pois revela a proporção de homens na rede de um homem ou de mulheres na rede de uma mulher. Na favela Guinle esse índice era de 65%.

Comparando os resultados das redes dos moradores da favela Guinle com o observado por Marques quando estudou as características das redes sociais de indivíduos em situação de pobreza na cidade de São Paulo, observou-se grande semelhança tanto no tamanho das redes (número de nós), quanto na coesão, medida através dos valores do coeficiente de clusterização e do tamanho da rede egocentrada. Contudo, além de possuírem maior média de vínculos, as redes sociais dos moradores da Guinle eram mais densas e centralizadas do que as redes observadas por Marques, já que possuíam médias superior das variáveis de diâmetro, de densidade e de grau de centralização.

A proporção de indivíduos externos ao local de moradia das redes da favela Guinle (42%) era superior a média encontrada por Marques (37%) para toda a cidade de São Paulo. Nem mesmo lugares igualmente segregados, como era o caso de Cidade Tiradentes, apresentaram proporção de indivíduos externos semelhantes ao encontrado na Guinle. Média superior somente foi encontrada na pequena e segregada comunidade de Vila Nova Esperança (49%, em média, de indivíduos externos). Segundo Marques, a elevada porcentagem de indivíduos externos das redes de Vila Nova Esperança em relação às demais comunidades pesquisadas pode ser explicada pela tendência de pequenas comunidades em reforçar o efeito que a segregação espacial exerce sobre as redes sociais, ampliando a proporção de indivíduos externos. Segundo os resultados obtidos por Marques na cidade de São Paulo, a segregação espacial, principalmente em comunidades de pequeno porte, tende a reforçar a diversidade das redes sociais. Em suas palavras: *“Isso sugere que a questão da escala do local de moradia pode interagir com a segregação e, em locais de pequeno porte, não haja outra alternativa do que*

*buscar relações fora.*” (Marques, 2007:110). O fato da favela Guinle possuir características semelhantes à Vila Nova Esperança, tais como o tamanho da comunidade e o grau de segregação à qual estava sujeita, indicam que o número superior de indivíduos externos nas redes de seus moradores, em relação ao verificado por Marques em São Paulo, também pode ser atribuído ao reforço proporcionado pela segregação em pequenas comunidade na necessidade de se estabelecer contatos externos ao bairro.

No entanto, é importante sublinhar que para além do reforço causado pela busca por nós externos em pequenas comunidades, no caso da Guinle o número de indivíduos externos também estava relacionado à dois fatores. Em primeiro lugar, ao grande número de migrantes que mesmo morando em São Paulo permaneciam com importantes laços com suas cidades natais. Em segundo lugar, mas relacionado com o fator anterior, tinha-se que a maior parte dos contatos externos dos moradores da Guinle eram de familiares. Assim, concomitantemente ao reforço da segregação em pequenas comunidades, verificou-se na Guinle o significativo peso das relações com familiares externos não somente ao bairro como à cidade de Guarulhos e ao Estado de São Paulo.

Semelhanças também foram encontradas no número médio de esferas (3,97 esferas na Guinle contra 3,90 esferas em São Paulo). Contudo, ao contrário do que foi observado em São Paulo, onde a principal esfera de sociabilidade era a da família, com 38% dos contatos, na favela Guinle a esfera de maior importância era a da vizinhança, com 41% dos contatos. A importância das esferas do trabalho e da religião nas redes sociais também era muito superior nas redes sociais da favela Guinle do que o observado nas redes de São Paulo: 14% contra 7%, no caso do trabalho e 6% contra 3%, no caso da religião.

O número de contextos de entrada estava muito próximo à média encontrada por Marques. No entanto, em São Paulo o contexto de maior importância era o de rede (28% dos indivíduos), seguido pelo contexto família (26% dos indivíduos) e pelo contexto vizinhança (25% dos indivíduos). Novamente observou-se uma significativa diferença entre os dois campos de pesquisa no que se refere à participação do contexto trabalho nas redes sociais. Na favela Guinle, 12% dos contatos das redes individuais eram do contexto trabalho, enquanto que em São Paulo essa porcentagem caía, no mesmo contexto, para apenas 6% dos contatos. A maior proporção de indivíduos tanto na esfera de sociabilidade trabalho quanto no contexto trabalho pode ter suas raízes numa importante característica da região onde se localizava a favela: o fato de ser um

distrito industrial capaz de facilitar o acesso a empregos tanto formais como informais, aumentando a empregabilidade dos moradores do bairro.

### **2.3 Tipos de redes e grupos de sociabilidade**

Diante da dificuldade de uma caracterização única e direta das redes de indivíduos em situação de pobreza, já que diferentes dimensões das redes são influenciadas por diversas dinâmicas sociais, e considerando que a construção de uma única tipologia poderia mascarar diferenças existentes, pois nem sempre as características das redes e os padrões de sociabilidade variam juntos, Marques em seu estudo sobre redes sociais em São Paulo optou por explorar esta diversidade de situações através da construção de duas tipologias: uma para as redes sociais em si e outra para os padrões de sociabilidade dos indivíduos (Marques, 2007). Tal tipologia foi adotada neste trabalho, pois permite tanto realizar comparações entre as redes da favela Guinle e as observadas por Marques em São Paulo, quanto enriquece a análise aqui desenvolvida por permitir que os impactos da remoção para o conjunto habitacional sejam observados separadamente sobre cada tipo de rede.

A tipologia das redes sociais em si foi construída através do cruzamento de indicadores e medidas retirados das redes sociais individuais (números de nós; números de vínculos; diâmetro; densidade; grau médio; coeficiente de clusterização; índice de centralização; índice E\_I de local; índice E\_I de contextos; índice E\_I de esferas; intermediação normalizada; números de 2-clans/nº de nós; números de 3-clans/ números de nós; proporção de pessoas externas à área; números de esferas; números de contextos; tamanho eficiente; densidade da rede egocentrada e informação) com dimensões sociais e demográficas (renda; escolaridade; idade; sexo; migração e incorporação; frequência a templos e espaço e segregação). Sinteticamente, esta classificação separou as redes mais claramente por tamanho, rede egocentrada e localismo, estabelecendo 5 tipos diferentes de redes.

Seguindo esta metodologia, foram encontradas na favela Guinle três redes sociais do tipo 1 (redes muito grandes, com egocentradas eficientes e sociabilidade muito variada, mas bastante locais). Eram redes de mulheres solteiras, migrantes, com 36 anos de idade em média e mais de 10 anos de moradia em São Paulo. Possuíam o ensino fundamental incompleto e estavam inseridas precariamente no mercado de trabalho. A renda familiar média era de R\$308 e a renda familiar *per capita* média, a

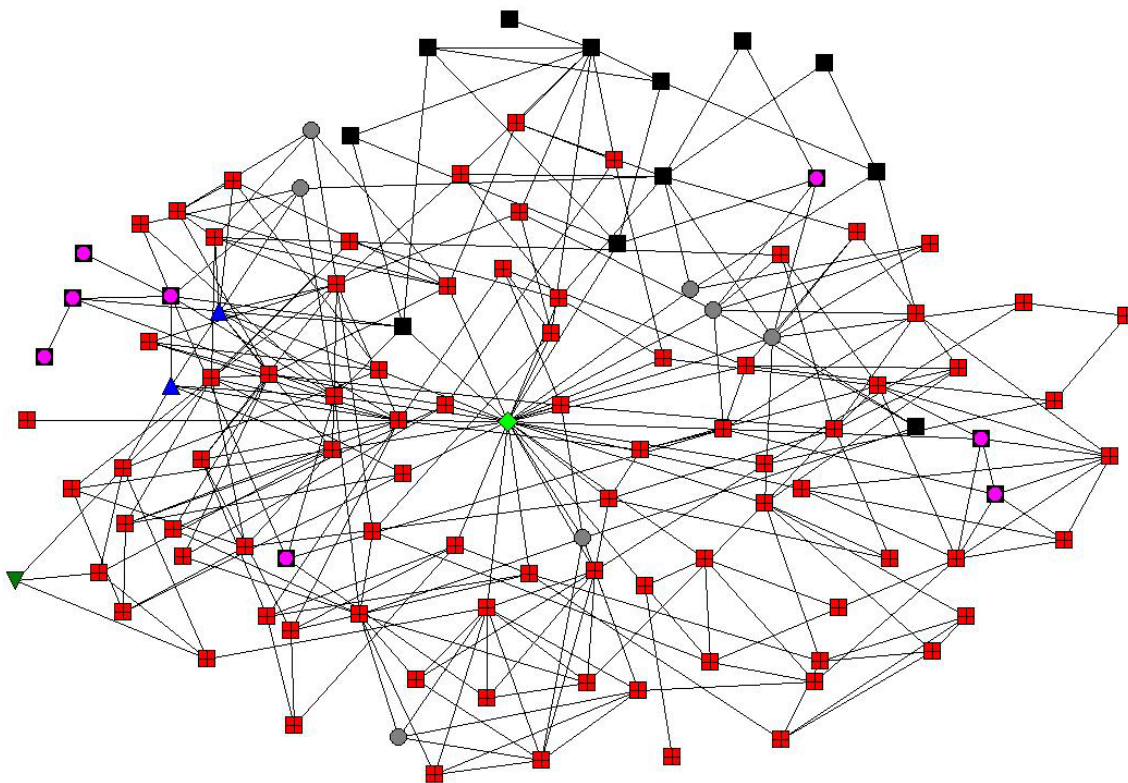
mais baixa dentre os tipos de rede, era de R\$77. Todas as três entrevistadas com este tipo de rede sofriam de precariedade familiar, de trabalho e de renda. Suas redes sociais eram caracterizadas por serem muito grandes (158 nós e 407 vínculos em média), pouco centralizadas e com baixa coesão (o grau de centralização de 19,39 e a índice de clusterização de 0,2736 estavam bem abaixo da média da amostra) e por terem rede egocentrada eficiente. A sociabilidade era variada – considerando as características do grupo pesquisado -, mas bastante local (65% dos contatos eram do próprio bairro). Este tipo de rede apresentou a segunda maior média tanto do número de esferas (4 esferas) quanto do número de contextos (4 contextos), e índice de homofilia de gênero semelhante à média da amostra. Para se ter uma idéia da dimensão destas redes, elas eram superiores em tamanho às redes de classe média, contudo, possuíam índice de clusterização, de inserção urbana e variabilidade da sociabilidade muito inferiores ao verificado nas redes da classe média<sup>15</sup>.

Como exemplo deste tipo de rede, destaca-se a entrevistada de número 24. Tratava-se de uma mulher de 32 anos, nascida em Rainha Izabel, Pernambuco. Veio para São Paulo há 10 anos para a casa de dois irmãos que já moravam na favela Guinle. No momento da entrevista estava separada do companheiro que havia conhecido em Pernambuco. Em sua residência moravam seus dois filhos (um com 7 e outro com 2 anos de idade) e uma amiga. Sua casa ficava no andar superior de um dos poucos sobrados da favela. A parte inferior era reservada para o salão de cabeleireiro em que trabalhava. Possuía ensino fundamental completo e trabalhava há 15 anos como cabeleireira, o que lhe proporcionava uma renda mensal de R\$500,00. Com 102 nós e 244 vínculos, sua rede social era uma das três maiores da amostra. Para além do tamanho, sua rede caracteriza-se por apresentar alto grau de localismo (apenas 12 nós eram externos ao seu local de moradia) e baixa homofilia de gênero (52% de sua rede era formada por indivíduos do sexo masculino). Sua principal esfera de sociabilidade, com 73% dos indivíduos, era a esfera da vizinhança, seguida pela esfera da família com 19%. Era uma das poucas entrevistadas que tinha como forma de lazer a frequência a espaços fora da esfera da família e da vizinhança, tais como casas de forró localizadas no centro de Guarulhos. Segue abaixo o sociograma desta entrevistada. Os círculos cinza são os nós da esfera da família de São Paulo; os quadrados pretos são os nós da

---

<sup>15</sup> Para maiores detalhes sobre as características das redes sociais de indivíduos de classe média, ver Eduardo Marques, 2007, páginas 92 a 94.

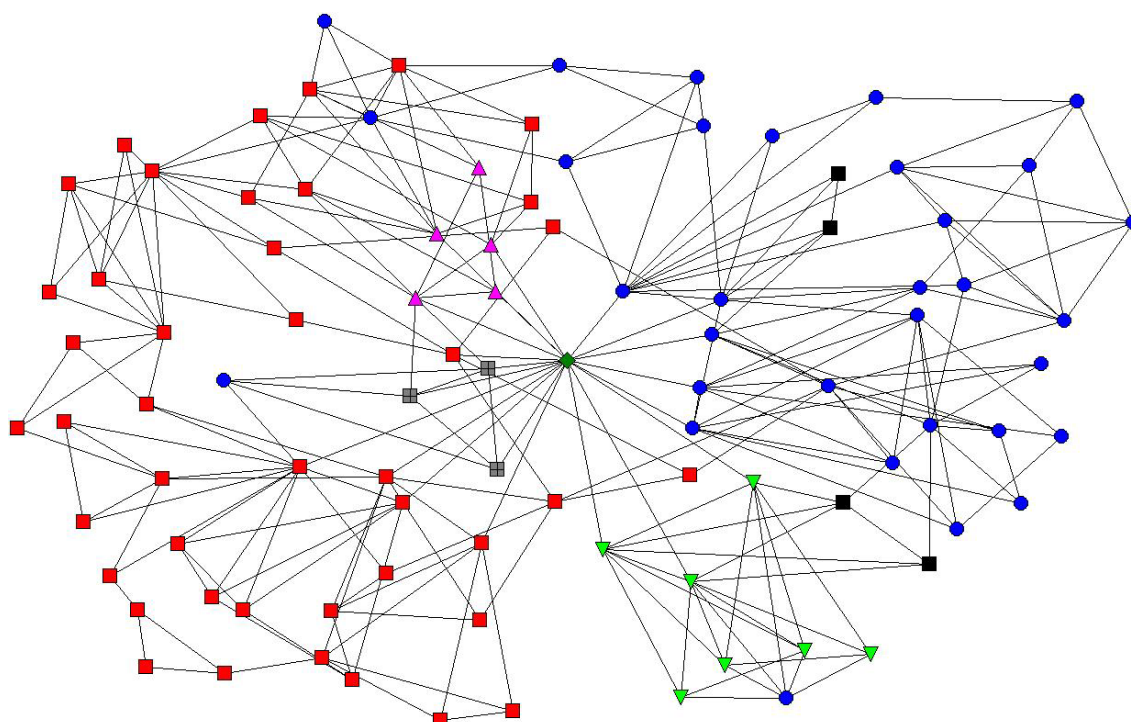
esfera da família de Pernambuco; os triângulos azuis são nós da esfera da família de Alagoas; os quadrados com uma cruz interna são da esfera da vizinhança; os triângulos verdes invertidos são da esfera do trabalho; os quadrados com círculos rosa são da esfera da amizade e o ego é o hexágono verde.



**Figura 7 - Sociograma da entrevistada 24**

As duas redes com características do tipo 2 (redes grandes e com egocentrada eficiente, sociabilidade pouco variada e alto localismo) eram de mulheres, com 41 anos de idade em média, católicas e com 8 anos de escolaridade média (a maior média da amostra). Apesar da alta escolaridade estavam inseridas precariamente no mercado de trabalho, apresentando a segunda pior renda familiar média, R\$490. Estas redes caracterizavam-se por serem grandes, porém na média um pouco menores dos que as redes do tipo 1, e com grau de densidade (0,0617), centralização (39,32) e coesão (índice de clusterização de 0,2750) abaixo da média da amostra. Possuíam egocentrada eficiente e localismo próximo da média. A sociabilidade era muito variada já que apresentavam o maior número médio da amostra tanto de esferas (4,5 esferas) quanto de contextos (5 contextos). Possuíam também um dos menores índices de homofilia de gênero da amostra, 59%.

A entrevistada de número 10 era um exemplo deste tipo de rede social. Tratava-se de uma mulher, migrante, de 50 anos de idade. Natural de Picos, no Piauí, veio para São Paulo há 30 anos com a missão de cuidar de seu irmão. No momento da entrevista já havia 11 anos que morava na favela Guinle. Seu pai e quatro irmãos permaneciam morando no Piauí, o que explica o fato de grande parte de seus contatos externos serem da esfera familiar. Era divorciada a 14 anos de um companheiro que tinha conhecido em São Paulo e morava com os dois filhos mais novos dos três que tinha (o mais velho já era casado). Apesar de ser uma das poucas entrevistadas com ensino médio completo, trabalhava em casa fazendo salgados, cuja venda nas portas das empresas localizadas no bairro lhe rendia R\$300,00 mensais. Sua rede social era grande (86 nós e 446 vínculos), pouco densa e pouco centralizada, e com grau de coesão abaixo da média das redes da Guinle. Com 6 esferas (família, vizinhança, ex-trabalho, igreja, amigos e Osasco) possuía sociabilidade bastante variada para os padrões da pesquisa. Suas principais esferas eram a da vizinhança, com 45% dos contatos, e a da família, com 34%. O índice de homofilia de gênero de sua rede estava abaixo da média e o grau de localismo próximo da média. Segue abaixo o sociograma desta entrevistada.



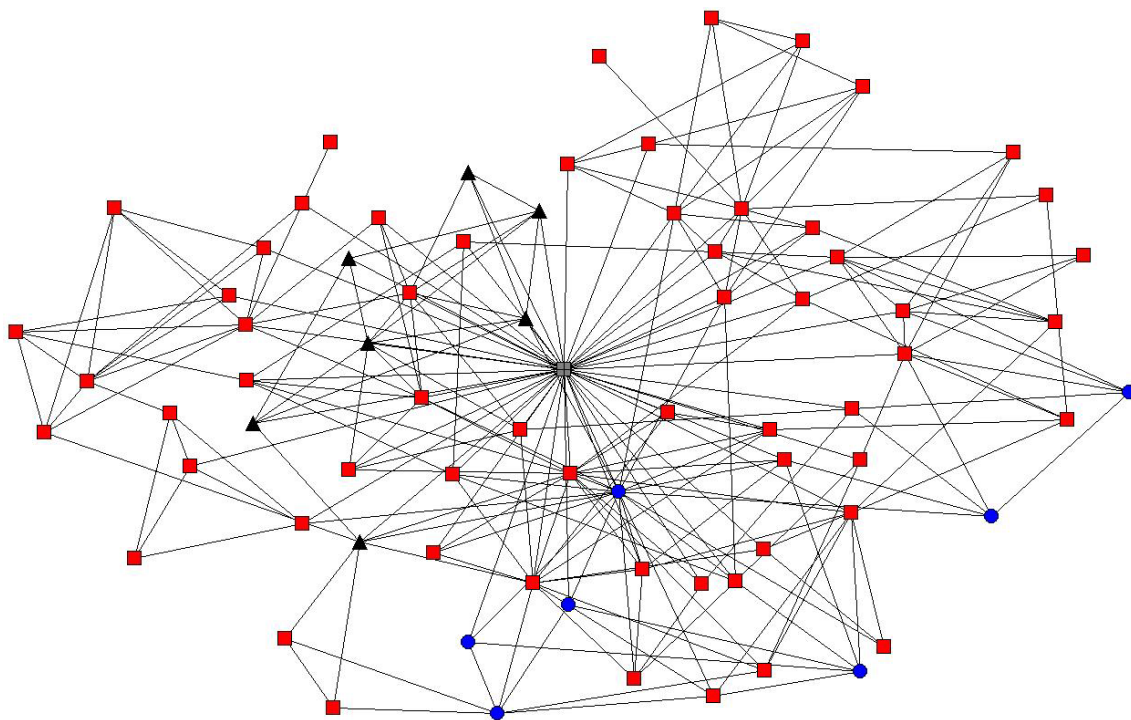
**Figura 8 - sociograma da entrevistada 10**

Os círculos azuis são os nós da esfera da família; os quadrados vermelhos são da esfera da vizinhança; os triângulos rosa são da esfera do ex-trabalho; os quadrados cinza com uma cruz são da esfera da igreja; os quadrados pretos são da esfera da amizade; os triângulos invertidos verdes são da esfera de amigos de Osasco.

As redes sociais de tipo 3 (redes médias com clusterização elevada e sociabilidade muito variada e baixo localismo) eram a segunda mais freqüente da pesquisa. Os homens, os casados e os migrantes com mais de 10 anos de vida em São Paulo estavam sobre-representados neste tipo de rede. Com idade média de 37 anos, este grupo apresentava a segunda melhor média de escolaridade da amostra, 7,25 anos. Proporcionalmente, este tipo de rede possuía a maior quantidade de indivíduos empregados e de trabalhadores cujo acesso ao emprego se deu através da sua rede social. Além de todos os empregos estarem localizados no mesmo bairro de moradia do entrevistado, os indivíduos deste tipo de rede possuíam a maior renda familiar *per capita* média dentre os tipos de rede, R\$267. No entanto, o único caso de precariedade habitacional da amostra estava neste tipo de rede. As redes tinham tamanho médio (66 nós e 149 vínculos), densidade abaixo da média (0,0966) e centralização (60,57) e coesão elevadas (o índice de clusterização era de 0,5603). Com média de 4 esfera e 4,5 contextos, a sociabilidade destas redes estava acima da média. Apesar do grau de localismo ser pouco superior a média da amostra (apenas 39% de indivíduos externos ao bairro), as redes do tipo 3 diferenciavam-se das redes de tipo 1 e 2 porque os contatos externos não estavam somente ligados à esfera da família, mas também à esfera do trabalho e em menor número à esfera da Igreja. O índice de homofilia de gênero (61%), mesmo pouco abaixo da média, ainda pode ser considerado alto.

Como exemplo de rede do tipo 3 pode-se citar o entrevistado de número 2. Homem, casado, com 42 anos de idade. Natural de Carpina, Pernambuco, veio para São Paulo há 28 anos a convite de seu cunhado. Vivia com dois filhos (20 e 18 anos de idade) e esposa, que havia conhecido em Limoeiro, Pernambuco, há 26 anos. No momento da remoção estava morando há 17 anos na favela Guinle. Possuía o ensino médio completo e trabalhava como carregador de caminhões, sem registro em carteira, em uma empresa localizada nas imediações da favela. A renda familiar de R\$300,00 provinha somente de seu trabalho. Sua rede, com 66 nós e 207 vínculos, era de tamanho médio e apresentava baixa sociabilidade, com alto grau de homofilia de gênero (67% dos nós em sua rede eram do sexo masculino), alto localismo (88% dos contatos eram

do bairro) e número de esferas de sociabilidade inferior à média da amostra. Destaca-se que somente a esfera do trabalho era responsável por 71% dos contatos externos ao local de moradia. Segue abaixo o sociograma deste entrevistado. Os círculos azuis representam os contatos da esfera da família; os quadrados vermelhos são da esfera da vizinhança; os triângulos pretos são da esfera do trabalho e o quadrado cinza com uma cruz é o ego.



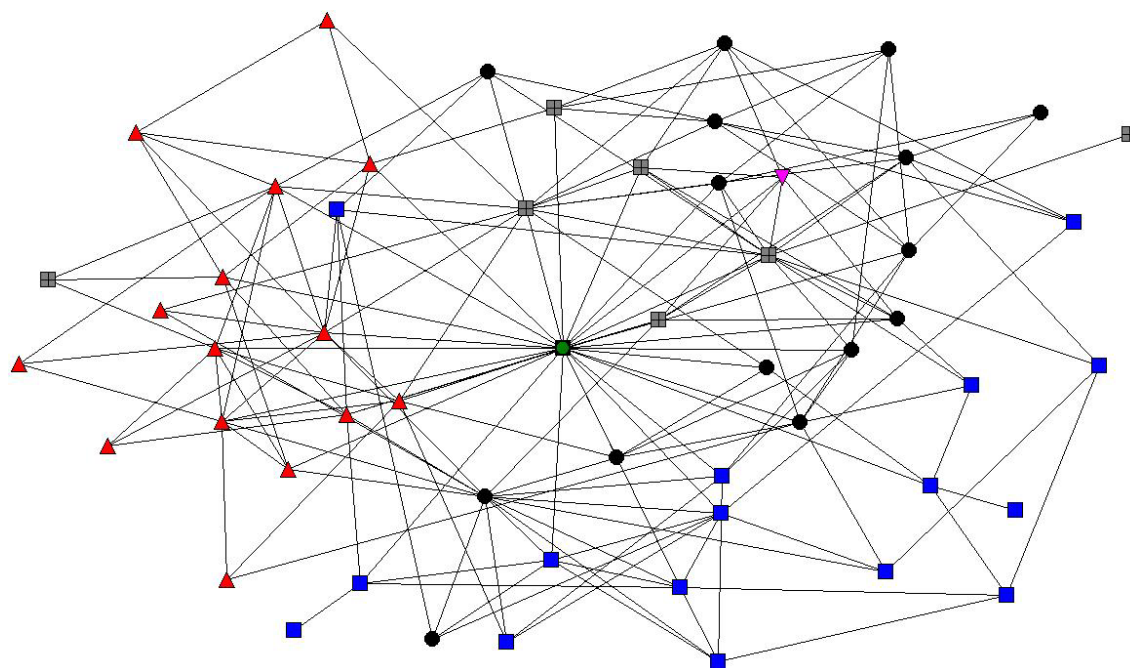
**Figura 9 - sociograma do entrevistado 02**

O tipo 4 (redes de médias para pequenas masculinas, com clusterização alta, variabilidade da sociabilidade média e baixo localismo), com pouco menos da metade das redes, era o que apresentava o maior número de casos. Os indivíduos com este tipo de rede eram preponderantemente mulheres, casadas e católicas. A média de idade era de 38 anos, apesar de os jovens estarem sobre-representados. Também estavam sobre-representados os empregados com carteira assinada e proprietários, os que possuíam renda estável e aqueles que trabalhavam fora da comunidade. Assim como no tipo 3, observou-se grande presença de empregos obtidos através das redes sociais. Os indivíduos com redes do tipo 4 detinham renda familiar acima da média (R\$495), a segunda maior renda *per capita* familiar média (R\$198) e os menores índices de precariedade familiar e de trabalho. Suas redes sociais eram de tamanho médio para pequeno (49 nós e 155 vínculos). Os valores de densidade, centralização e coesão



estavam próximos à média da amostra. Com média de 4 esferas e 4 contexto, e 41% de indivíduos externos ao bairro, estas redes possuíam variabilidade de sociabilidade e grau de localismo próximos à média das redes da Guinle. No entanto, os indivíduos com este tipo de rede detinham a segunda maior média de homofilia de gênero (67%) entre todos os tipos de rede.

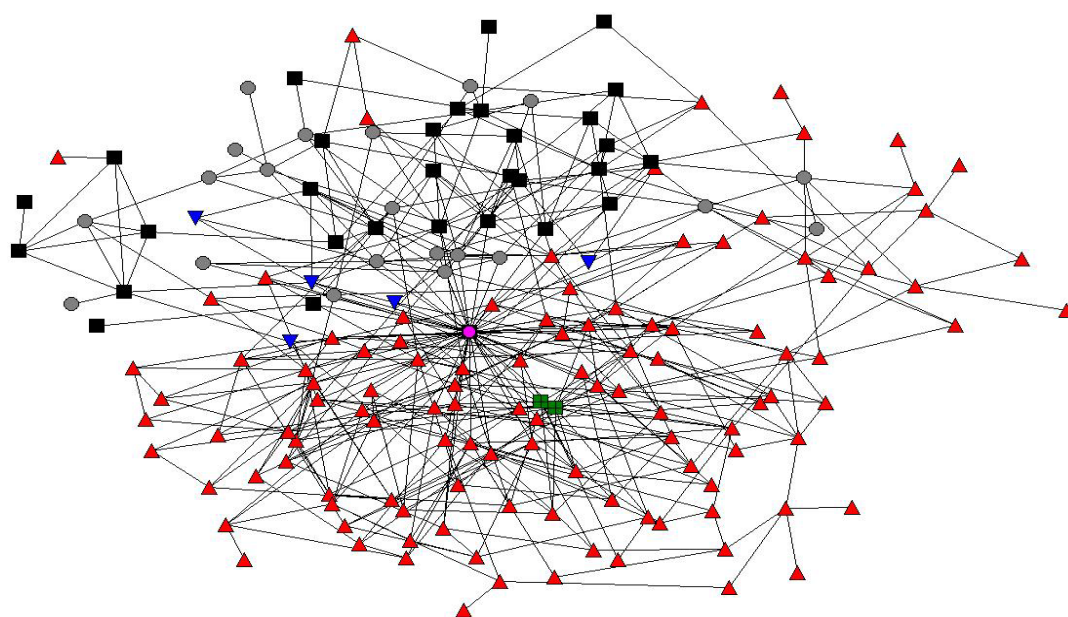
Toma-se como exemplo deste tipo de rede o entrevistado de número 30. Homem, 38 anos, casado. Natural de Guarulhos, veio morar na favela Guinle há 9 anos. Pai de dois filhos (18 e 8 anos de idade), vivia apenas com sua esposa e o filho mais novo. Possuía até a 5ª série do ensino fundamental e trabalhava há 6 anos como motorista de uma empresa localizada no centro de Guarulhos. O emprego, com carteira assinada, foi obtido através da indicação de um amigo. A renda familiar de R\$1000,00 era uma das mais altas da amostra. Apesar de ser uma rede de tamanho médio para pequeno (49 nós e 139 vínculos), tinha grande variabilidade de sociabilidade e localismo inferior a média. Dentre as 5 esferas de sociabilidade existentes, 2 estavam ligadas ao lazer (futebol e samba), somando juntas 15% do total dos contatos da rede social. A homofilia de gênero estava abaixo da média. Segue abaixo o sociograma deste entrevistado. Os quadrados azuis representam os contatos da esfera da vizinhança; os círculos pretos da esfera da família; os triângulos vermelhos da esfera do trabalho; os quadrados cinza com uma cruz da esfera do futebol; o triângulo invertido rosa da esfera do samba e o quadrado com um círculo verde é o ego.



**Figura 10 - sociograma do entrevistado 30**

Os indivíduos com redes sociais do tipo 5 (redes muito pequenas, com clusterização alta, baixa variabilidade da sociabilidade e baixo localismo) eram casados, com escolaridade (3,75 anos de estudo) e renda familiar *per capita* média (R\$ 142,00) abaixo da média. As donas de casa estavam sobre-representadas. Os dois indivíduos com emprego trabalhavam fora da comunidade, um com e outro sem carteira assinada. As redes deste tipo caracterizam-se por serem pequenas (45 nós e 158 vínculos em média), densas e com índice de clusterização abaixo da média. Possuíam também baixa diversidade de sociabilidade (3,25 esferas de sociabilidade, em média) e o maior índice de homofilia de gênero entre todos os tipos de rede (78%). No entanto, estas redes detinham a maior média de indivíduos externos ao bairro da amostra (54%).

A entrevistada de número 13 possuía este tipo de rede. Tratava-se de uma jovem (24 anos) dona de casa, casada e com dois filhos pequenos. Natural de São Paulo, morava na Guinle há 11 anos. Possuía a 5ª série do ensino fundamental e nunca trabalhou. A renda familiar de R\$600,00 era integralmente proveniente do trabalho do marido. Declarou ser católica, mas não freqüentava a Igreja. Como forma de lazer visitava parentes no bairro de Santo Amaro, em São Paulo. Sua rede social caracterizava-se por ser pequena (15 nós e 39 vínculos), com alta homofilia de gênero (82% dos contatos eram do sexo feminino), baixa variabilidade de sociabilidade – apenas as esferas da vizinhança, com 67% dos contatos, e da família, com 33% dos contatos -, e alto localismo (82% dos contatos eram do próprio local de moradia da entrevistada). Segue abaixo o sociograma desta entrevistada.



**Figura 11 - sociograma da entrevistada 13**

Os círculos cinza representam os nós da esfera da família de São Paulo; os quadrados pretos são os nós da esfera da família da Bahia; os triângulos vermelhos são da esfera da vizinhança; os quadrados verdes com uma cruz em seu interior representam os contatos da igreja; os triângulos invertidos azuis são os nós da esfera da amizade.

De forma sintética, as redes do tipo 1 e 2, com cinco casos ao todo, caracterizavam-se por serem tão grandes ou maiores do que as redes de indivíduos da classe média, porém eram pouco coesas e com baixo grau de centralização. Em relação à amostra, pode-se dizer que possuíam sociabilidade bastante variada, já que detinham redes com a maior média de esferas. As redes do tipo 1, além de serem maiores, diferenciavam-se das do tipo 2 por serem mais locais. Os indivíduos com estas redes eram do sexo feminino, precariamente inseridos no mercado de trabalho e com renda inferior à média da amostra.

O maior número de entrevistados da favela Guinle se concentrou principalmente em redes de tamanho médio. Somando os dois tipos de redes com esta característica (redes dos tipos 3 e 4) tinha-se 70% dos entrevistados. As redes de tipo 3 diferenciavam-se por serem predominantemente de homens, pouco densas, porém mais centralizadas e coesas do que a média. Destacavam-se por possuírem sociabilidade variada: número de esferas acima da média, localismo relativamente baixo e contatos externos ligados à esfera da família e do trabalho. As redes do tipo 4, predominantemente feminina, possuíam densidade, grau de centralização e coesão próximos à média da pesquisa, assim como sua sociabilidade e seu localismo. Destacavam-se por deterem o segundo maior índice de homofilia de gênero da amostra. Estes dois tipos de redes possuíam o maior número de trabalhadores e de empregos com carteira de trabalho, além das maiores médias de renda.

As menores redes da amostra, as do tipo 5, eram densas, porém pouco coesas. Apesar de possuírem baixa sociabilidade e alta homofilia de gênero, detinham a maior média de indivíduos externos ao local de moradia. Representavam apenas 13% do total de casos.

## **2.4 Tipos de Sociabilidade**

De forma semelhante à tipologia das redes sociais em si, Marques explorou os cenários de sociabilidades. Submetendo as proporções de indivíduos nas várias esferas de sociabilidade a uma análise de cluster, o autor chegou a 6 grupos de indivíduos com

sociabilidades distintas. Os dois primeiros grupos de sociabilidade eram baseados principalmente em vínculos primários e/ou locais, ou seja, na família e na vizinhança. No terceiro grupo, somou-se às esferas da família e da vizinhança a esfera de amizades, tanto locais quanto de fora da comunidade, porém marcadas pela homofilia de gênero. Os grupos 4, 5 e 6 caracterizavam-se pela forte presença de relações construídas em ambientes institucionais, tais como trabalho, igreja e associações. Estes três últimos tipos teriam, segundo hipótese do autor, sociabilidade conduzida por padrões de contatos de menor homofilia de gênero e maior heterogeneidade, pois os ambientes institucionais seriam ambientes baseados mais em escolhas do que os contatos familiares, de vizinhança e de amizade. (Marques, 2007)

Submetendo as redes sociais da favela Guinle ao mesmo tratamento estatístico, foram encontrados quatro distintos grupos de sociabilidade, semelhantes aos grupos 1, 2, 4 e 5 observados por Marques.

O primeiro grupo, com sociabilidade primária, baseada em muita família e na vizinhança, possuía apenas três casos, todos de redes de mulheres. Mesmo contando com uma jovem de 18 anos, a idade média deste grupo era de 40 anos. As três mulheres que possuíam este tipo de sociabilidade eram católicas, porém com baixa frequência aos cultos. Duas delas viviam com companheiros. Tanto a proporção média de pessoas externas ao local de moradia (54%), quanto o grau médio de homofilia (77%) eram superiores à média da amostra. A escolaridade (4,6 anos de estudo), bem como a renda familiar destas redes estavam abaixo da média da amostra. Apesar de o grupo possuir renda familiar *per capita* média de R\$213,00, dois dos três indivíduos deste grupo recebiam menos do que R\$175,00 de renda familiar *per capita* e, portanto, podem ser considerados muito pobres.<sup>16</sup> Neste grupo não havia incidência de precariedade de renda, familiar e habitacional.

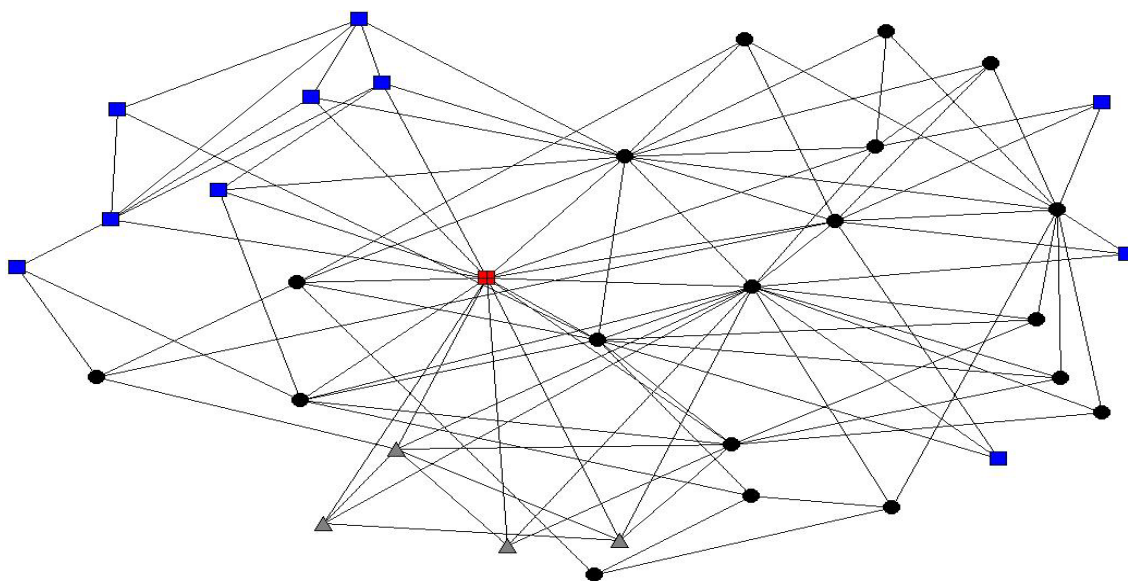
Como dito acima, os indivíduos com este tipo de sociabilidade possuíam grande proporção de pessoas externas em suas redes sociais, no entanto o baixo localismo não estava relacionado com o fato de o indivíduo frequentar ambientes institucionais (trabalho, associações, etc.), mas sim com a associação de duas importantes características: sociabilidade baseada na família e presença de um grande número de migrantes. Os contatos externos ao local de moradia estavam ligados, em sua maioria, à

---

<sup>16</sup> Para efeito de análise, famílias com renda *per capita* igual ou inferior a R\$175,00 são consideradas como “muito pobres”.

esfera familiar que, por sua vez, se estendia para outras cidades e estados do país. Assim, diferente das redes com sociabilidade baseada em ambientes institucionais, não se pode considerar que a porcentagem de indivíduos externos em redes com sociabilidade primária tenha um grande impacto no aumento das possibilidades de inserção social e de acesso a bens materiais e imateriais, já que na maioria dos casos os vínculos são redundantes e pouco eficientes.

A entrevistada de número 27 era um exemplo deste tipo de sociabilidade. Tratava-se de uma mulher de 61 anos de idade, viúva há 15 anos. Natural de Canavieira na Bahia, veio para São Paulo há 3 anos morar com suas filhas que já estavam em Guarulhos. Possuía 10 filhos morando em São Paulo, Guarulhos, Vitória e até na Itália (todos casados). Morava só em um pequeno domicílio de alvenaria no início da favela. Havia concluído a 4ª série do ensino fundamental, e nunca trabalhou fora de casa. Sua renda de R\$350,00 era proveniente da pensão pela morte do marido. Declarou ser católica e freqüentar as missas uma vez por mês. Não costumava sair de casa, nem mesmo para visitar parentes. A entrevistada possuía 3 redes de sociabilidade, duas relacionadas à família e uma à vizinhança. O grau de localismo era um dos mais baixos da pesquisa, com 73% dos indivíduos de sua rede externos ao bairro em que morava. Contudo, 83% destes laços externos eram da esfera familiar, confirmando que sua rede social era baseada em laços primários. O grau de homofilia de gênero era superior à média da amostra. Segue abaixo o sociograma desta entrevistada.



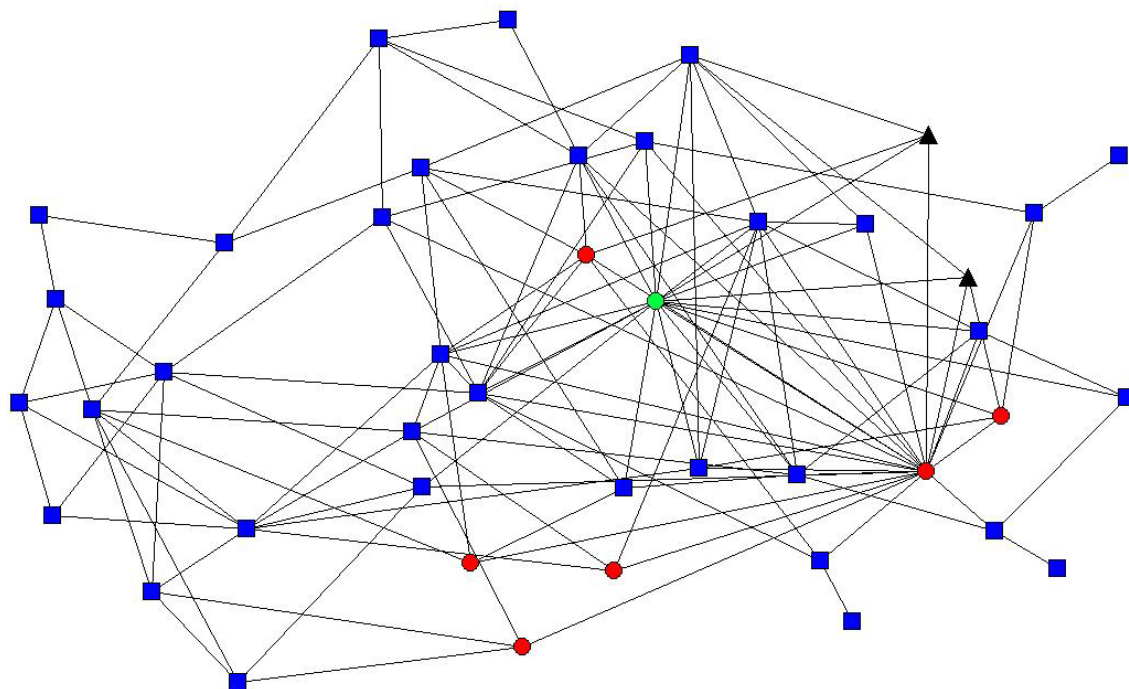
**Figura 12 - sociograma da entrevistada 27**

Os círculos pretos representam os contatos da esfera da família de São Paulo; os quadrados azuis são os contatos da esfera da vizinhança; os triângulos cinza são os contatos da família que vive no Espírito Santo; o ego é o quadrado vermelho com uma cruz interna.

O segundo grupo, que concentrava pouco menos da metade dos casos, possuía número de esferas e contextos acima da média da amostra. No entanto, as redes com deste tipo apresentavam sociabilidade primária e muito local, ou seja, baseada em muita vizinhança e na família (54% dos contatos pertenciam à esfera da vizinhança e 68% dos nós eram do próprio bairro de moradia). Os indivíduos com essa sociabilidade eram predominantemente mulheres (78%) e migrantes (78%), com idade média de 38 anos e o maior tempo de moradia tanto em São Paulo quanto no bairro. Neste grupo encontrava-se o maior número de solteiros dentre todos os outros grupos de sociabilidade (54% do total de solteiros da amostra). As pessoas com este tipo de sociabilidade tendiam a ter menor proporção de indivíduos externos em suas redes do que a média, além de apresentarem homofilia de gênero (63%) e grau de escolaridade (6,76 anos de estudo) superiores à média. Ao mesmo tempo em que os indivíduos deste grupo possuíam a segunda maior porcentagem de trabalhadores (64%), apresentavam a maior quantidade de donas de casa (36%) entre os grupos de sociabilidade. Todos os empregos estavam localizados fora do bairro e dois terços deles haviam sido obtidos através das redes sociais dos indivíduos. A renda familiar média era a menor dentre os grupos de sociabilidade – 76% dos indivíduos com este tipo de sociabilidade possuíam renda familiar *per capita* inferior à R\$120,00, ou seja, sofriam de precariedade de rendimentos. Era o grupo com maior incidência de precariedade geral.

Como exemplo de rede deste grupo de sociabilidade pode-se citar a rede social da entrevistada de número 25. Mulher, divorciada, 34 anos de idade. Natural de Rainha Izabel, Pernambuco, veio para a casa do irmão em São Paulo há 12 anos. Seus pais viviam em Pernambuco juntamente com um de seus irmãos. Os outros 7 irmãos já estavam morando em São Paulo (alguns deles também moravam na Guinle). Não tinha filhos e morava só. Possuía o ensino fundamental completo. Era proprietária de uma pequena venda de doces e salgados na favela, de onde obtinha renda de pouco mais de R\$100,00. Já trabalhou como vendedora de produtos de beleza e como auxiliar de produção em uma metalúrgica. Declarou ser católica, porém não freqüentava a igreja. Como forma de lazer visitava parentes ou fazia compras. Sua rede social era muito

local, com sociabilidade pouco variada (3 esferas) e baseada em laços primários (a esfera da vizinhança agregava 79% dos contatos de sua rede). A homofilia de gênero era próxima à média do conjunto dos entrevistados. Segue abaixo o sociograma desta entrevistada. Os círculos vermelhos representam os nós da esfera da família; os quadrados azuis os nós da esfera da vizinhança; os triângulos pretos os nós da esfera do trabalho e o círculo verde o ego.



**Figura 13 - sociograma da entrevistada 25**

O terceiro grupo era o segundo menor, apenas 4 casos. As redes dos indivíduos deste grupo apresentavam sociabilidade baseada na família, na vizinhança e na igreja. A proporção de indivíduos externos ao bairro destas redes sociais era inferior à média geral, contudo os nós externos estavam ligados preponderantemente às esferas do trabalho e da Igreja. Caracterizavam-se também por apresentarem a segunda maior média do índice de homofilia de gênero da amostra. Eram mulheres, em sua maioria migrantes, com escolaridade alta em relação ao grupo social pesquisado (6,75 anos de estudo), e a pior renda familiar *per capita* dentre os grupos de sociabilidade (R\$117,25). Divididos igualmente entre católicos e evangélicos, apresentavam a maior frequência aos cultos dentre os grupos – todos freqüentavam a Igreja ao menos quinzenalmente. Os empregados estavam inseridos precariamente no mercado de trabalho (trabalhadores sem carteira e autônomos), trabalhavam fora da comunidade e haviam conseguido o emprego através de suas redes sociais. Metade dos indivíduos com esta sociabilidade



sofria ao menos de dois tipos de precariedade: além da renda, foi o único grupo que apresentou um caso de precariedade habitacional.

O entrevistado de número 19 pertencia a este grupo de sociabilidade. Tratava-se de uma mulher, viúva, com 38 anos de idade. Natural de Tabuleiro do Norte, no Ceará, veio morar na casa de parentes em São Paulo há 11 anos. Já havia morado em Porto Velho, Rondônia, onde conheceu seu falecido marido. Vivia com suas duas filhas e duas amigas da Igreja. Possuía o ensino médio completo. Através de indicação de uma amiga passou a trabalhar como faxineira sem registro em uma empresa do bairro. Sua renda mensal era de R\$240,00. Era evangélica e freqüentava os cultos 6 vezes por semana. Como forma de lazer visitava parentes e membros da Igreja. A maior parte de seus nós (47%) estava na esfera da Igreja, porém, as esferas da família e da vizinhança eram importantes, pois juntas somavam 35% dos contatos. A maioria de seus contatos (57%) era de fora da Guinle e faziam parte das esferas da família, da Igreja e do trabalho. O grau de homofilia de gênero era superior à média. Segue abaixo o sociograma desta entrevistada. Os círculos azuis representam os contatos da esfera da família; os quadrados cinza da esfera da vizinhança; os triângulos vermelhos da esfera do trabalho; os quadrados pretos da esfera da Igreja e o ego é o triângulo invertido rosa.

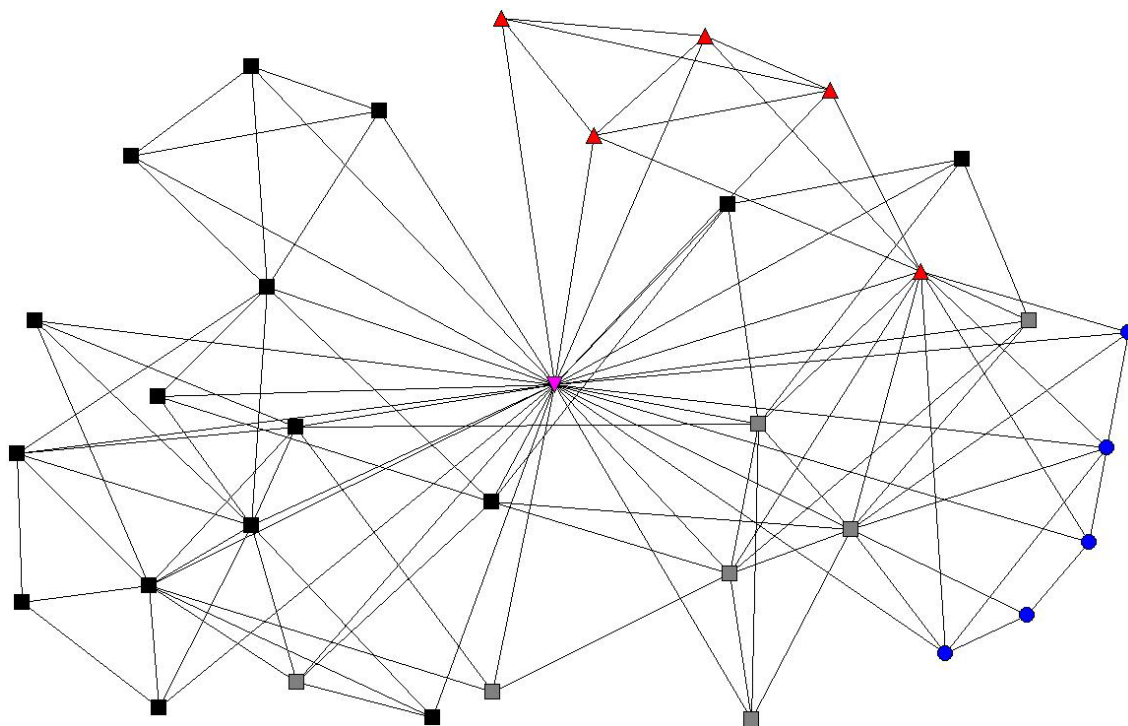
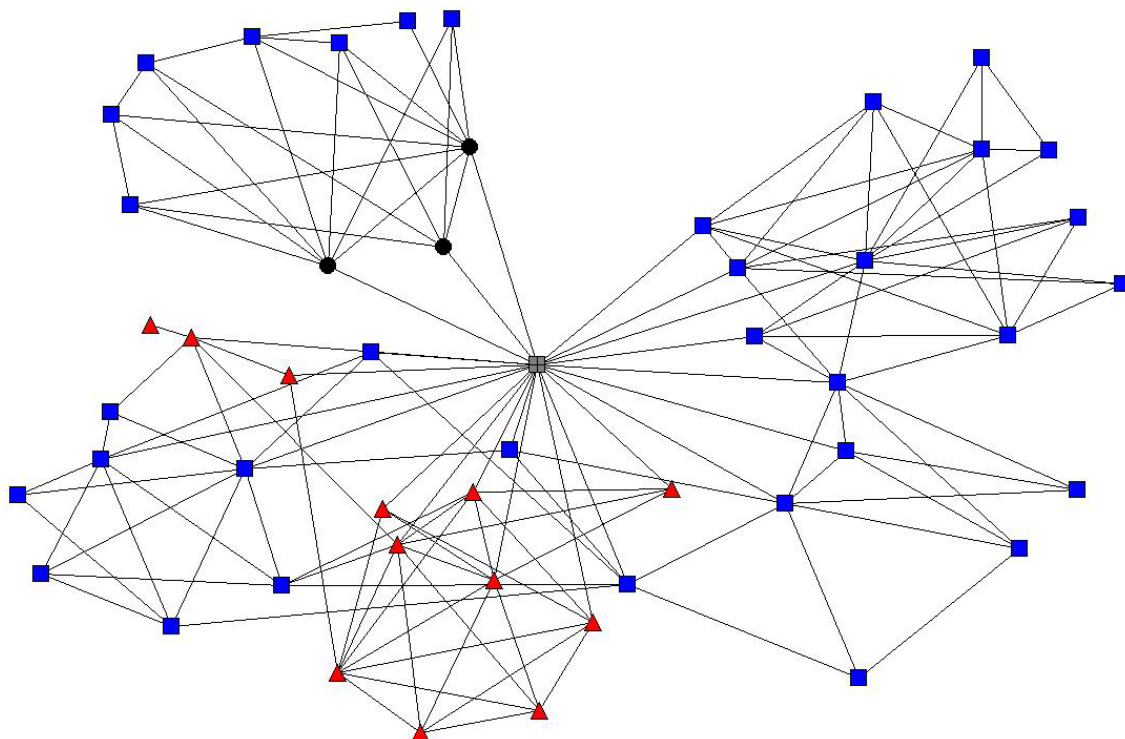


Figura 14 - sociograma da entrevistada 19



No quarto grupo, cuja sociabilidade era baseada na família, na vizinhança e no trabalho, foram encontrados nove casos (segundo maior grupo de sociabilidade). Os homens e os casados estavam sobre-representados neste grupo. A escolaridade e o índice de homofilia de gênero eram os mais baixos dentre os grupos de sociabilidade da amostra. Estas redes possuíam a maior proporção de indivíduos externos ao bairro (55%) e número médio de esferas (4,33) acima da média. Os indivíduos cujas redes possuíam este tipo de sociabilidade eram trabalhadores que, em sua maioria, estavam inseridos formalmente no mercado de trabalho (89%). Seus empregos localizavam-se fora do local de moradia e haviam sido obtidos através de suas redes sociais. Apresentavam também a menor porcentagem de indivíduos que sofriam de precariedade de rendimentos e de trabalho. Nenhum deles sofria de mais de uma precariedade simultaneamente.

O entrevistado de número 05 era um dos casos deste grupo. O indivíduo era do sexo masculino, casado, com 45 anos de idade. Natural de Biaçu, no Ceará, veio para São Paulo há 33 anos. No momento da entrevista, há 14 anos morava na favela Guinle com a esposa, que conheceu no bairro, e com um cunhado. Havia completado apenas o 1º ano do ensino fundamental e trabalhava, com carteira assinada, como ajudante geral em uma empresa de transportes rodoviários de São Paulo. Sua renda era de R\$540,00. Não possuía religião e como forma de lazer pescava com amigos, freqüentava o clube do sindicato dos metalúrgicos e visitava parentes em São Paulo. Sua rede social continha 3 esferas de sociabilidade. A mais importante era a da vizinhança, com 68% dos contatos, seguida pela esfera do trabalho com 24%. Sua rede social apresentava alto localismo (80% dos contatos eram do próprio local de moradia) e homofilia de gênero pouco acima da média da amostra. Segue abaixo o sociograma deste entrevistado. Os círculos pretos representam os contatos da esfera da família; os quadrados azuis referem-se aos nós da esfera da vizinhança; os triângulos vermelhos são os nós da esfera do trabalho.



**Figura 15 - sociograma do entrevistado 05**

Resumindo os resultados da tipologia de sociabilidade, tem-se que o grupo 2, com maior número de casos (47% do total), caracterizava-se por possuir redes com sociabilidade muito local e baseada em relações de vizinhança e familiares. Em sua maioria estas redes pertenciam a mulheres migrantes há mais de 10 anos vivendo no estado de São Paulo. Os solteiros e as donas de casas estavam sobre-representados. Em relação ao resto da amostra, possuíam alta escolaridade, porém a menor renda dentre os grupos.

As redes do grupo 4, segundo em incidência de casos (30% do total), tinham sociabilidade baseada no trabalho. Os indivíduos deste grupo possuíam redes com maior variabilidade de sociabilidade – maior número de esferas e menor localismo da amostra –, além de apresentarem o menor índice de precariedades. As redes deste grupo eram predominantemente de homens, com grande número de trabalhadores formais e nenhuma família em situação social precária.

O grupo 3 de sociabilidade, terceiro em número de casos (4 ao todo), tinha grande proporção dos contatos ligados à esfera da Igreja (detinham a maior média de frequência a cultos). As redes deste grupo eram de mulheres com escolaridade acima da média, contudo com a pior renda familiar *per capita*. Os trabalhadores estavam inseridos precariamente no mercado de trabalho. Apesar de serem redes mais locais que

a média, os contatos externos estavam ligados a ambientes institucionais, como o trabalho e a Igreja.

O menor grupo, apenas 3 casos, era o de sociabilidade do tipo 1. Suas redes possuíam relações primárias, baseadas em muita família e na vizinhança. Eram redes de mulheres com idade superior à média e baixa escolaridade. Apesar de o grau de localismo ser inferior à média, os contatos externos estavam ligados, em sua maioria, à esfera da família.

O quadro abaixo traz o cruzamento dos tipos de redes sociais e os grupos de sociabilidade.

Grupos de Sociabilidade	Tipos de Redes					
	1	2	3	4	5	Total
<i>sociabilidade primária, baseada em muita família e na vizinhança</i>	0	0	0	2	1	3
<i>sociabilidade primária, local e baseada em muita vizinhança e na família</i>	3	1	3	6	1	14
<i>sociabilidade baseada na família, na vizinhança e na Igreja</i>	0	1	2	0	1	4
<i>sociabilidade baseada na família, na vizinhança e no trabalho</i>	0	0	3	5	1	9
Total	3	2	8	13	4	30

*Fonte: Cálculo próprio a partir de material empírico coletado.*

Do cruzamento entre tipos de redes e grupos de sociabilidade podem-se tirar algumas observações. Em primeiro lugar verificou-se que as maiores redes, as de tipo 1 e 2, possuíam, majoritariamente, sociabilidade primária, muito local e baseada em muita vizinhança e na família. Isto é, apesar de serem muito grandes, o que poderia indicar maior capacidade de superar barreiras impostas pela segregação espacial, sua sociabilidade não estava baseada em ambientes institucionais, mas sim em relações primárias e de vizinhança, limitando a capacidade de inserir os indivíduos em círculos sociais mais amplos.

Em segundo lugar, as redes médias, de tipo 3 e 4, também possuíam sociabilidade primária, local e baseada em muita vizinhança e na família (43% destes tipos de redes se enquadravam neste grupo de sociabilidade). Contudo, 48% destas redes médias possuíam sociabilidade que além das esferas da família e da vizinhança, também se baseavam fortemente nas esferas da Igreja e do trabalho, ou seja, em ambientes institucionais.

Em terceiro lugar, observou-se que as redes pequenas, do tipo 5, estavam uniformemente distribuídas entre os quatro tipos de sociabilidade existentes.

Ao fim deste capítulo, cabe uma retomada das principais características das redes sociais dos moradores da favela Guinle discutidas até o momento. Sinteticamente, pode dizer que as redes sociais dos moradores da favela Guinle eram um pouco maiores, mais densas e centralizadas do que as redes de moradores de São Paulo com características socioeconômicas semelhantes. Apresentavam grande variação tanto no número de nós (mínimo de 22 e máximo de 190 nós) quanto no total de vínculos (mínimo de 36 e máximo de 449 vínculos). A sociabilidade baseava-se, em média, em relações primárias e locais (as principais esferas eram a da vizinhança e a da família, respectivamente).

As maiores redes sociais, superiores até mesmo ao tamanho médio das redes de indivíduos de classe média, eram essencialmente de mulheres migrantes. Tais redes possuíam grande variabilidade de sociabilidade, porém elevado localismo, o que pode estar relacionado com a inserção precária no mercado de trabalho e com as piores médias de renda familiar *per capita* da amostra.

As redes de tamanho médio eram as mais frequentes entre os entrevistados. Sua sociabilidade, pouco acima da média, diferenciava-se por ser menos primária, ou seja, estava mais fortemente baseada em relações construídas em ambientes institucionais, tais como o trabalho e a Igreja. Ressalta-se também que os indivíduos externos presentes nestas redes estavam localizados em maior número nas esferas do trabalho e da Igreja. Estas redes de tamanho médio além de apresentarem as maiores médias de escolaridade, eram responsáveis pelo maior número de empregos protegidos e pelas maiores rendas familiares.

As redes pequenas caracterizavam-se por possuírem alta clusterização e baixa variabilidade de sociabilidade. Eram responsáveis tanto pelas maiores porcentagens de indivíduos externos ao local de trabalho quanto pelos maiores índices de homofilia de gênero da amostra. As donas de casa estavam sobre-representadas e a renda familiar *per capita* era inferior a média geral.

No próximo capítulo serão apresentados os resultados obtidos na segunda fase da pesquisa de campo. Nesta etapa, realizada após transcorrido um ano da data da remoção das famílias para o conjunto habitacional, os moradores entrevistados na primeira fase foram submetidos novamente ao instrumental da análise de redes sociais.

As características das redes sociais são novamente detalhadas para, em seguida, serem confrontadas com as redes da primeira fase.

### Capítulo 3

#### As redes sociais no conjunto habitacional

Neste capítulo são apresentados os resultados das entrevistas realizadas no conjunto habitacional com os ex-moradores da favela Guinle. Exatamente após um ano da data da remoção, maio de 2008, entrevistou-se as mesmas pessoas da primeira fase da pesquisa. Esta nova medição não só permitiu a obtenção de dados sobre a situação socioeconômica e sobre as características das redes sociais dos moradores no novo ambiente para o qual foram removidos, bem como subsidiou a análise, realizada neste capítulo, do impacto sobre as redes sociais gerado pela remoção dos moradores da favela para o conjunto habitacional.

Na primeira parte deste capítulo apresentam-se as principais características socioeconômicas dos indivíduos após um ano de moradia no conjunto habitacional. Em seguida estes resultados serão confrontados com os dados obtidos na primeira fase da pesquisa. Na segunda parte do capítulo, serão apresentadas as características propriamente ditas das redes sociais destes indivíduos no conjunto habitacional, para, em seguida, confrontá-las com as redes obtidas na favela Guinle subsidiando, desta forma, a análise do impacto da remoção sobre as redes sociais individuais.

O conjunto habitacional para o qual as famílias foram removidas faz parte de um complexo habitacional da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU) com 788 apartamentos, divididos em 5 conjuntos que se subdividem em diversos blocos. As famílias da Guinle ocupam a maior parte do conjunto R1R2, localizado a beira da Rodovia Ayrton Senna da Silva, no bairro do Pimenta, município de Guarulhos.

Apesar de estar a 10 km da antiga favela Guinle, a 20 km do centro de Guarulhos e a 35 km do centro de São Paulo, o bairro Pimentas oferece uma boa estrutura comercial, com supermercados, açougues, farmácias, padarias, pequenos comércios de vestuário, depósitos de material de construção, etc. Isto, pois o bairro é fruto de uma antiga ocupação organizada a partir de outro empreendimento habitacional da própria CDHU. Contudo, segundo depoimentos dos próprios entrevistados, os aparelhos públicos localizados no entorno do bairro, tais como escolas, postos de saúde e transporte público não estavam preparados para o acréscimo de 788 famílias em suas

demandas. Este fato tornou o acesso a estes tipos de serviços um dos principais problemas enfrentados pelas famílias.

As entrevistas da segunda fase foram realizadas no próprio conjunto habitacional entre os dias 22/05 e 08/06 de 2008. De forma semelhante ao realizado na primeira fase da pesquisa, foram aplicados um questionário semi-aberto e o instrumental de análise de redes. As entrevistas duraram entre 40 minutos e 1 hora e realizaram-se nas residências dos entrevistados. De um total de 30 indivíduos ouvidos na primeira fase, apenas dois não foram encontrados para serem novamente entrevistados na segunda fase: o primeiro tratava-se de um homem, com 32 anos de idade, casado que, por indisposição com alguns vizinhos, pouco permanecia no conjunto; e o segundo era uma mulher de 62 anos de idade, viúva, que logo depois da remoção havia mudado para sua cidade natal.

### **3.1 Situação socioeconômica no conjunto habitacional**

O primeiro ponto a ser destacado foi o acréscimo no número de indivíduos casados no conjunto habitacional. Enquanto no primeiro momento 57% dos entrevistados moravam com um companheiro, na segunda entrevista essa porcentagem era de 68%. O aumento no número de casados, aliado a outras alterações no núcleo familiar (39% dos entrevistados declararam ter ocorrido alguma alteração nos componentes familiares) teve impacto no número de indivíduos por domicílio da amostra, que passou de 3,20 para 3,64 pessoas por domicílio em média na segunda fase. Como será observado mais adiante, estas alterações no núcleo familiar também repercutiram na renda familiar média dos entrevistados.

A opção religiosa e principalmente a freqüência aos cultos religiosos também sofreram importantes mudanças após a remoção. Enquanto o número de católicos passou de 23 para 20 entrevistados, o grupo que se declarou evangélico aumentou de 4 para 6 pessoas. Com relação à freqüência aos cultos, do total dos indivíduos que declararam possuir na primeira fase alguma religião, 54% disseram que a mudança para o conjunto habitacional alterou sua freqüência aos cultos religiosos: 43% deixaram de freqüentar os cultos; 4% permanecem indo aos cultos, porém de forma menos freqüente; e apenas duas pessoas disseram ter passado a freqüentar cultos religiosos após a remoção (ex-católicos que com a mudança se tornaram evangélicos). Apesar de não se ter observado mudança significativa no número de indivíduos que freqüentavam mais que quinzenalmente os cultos na favela Guinle (passaram de 8 para 7 indivíduos),

verificou-se, por outro lado, um importante acréscimo no grupo de indivíduos que nunca participava de cultos religiosos (de 5 para 13 pessoas, ou de 17% para 46% da amostra). Enquanto o primeiro caso reflete a facilidade com que os evangélicos encontraram espaços onde poderiam exercer sua religiosidade, o segundo, ou seja, o aumento no número de indivíduos que não freqüentavam cultos religiosos é o reflexo da ausência de igrejas católicas nas proximidades do conjunto habitacional, ou mesmo em bairros vizinhos. Contudo, como será demonstrado adiante, a remoção da favela Guinle fez com que tanto evangélicos quanto católicos perdessem contatos ligados à esfera da religião, diminuindo sua importância nas redes sociais individuais dos entrevistados.

Verificou-se, com relação às práticas de lazer, aumento na porcentagem de pessoas que declararam visitar amigos e parentes (de 43% para 59% na segunda fase) e diminuição daqueles que visitavam parques (de 13% para 3% na segunda fase) e praticavam esportes (de 10% para 3% na segunda fase). Com relação à companhia no lazer, destaca-se apenas queda no número de indivíduos que eram acompanhados por amigos nas horas de lazer (de 27% para 11%). Não houve mudança significativa no que se refere ao local de lazer: em 83% dos casos o lazer era praticado fora do local de moradia.

Com relação à ocupação dos entrevistados, houve alteração em 6 casos (21% da amostra). No primeiro deles, a entrevistada que trabalhava como faxineira com carteira assinada foi demitida e recontratada, porém sem carteira. O segundo caso era o da cozinheira autônoma de salgados que na mudança para o conjunto perdeu os clientes das fábricas que ficavam no entorno da Guinle e ficou sem fonte de renda. O terceiro era o da jovem mulher que trabalhava como ajudante geral com carteira assinada e que dias antes da remoção da favela havia sido demitida, permanecendo desempregada até o momento da segunda entrevista. A quarta pessoa a mudar sua situação de ocupação foi a educadora do MOVA que com a remoção ficou sem alunos e não dava mais aulas. O quinto caso era o da proprietária de uma pequena loja de doces e salgados que não pôde instalar seu comércio no conjunto, obrigando-a a trabalhar como vendedora autônoma de cosméticos. O sexto e último caso era o da dona de casa que com a perda do emprego por parte do marido passou a trabalhar como babá de algumas crianças do próprio prédio onde morava. Estas mudanças geraram como resultado a diminuição no número de trabalhadores da amostra. Enquanto na favela Guinle havia 20 trabalhadores, ou 67% da amostra, no conjunto habitacional este número caiu para 17 trabalhadores, ou 61%



do total. Tanto na primeira quanto na segunda fase da pesquisa, todos os homens entrevistados trabalhavam. Em relação às mulheres, das 11 que relataram estar trabalhando, apenas 8 continuavam exercendo alguma atividade remunerada quando foram novamente entrevistadas.

Houve também queda no número de trabalhadores com emprego protegido. De um total de 11 trabalhadores nesta condição, ou 55% dos trabalhadores da primeira fase, apenas 7 trabalhadores, ou 41%, continuavam com emprego protegido. Observando mais atentamente verificou-se que apesar do número de trabalhadores sem carteira assinada ter permanecido o mesmo, a ocupação de autônomo, anteriormente exercida por 3 entrevistados, passou a ser a ocupação de 4 indivíduos - o único proprietário entrevistado na primeira fase não conseguiu manter seu negócio no conjunto habitacional<sup>17</sup> e passou a trabalhar como autônomo. Ressalta-se ainda que, diferentemente do observado na favela Guinle, onde nenhum dos entrevistados declarou estar desempregado, no conjunto habitacional 3 indivíduos disseram estar nesta condição.

Desta forma, o menor número de trabalhadores com registro em carteira implicou numa acentuada queda do número de trabalhadores com rendimento estável<sup>18</sup>. Na favela Guinle eles representavam 40% da amostra, porém no conjunto habitacional este grupo era de apenas 25% do total.

Observou-se também aumento no número de empregos adquiridos através da rede social. Na Guinle a rede era responsável pela obtenção de 90% dos empregos, contudo no conjunto habitacional essa forma de obtenção de emprego havia garantido o emprego de 94% dos trabalhadores. No entanto, este aumento está mais relacionado com a queda do número de empregados (de 19 para 16 trabalhadores na segunda fase) do que ao aumento no número de empregos obtidos através da rede, que na realidade diminuíram de 17 para 15 casos.

Uma das principais alterações provocadas pela remoção pôde ser observada no que se refere ao local de trabalho dos indivíduos. Enquanto na primeira fase 70% dos

---

<sup>17</sup> A CDHU tem como regra o uso da unidade habitacional exclusivamente para moradia, o que impede o morador de montar qualquer tipo de comércio no local. Como na maioria dos empreendimentos da Companhia não estão previstos a reserva de áreas do conjunto para a instalação de comércio, muitas das famílias que vivem desta prática perdem sua fonte de renda quando passam a habitar os conjuntos.

<sup>18</sup> Nesta dissertação considera-se indivíduo com rendimento estável todo aquele que seja empregado com carteira assinada, proprietário de negócio ou aposentado/pensionista. Em oposição, autônomos, trabalhadores sem registro em carteira, donas de casa e desempregados são considerados indivíduos sem rendimento estável.

entrevistados trabalhavam na própria comunidade, na segunda fase houve uma inversão: 87% estavam trabalhando fora do bairro onde viviam. Isto, pois, como já foi dito no capítulo anterior, grande parte dos moradores da Guinle trabalhavam nas indústrias e empresas de transporte situadas no entorno da favela. Muitos dependiam no máximo de uma bicicleta para chegar ao local de trabalho. Com a mudança para o conjunto habitacional passaram a ter que transpor uma distância de 10 km entre as suas residências e as empresas em que trabalhavam, ou seja, ao invés das antigas bicicletas, os ex-moradores da Guinle tinham que se deslocar de ônibus. Para 75% dos trabalhadores a mudança para o conjunto aumentou o número de transportes necessários para se locomover de casa para o trabalho. Em 69% dos casos eram necessários dois ônibus para realizar o trajeto de ida e volta entre a sua residência e o local de trabalho, e em 12% deles eram necessários quatro ônibus. Os recursos empregados em tal deslocamento representaram um importante acréscimo no custo de vida destes indivíduos, já que grande parte das empresas se recusava a fornecer o vale transporte a seus trabalhadores.

A distância do novo local de moradia em relação ao distrito industrial de Cumbica, onde estava a favela Guinle, também se transformou, segundo 75% dos entrevistados, numa barreira para a obtenção de um novo emprego. A ausência de empresas na região do conjunto habitacional e a distância em relação ao distrito industrial de Cumbica tornaram a busca por emprego uma atividade cara, já que para cada tentativa eram necessárias no mínimo duas passagens de ônibus (uma para ir e outra para voltar). Segundo alguns dos entrevistados, no tempo em que moravam na Guinle era prática comum àqueles indivíduos que estavam desempregados percorrer de bicicleta pela manhã as portas das fábricas atrás de algum “bico”. Em outros casos, vizinhos e amigos da própria favela, ao saberem que a empresa em que trabalhavam estava necessitando de algum trabalhador temporário, informavam imediatamente sobre tal oportunidade. Essas dinâmicas de obtenção de emprego reforçam tanto a importância das redes sociais – já confirmada pelo alto índice de empregos obtidos através das redes nas duas fases da pesquisa -, quanto a importância para este grupo social da proximidade com pólos de absorção de mão de obra.

Contudo, a maior precarização do trabalho, o aumento da distância em relação ao local de trabalho e a maior dificuldade em obter emprego não se traduziram em queda de rendimento familiar dos entrevistados, mas sim em aumento. Os dados obtidos

através das entrevistas realizadas no conjunto habitacional revelaram que em 68% dos casos houve alguma alteração na renda familiar média. Em 14% da amostra houve perda de renda e em 54% houve acréscimo, elevando a renda familiar média de R\$464 para R\$603 na segunda fase da pesquisa. Enquanto na Guinle a menor renda familiar era de R\$100, no conjunto habitacional a menor renda era de R\$150. Acompanhando o mesmo movimento, a maior renda familiar da amostra passou dos R\$1000 observados na Guinle para R\$1200. Considerando as faixas de renda, o número de famílias que recebiam menos do que 1 salário mínimo de renda mensal passou de 17 casos (57% da amostra) para 9 casos (30% da amostra); e o número de famílias que recebiam de 1 a 2 salários mínimos aumentou de 10 par 12 casos, ou seja, de 33% para 43% da amostra. Por fim, as famílias que recebiam entre 2 e 3 salários mínimos, que na primeira fase da pesquisam eram apenas 3 casos, na segunda fase passaram a ser 7 casos, representando 25% do total de entrevistados.

De forma similar ao verificado na renda familiar média, foram observadas alterações na renda familiar *per capita* em 18 casos entre a primeira e a segunda fase de entrevistas. Em 12 deles a renda familiar *per capita* elevou-se e em 6 diminuiu. Com isto a renda familiar *per capita* média passou de R\$193 para R\$207 na segunda fase. Nota-se que este aumento de 7% foi bem inferior a elevação de 30% verificada na renda familiar média.

O aumento tanto na renda familiar média quanto na renda familiar *per capita* reduziu a porcentagem de famílias consideradas muito pobres - de 73% da amostra na primeira fase para 64% na segunda fase -, e paupérrimas - de 43% para 28% no conjunto habitacional.

Verificou-se também queda no número de indivíduos com precariedade de renda - de 50% para 36% no conjunto habitacional -, e com precariedade familiar - de 20% para 18% no conjunto habitacional. É importante ressaltar que a precariedade de renda diminuiu mesmo diante de um cenário de piora no que se refere às relações de trabalho no grupo pesquisado, ou seja, de crescimento no número de indivíduos precariamente inseridos no mercado de trabalho (de 45% para 67% dos trabalhadores). Diante da melhora em relação à situação familiar e de renda, o número de indivíduos com situação social precária, que sofriam de duas ou mais precariedades, teve uma pequena redução, passando de 33% para 32% dos entrevistados na segunda fase.

É importante ressaltar que em todos os quatro casos em que a renda familiar no conjunto habitacional era inferior ao medido na favela Guinle foram observadas mudanças no tipo de ocupação dos entrevistados ou de seus companheiros. Como exemplo destaca-se a entrevistada de número 10, uma mulher de 51 anos de idade, divorciada há 14 anos e mãe de 3 filhos. Natural de Picos, no Piauí, vive em São Paulo há 30. Com o ensino médio completo, trabalhava na favela Guinle fazendo e vendendo salgados aos funcionários das indústrias que ficavam no entorno de sua residência, atividade esta que lhe proporcionava uma renda mensal de R\$300. Com a mudança para o conjunto habitacional perdeu a demanda dos trabalhadores das empresas que ficavam próximas de sua casa. Sem a renda da venda dos salgados passou a viver com R\$200 mensais oriundos de contribuições dadas por seus dois filhos casados. Na primeira fase, sua rede social caracterizava-se por ser de tamanho médio para grande e por possuir proporção de indivíduos externos ao bairro similar à média da amostra. Com um total de 6 esferas – família, vizinhança, ex-trabalho, Igreja, Osasco e amizade - , sua rede possuía grande diversidade de sociabilidade. Dentre as 6 esferas, as principais eram a da vizinhança, com 45% dos contatos, e a da família, com 34%. A rede desta entrevistada detinha uma das mais baixas homofilia de gênero da amostra na primeira fase da pesquisa (53%), taxa que se elevou para 65% na segunda fase. Sua rede perdeu 45% dos números de nós e duas esferas entre a primeira e a segunda entrevista. A porcentagem de indivíduos externos teve um expressivo aumento, atingindo 67% dos contatos. No entanto, é importante ressaltar que 80% dele estavam ligados à esfera da família.

Já com relação ao aumento de renda observado entre as duas fases da pesquisa, algumas considerações tanto sobre a natureza quanto sobre as características desta elevação se fazem necessárias. Certas especificidades observadas, tais como a discrepância entre os aumentos da renda familiar média e da renda familiar *per capita* média, o grande número de casos em que se verificou alteração no núcleo familiar e o fato da elevação de renda ter se dado em paralelo a um cenário de precarização do trabalho - queda do número total de trabalhadores, do número de trabalhadores com registro em carteira e do número de trabalhadores com rendimento estável – indicavam que, ao contrário do que foi observado nos indivíduos cuja renda familiar declinou entre as fases da pesquisa, os casos em que se verificou acréscimo na renda não estavam relacionados, em sua maioria, a alterações nas esferas do emprego e da renda, mas sim à

adequação das famílias às regras do financiamento habitacional às quais estavam sujeitas e, principalmente, a mudanças no núcleo familiar.

Em primeiro lugar destaca-se que em 8 dos 15 casos em que houve aumento na renda familiar ele foi acompanhado por alguma alteração no núcleo familiar do entrevistado. Observando mais atentamente, verificou-se que em todas estas situações o núcleo familiar original foi acrescido de um componente com renda, o que em muitos casos significou não só o aumento da renda familiar como da renda familiar *per capita*. Este é o caso da entrevistada de número 13, uma mulher de 37 anos de idade, migrante há 20 anos em São Paulo e mãe de 3 filhas pequenas. Na favela Guinle estava separada do companheiro e recebia R\$350 de pensão alimentícia das filhas. No conjunto habitacional passou a viver novamente com seu antigo companheiro. A renda familiar, inteiramente proveniente deste novo membro familiar, passou para R\$600. Na Guinle sua rede era uma das maiores da amostra, porém muito local e com alto índice de homofilia de gênero. Apesar de estar acima da média (5 esferas ao todo), a diversidade de sociabilidade era fortemente baseada na vizinhança (66% dos contatos) e na família (29% dos contatos). Após um ano de moradia no conjunto habitacional para o qual foi removida, sua rede permanecia fortemente baseada na vizinhança e ainda muito local, porém havia perdido 51% dos nós e uma esfera de sociabilidade, a da Igreja.

Em outros casos a inclusão de um novo componente familiar com renda aumentou a renda familiar média, porém não gerou impactos na renda familiar *per capita*. Esta era a situação do entrevistado de número 08, um homem de 36 anos de idade, natural de Tabuleiro do Norte, no Ceará. Separado, morava sozinho em seu domicílio na Guinle. Possuía o 2º ano do ensino fundamental e trabalhava, com carteira assinada, em uma indústria de alimentos localizada no distrito industrial de Cumbica. Sua renda era de R\$580. No conjunto habitacional permanecia no mesmo emprego, porém estava dividindo seu apartamento com um sobrinho, para o qual havia conseguido um emprego na mesma empresa em que trabalhava. Assim, a renda familiar passou dos R\$580 iniciais para R\$1200, porém a renda *per capita* familiar continuava muito semelhante à anterior. Sua rede na favela Guinle era de tamanho médio, pouco local e primária e com sociabilidade bem distribuída entre as 4 esferas (família, vizinhança, trabalho e amizade). A esfera mais importante era a da vizinhança, responsável por 36% dos contatos. Sua rede apresentou baixa perda de contatos entre a primeira e a segunda fase de entrevistas, porém tornou-se muito mais local. O

desaparecimento da esfera vizinhança na segunda fase estava ligado ao fato desta esfera ter se fundido com a esfera da amizade que, como será visto na análise do impacto da remoção sobre as redes sociais, é um fenômeno associado à reorganização do espaço de moradia em um conjunto habitacional vertical e que afetou a maioria dos entrevistados.

Verificaram-se também quatro casos em que houve aumento de renda entre a primeira e a segunda fase da pesquisa, porém sem alteração no núcleo familiar ou qualquer mudança no tipo de ocupação, no vínculo trabalhista ou no cargo que exercia. O acréscimo de renda neste pequeno número de casos pode ser atribuído a um processo de ocultação de renda no momento da entrevista na favela Guinle. Esta ocultação fazia parte de uma estratégia familiar de adequação aos critérios e regras do financiamento habitacional aos quais as famílias estavam sujeitas com a remoção para o conjunto habitacional. O financiamento habitacional da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU) prevê a concessão de subsídios aos seus mutuários. Estes subsídios, que fazem parte da política pública de habitação apoiada no princípio da equidade, têm por objetivo amortizar parte de cada prestação do financiamento habitacional, dando àquelas famílias com precariedade de renda a possibilidade de adquirirem um imóvel. Desta forma, todo mês uma parcela da prestação do financiamento é paga pelo mutuário enquanto a outra é “paga” ou amortizada pela CDHU. A definição do subsídio e, portanto, a definição de quanto cada mutuário irá pagar, tem como principal referência a renda familiar. Assim, quanto maior a renda familiar, menor o subsídio e maior o valor a ser pago pelo mutuário.

O próprio procedimento de aferição de renda utilizado pela CDHU pode estimular, em alguns casos, a ocultação de renda. Para os componentes da família formalmente inseridos no mercado de trabalho exige-se, como comprovante de renda, a carteira de trabalho e os três últimos holerites. No entanto, para aqueles que não possuem carteira assinada a auto-declaração de rendimentos é o único instrumento utilizado para se aferir a renda familiar. Com isto, os trabalhadores informais estabelecem os valores de suas rendas, livres de qualquer constrangimento ou mecanismo de averiguação por parte da CDHU. Ressalta-se ainda que até o momento da assinatura do contrato de financiamento pelas famílias da favela Guinle não havia regras que definissem como critério de atendimento pela CDHU valores mínimos de renda nos

casos de remoção.<sup>19</sup> Mesmo aqueles que declarassem receber menos do que um salário mínimo – renda mínima exigida nos casos em que a inscrição para os programas habitacionais estão abertos a todos os moradores do município e em que os mutuários são definidos através do sorteio das unidades habitacionais - poderiam ser atendidos no programa habitacional, pagando a taxa mínima de 15% de um salário mínimo.

As entrevistas da primeira fase da pesquisa ocorreram poucos dias antes da assinatura do contrato de financiamento. Tratava-se de um momento delicado, onde as famílias já haviam declarado sua renda para a CDHU, porém ainda não tinham assinado o contrato. Havia naquele momento o receio sobre a possibilidade de ainda serem feitas alterações no contrato, como, por exemplo, na renda familiar declarada, o que implicaria em aumento nas prestações que viriam a ser pagas.

A hipótese de ocultação de renda é reforçada pelo fato de três destes quatro indivíduos não possuírem renda estável, ou seja, não possuírem, na primeira fase de entrevistas, carteira assinada. No único caso de aumento de renda entre as duas fases da pesquisa em que o responsável pela renda familiar estava formalmente empregado e não havia mudado de ocupação, a diferença de renda não foi superior a R\$100.

A entrevistada de número 14 era um caso de ocultação de renda. Tratava-se de uma mulher com 40 anos de idade e casada. Natural de Palmeiras dos Índios, Alagoas, veio para São Paulo há 18 anos e morava há 15 anos na Guinle quando foi removida. Na favela vivia com 3 filhos e o marido, que conheceu em Rainha Izabel, Pernambuco. Com a 4ª série do ensino fundamental, sua principal ocupação era cuidar da casa e dos filhos. A renda familiar de R\$350 na favela Guinle era proveniente dos trabalhos realizados por seu marido. No conjunto habitacional declarou renda familiar de R\$420. Sua rede na primeira fase pode ser considerada de pequena para média. A sociabilidade era pouco diversificada (apenas 3 esferas), muito local e primária (baseada nas esferas da vizinhança e da família). No conjunto habitacional sua rede havia perdido pouco

---

<sup>19</sup> Os critérios de atendimentos nos programas de financiamento habitacional da CDHU para o qual não há um público alvo determinado previamente, como é o caso da remoção de famílias de áreas de risco ou degradadas, são: morar ou trabalhar no município onde estão localizadas as unidades habitacionais há pelo menos 3 anos; possuir família constituída, ou seja, não ser indivíduo só com menos de 35 anos de idade; ter renda familiar entre 1 e 10 salários mínimos. Nos programas especiais de remoção de favelas ou áreas de risco, os critérios para atendimento pela CDHU que vigoravam no momento em que as famílias da favela Guinle foram atendidas, permitiam que todas as famílias indicadas pela Prefeitura e verificadas pela Companhia fossem atendidas, mesmo não respeitando aos critérios estabelecidos para os programas padrões de financiamento habitacional. Nas remoções posteriores à da favela Guinle, alguns critérios foram estabelecidos, tais como renda mínima de 1 salário mínimo e possuir família constituída.

menos do que 40% dos nós e uma das esferas. Apesar de ter se tornado um pouco menos local, continuava baseada em relações primárias e com alta homofilia de gênero.

A título de exercício analítico, os valores das rendas daqueles em que se verificou ocultação foram alterados tendo como base os valores apurados no conjunto habitacional. Neste novo quadro onde a renda foi ponderada levando em conta os casos de ocultação, não se verificou alteração nos valores mínimos e máximos da renda familiar da amostra, porém a renda familiar média na favela Guinle passou de R\$464 para R\$476. De forma semelhante, a renda familiar *per capita* média da Guinle sofreu pequeno acréscimo, passando de R\$193 para R\$196. Observa-se que mesmo considerando a renda ponderada há um acréscimo de renda entre a primeira e a segunda fase da pesquisa. Isto, pois o maior impacto na renda foi gerado pelo novo componente familiar que passou a, no conjunto habitacional, compor a renda.

Por fim, em apenas três casos o aumento da renda familiar estava diretamente relacionado à alteração na esfera do trabalho. No primeiro, a entrevistada de número 3 perdeu o emprego com carteira assinada, contudo seu salário como faxineira sem registro era superior ao anterior. No segundo, o professor autônomo passara a dar, além das aulas de inglês, aulas de reforço escolar, incrementando, desta forma, sua renda. No terceiro e último caso, o entrevistado de número 18 mudou para uma ocupação mais rentável.

Este era o caso da entrevistada de número 03, uma mulher com 31 anos de idade, natural de Olindina, Bahia, há 13 anos vivendo em São Paulo. Casada e mãe de dois filhos, quando entrevistada na favela Guinle trabalhava, com registro em carteira, como auxiliar de limpeza de uma empresa localizada no próprio bairro morava. Recebia, na ocasião, R\$400 de salário. No ano que se passou entre a primeira e a segunda entrevista a empresa de terceirização de serviços para a qual trabalhava faliu. No entanto, ela foi contratada diretamente pela indústria na qual prestava serviço, porém sem carteira assinada e recebendo R\$500 de salário. Sua rede na primeira fase da pesquisa era de tamanho médio para grande, com alta variabilidade de sociabilidade (7 esferas, cujas principais eram a do trabalho e da vizinhança, respectivamente), baixo localismo e homofilia de gênero pouco abaixo da média da amostra. Na segunda fase de entrevistas, sua rede havia perdido 42% dos contatos e 4 esferas. Sua rede permaneceu pouco primária (a esfera do trabalho sozinha concentrou 43% dos contatos) e pouco local. No entanto, o índice de homofilia de gênero aumentou, alcançando 74%.



### **3.2 As redes sociais no conjunto habitacional**

Após um ano da remoção dos moradores da favela Guinle para o conjunto habitacional localizado no bairro Pimentas, em Guarulhos, os indivíduos entrevistados na primeira fase da pesquisa foram novamente submetidos ao instrumental de análise de redes sociais. O objetivo desta segunda fase da pesquisa era identificar as principais características das redes sociais destas pessoas após um ano de moradia no conjunto habitacional. Em seguida os resultados obtidos nas duas fases da pesquisa foram comparados, possibilitando, com isto, analisar o impacto causado pela remoção das famílias sobre suas redes sociais.

Antes de serem submetidos ao instrumental de redes, os entrevistados foram questionados sobre a dinâmica das relações no conjunto habitacional. Segundo 64% dos indivíduos, a remoção gerou alguma alteração na forma ou intensidade com que se relacionavam com vizinhos, amigos e parentes. Questionados especificamente sobre a frequência dos contatos, dentre os 28 entrevistados, 16 (57%) declararam terem mantido contato freqüente com os amigos da favela Guinle, enquanto 12 (43%) disseram que apesar de terem mantido o contato, ele havia se tornado menos freqüente do que no período anterior à remoção. Segundo os próprios entrevistados, um dos principais motivos que teria facilitado a manutenção, no conjunto habitacional, das relações estabelecidas na favela Guinle, foi o fato de toda a favela ter sido removida para o mesmo conjunto habitacional. Em outras palavras, a manutenção da proximidade geográfica teria diminuído o custo de se manter um nó na rede.

No entanto, os dados sobre as redes sociais destes indivíduos no conjunto habitacional e a comparação com as redes da favela Guinle indicam que, apesar da remoção ter mantido a maioria dos moradores no mesmo conjunto, próximos uns aos outros, suas redes passaram por consideráveis transformações entre a primeira e segunda fase da pesquisa. Algumas delas, relacionadas à situação socioeconômica dos entrevistados, foram detalhadas acima. Cabe agora a descrição das características propriamente ditas das redes sociais dos indivíduos após um ano de moradia no conjunto habitacional.

O tamanho é uma das principais medidas das redes sociais, pois é capaz fornecer de maneira direta sua extensão. Os indicadores utilizados para avaliar o tamanho das redes foram: número de nós, número de vínculos, diâmetro, densidade da rede e o índice

de centralização. A média de número de nós das redes no conjunto habitacional foi de 39, variando do mínimo de 20 ao máximo de 86 nós. Comparadas com as redes sociais da favela Guinle, as redes do conjunto habitacional apresentaram em média 35% menos nós. A maior perda de nós chegou a 82%. É importante destacar que em apenas 2 casos as redes mantiveram o número de nós ou aumentaram em 5% esse índice.

De forma semelhante ao verificado com o número de nós, o número médio de vínculos das redes reduziu dos 196 das redes sociais da favela Guinle para os 132 das redes do conjunto habitacional, variando entre o mínimo de 67 e o máximo de 299 vínculos.

O diâmetro das redes, ou seja, a maior dentre as menores distâncias entre dois nós quaisquer em uma rede, sofreu uma expressiva diminuição, passando da média de 4,8 passos apenas 2 na segunda fase da pesquisa. A densidade das redes, definida como a soma dos vínculos dividido pelo número de vínculos possíveis, passou de 0,113677 na primeira fase para 0,19902, indicando que as redes do conjunto habitacional eram mais densas do que as da Guinle. Alterações também foram observadas no índice de centralização, que passou de 50,47 na primeira fase para 70,07 na segunda. É importante ressaltar que o aumento tanto da densidade quanto da centralização das redes tem relação direta com a diminuição do número de nós. Ou seja, quanto menores, mais densas e centralizadas serão as redes sociais.

A coesão, importante medida das redes sociais associada a padrões de conectividade mais intensos, tem como indicadores o grau de informação (proporção de todos os caminhos entre quaisquer nós na rede que passam por um dado nó), o coeficiente de clusterização (média das densidades das vizinhanças de todos os nós da rede) e o grau médio (número médio de vínculos por nó na rede). O primeiro indicador, o grau de informação, variou positivamente entre os dois momentos da pesquisa. Enquanto na primeira fase a média era de 1,92%, na segunda fase o grau de informação médio das redes era 4,14%. O coeficiente de clusterização também sofreu variação positiva, passando de 0,4619 na Guinle para 0,6459 nas redes do conjunto habitacional. O grau médio, terceiro indicador de coesão, passou de 3,03 para 3,29 contatos por nó nas redes da segunda fase.

As medidas que tratam diretamente das características estruturais das redes sociais – tamanho e coesão – indicaram que após um ano da remoção as redes sociais dos indivíduos entrevistados no conjunto habitacional apresentaram importantes

mudanças em comparação com as redes da favela Guinle. Como visto acima, as redes sociais na segunda fase da pesquisa eram menores - possuíam menor número de nós e de vínculos -, mais densas, centralizadas e coesas. Os resultados apontam para uma perda substantiva de contatos gerada pela remoção das famílias. Levando-se em conta o aumento da coesão, o que significa que as redes ampliaram a proporção de nós com padrão mais intenso de conexão entre si, pode-se afirmar também que as redes ficaram ainda mais dependentes de contatos primários indispensáveis, como são os familiares. Assim, o passo seguinte é avaliar qual o impacto da remoção sobre os padrões de sociabilidade dos indivíduos entrevistados.

A sociabilidade tem como dois de seus principais indicadores o número de esferas e de contextos presentes nas redes. No caso das redes sociais no conjunto habitacional, verificou-se em média 3,36 esferas, variando do mínimo de 2 até o máximo de 5 esferas. A esfera mais importante, ou seja, com maior proporção de nós, era a esfera da vizinhança – em média, a esfera da vizinhança era responsável por 29% dos nós, com variação de nenhum contato até 76% dos contatos. A segunda esfera com maior número de nós era a esfera da família, com 28% dos nós e variação de 7% até 63%. Em terceiro lugar estava a esfera da amizade, com 23% dos nós em média e variação de zero até 64%. A esfera do trabalho era a quarta maior, com 11% dos nós e variação de 0% a 45%. Com menor expressão, seguiam a esfera da Igreja, com média de 3% e variação de 0% a 36% e a esfera do lazer, com média de 1% e variação de 0% a 30%.

Em média as redes sociais da segunda fase da pesquisa possuíam 4 contextos (mínimo de 2 e máximo de 7 contextos). O principal deles, responsável por 40% dos contatos, era o da vizinhança (mínimo de 0% e máximo de 79%). Em seguida, tinha-se o contexto da família, com 22% dos contatos (mínimo de 5% e máximo de 52%). O contexto de rede e o contexto do trabalho eram responsáveis por 14% dos contatos cada. Com menos expressão, tinham-se os contextos da Igreja (3%), a do lazer (1%) e do estudo (1%).

No conjunto habitacional o índice médio de homofilia de gênero era 71%, variando do mínimo de 33% ao máximo de 89%.

A proporção, nas redes sociais, de indivíduos que são externos ao local de moradia é um importante indicador utilizado para avaliar o grau de localismo, ou seja, o quanto a rede integra os indivíduos em contextos mais amplos do que o local. No caso

das redes medidas no conjunto habitacional, a média de indivíduos externos era de 40%, com mínimo de 0% e máximo de 87%.

Para além das alterações no número total, é importante destacar que se verificaram mudanças nos tipos de esferas e de contextos e principalmente, na importância de cada um na rede. Enquanto nas redes da favela Guinle a esfera da vizinhança tinha em média 41% dos nós, nas redes sociais do conjunto habitacional a esfera da vizinhança possuía apenas 29% dos nós. Contudo, mesmo com a redução de vinte pontos percentuais, permanecia como a principal esfera das redes sociais analisadas.

A esfera da amizade, ao contrário, apresentou importante crescimento na proporção de nós entre a primeira e segunda fase da pesquisa, passando de 3% para 23% dos nós das redes do conjunto habitacional. No entanto, verificou-se que este expressivo aumento estava fundamentalmente apoiado na migração de nós oriundos da esfera vizinhança. Em muitos casos os contatos anteriormente atribuídos à esfera da vizinhança foram, no conjunto habitacional, considerados com sendo da esfera da amizade. Isto porque, com o conjunto habitacional organizado em blocos, andares e apartamentos, configuração completamente diferente da disposição dos domicílios na favela, indivíduos que eram vizinhos na favela foram alocados em andares diferentes e, até mesmo, em blocos diferentes. Dessa forma, segundo os próprios entrevistados, não poderiam mais ser classificados como vizinhos, mas sim como amigos. Isto explica a diminuição acentuada da porcentagem de nós na esfera da vizinhança entre as duas fases da pesquisa e o significativo aumento na proporção de nós na esfera da amizade no conjunto habitacional.

A esfera da Igreja, anteriormente com 7% dos contatos, representava, nas redes do conjunto habitacional, apenas 3%. A ausência de Igrejas católicas nas imediações e até mesmo em bairros vizinhos ao conjunto habitacional foi o principal fator responsável pela diminuição da frequência dos católicos aos cultos e, em consequência, pela perda de contatos da esfera da Igreja – 54% dos católicos deixaram de frequentar a Igreja após a remoção para o conjunto habitacional.

A queda da proporção de nós na esfera do trabalho (de 14% na favela Guinle para 11% no conjunto habitacional) parece estar relacionada tanto com a diminuição do número de trabalhadores quanto com o aumento da precarização das relações de trabalho na amostra.

A esfera da família sofreu um pequeno recuo na proporção de nós das redes, passando de 31% para 28% dos contatos no conjunto habitacional. A esfera do lazer manteve-se estável, com 1% dos nós em ambas as fases da pesquisa.

A remoção das famílias da favela Guinle para o conjunto habitacional fez com que uma considerável parcela dos contatos presentes nas redes dos entrevistados fosse perdida, tornando as redes menores, mais densas e centralizadas. Os efeitos da remoção não só foram observados no tamanho das redes, como na qualidade dos contatos. Isto, pois os resultados sobre a coesão indicam que as redes do conjunto habitacional baseavam-se ainda mais em contatos primários e mais intensos do que o verificado na favela Guinle (laços familiares e de vizinhança). Esferas como a da Igreja e do trabalho perderam importância ao mesmo tempo em que a sociabilidade tornou-se ainda mais baseada nas esferas da vizinhança/amizade local e da família. As redes se tornaram mais locais e com contatos externos predominantemente ligados à esfera da família. A homofilia de gênero também aumentou nas redes do conjunto habitacional. Por fim, as redes sociais da segunda fase eram menores, mais densas e coesas, com sociabilidade menos variada e ainda mais baseadas em laços primários e locais do que as redes da favela Guinle.

### **3.3 Análise a partir das faixas de perdas de nós**

Com o objetivo de analisar mais detalhadamente o comportamento das redes diante do impacto da remoção das famílias para o conjunto habitacional, os 28 entrevistados na segunda fase foram divididos em três grupos de acordo com a porcentagem de perda de nós entre a primeira e a segunda fase da pesquisa. No primeiro deles estão as redes sociais com perdas de até 15% no número de nós. No segundo grupo encontram-se as redes com perdas de 15% a 50% e no terceiro, redes com perdas superiores a 50% no número de nós. Na primeira faixa (0 a 15%) foram encontrados cinco casos, na segunda faixa (15% a 50%) quinze casos, e na terceira (mais de 50%) sete casos. Em apenas uma rede houve acréscimo no número de nós.

O grupo de entrevistados em que as redes perderam até 15% era formado, na favela Guinle, inteiramente por mulheres, cuja média de idade era de 35 anos. Eram em sua maioria católicas (havia apenas uma evangélica), com baixa frequência aos cultos (apenas a evangélica freqüentava cultos religiosos mais que quinzenalmente). A maioria delas era de migrantes antigos, ou seja, que viviam há mais de 10 anos em São

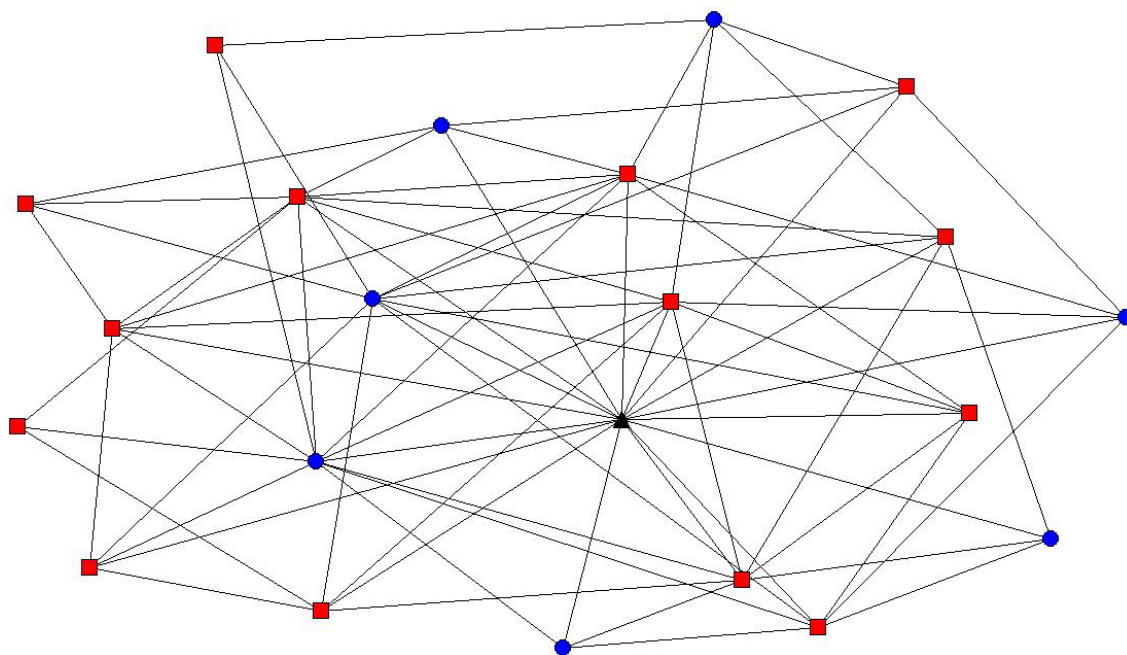
Paulo. Em média possuíam apenas 5,67 anos de estudo. Das cinco entrevistadas deste grupo, três exerciam alguma atividade remunerada no próprio bairro onde moravam, porém nenhuma delas possuía registro em carteira. Este grupo possuía renda familiar média de R\$464, similar à média da amostra. Contudo, a renda familiar *per capita* de R\$147 era inferior à média geral. Com 45 nós, 148 vínculos e diâmetro de 4 passos em média, as redes sociais deste grupo eram as menores da amostra. Possuíam também a maior densidade (0,1651), o maior índice de centralização (54,42) e o maior grau de informação (2,3798) dentre os três grupos. No entanto o índice de clusterização (0,4435) estava abaixo da média da amostra. A sociabilidade destas redes caracterizava-se por possuir baixa variabilidade (número de esferas abaixo da média) e por ser muito local (apenas 39% dos contatos eram externos ao bairro de moradia). Apesar de se basear fortemente em relações primárias (as duas maiores esferas eram a da família, com 39% dos contatos, e a da vizinhança, com 31%), diferenciava-se por possuir a maior proporção de nós na esfera Igreja da amostra, 14%. No entanto, é importante ressaltar que esta proporção de nós na esfera Igreja se deve fundamentalmente a apenas duas entrevistadas dentre as seis deste grupo. Estas redes sociais também apresentavam índice de homofilia de gênero acima da média (73%). O principal contexto de entrada era o da vizinhança com 38% dos contatos, seguido pelo da família com 32%, pelo da rede com 14% e pelo do trabalho com 11%. Dentro do sistema classificatório utilizado no capítulo anterior, as redes deste grupo se enquadravam nos tipos 4 (redes de média para pequenas, com grande homofilia de gênero) e 5 (redes pequenas e densas, porém pouco coesas). Os grupos de sociabilidade mais frequentes eram o 1 (sociabilidade primária, baseada em muita família), o 2 (sociabilidade muito local, primária e baseada em muita vizinhança) e grupo 4 (sociabilidade baseada na família, na vizinhança e no trabalho).

A segunda entrevista, realizada no conjunto habitacional, não revelou nenhuma alteração no estado civil, religião ou na frequência com que os entrevistados deste grupo participavam de cultos religiosos. Houve apenas um caso em que se verificou mudança na ocupação da entrevistada, que passou de dona de casa para autônomo sem registro. Entre as duas fases da pesquisa a renda familiar praticamente permaneceu a mesma, enquanto alterações no núcleo familiar das famílias deste grupo fizeram com que diminuísse o número de indivíduos por domicílio e, concomitantemente, aumentasse a renda familiar *per capita* para R\$164. Observou-se aumento no número de indivíduos

que sofriam de precariedade de trabalho e que estavam em situação social precária na segunda fase da pesquisa. Com relação às características propriamente ditas das redes sociais, verificou-se que no conjunto habitacional as redes tornaram-se menores, mais densas e centralizadas do que o observado na Guinle. Houve também aumento no índice de clusterização e pequena queda no grau de informação da rede. Em relação aos indicadores de sociabilidade, houve pequena queda no índice de homofilia de gênero e na proporção de indivíduos externos ao bairro. A esfera da amizade passou a ser a esfera mais importante nas redes deste grupo, com 38% dos contatos em média. A esfera da família, que anteriormente representava 39% dos contatos e era a principal esfera destas redes, passou a ser a segunda mais importante, com 31% dos nós. A esfera da vizinhança passou de 31% dos nós para 15% na segunda fase e a do trabalho de 13% para 7% do número de nós da rede. A esfera da religião teve uma importante queda na proporção de nós, passando de 14% para 6% dos contatos das redes sociais. Na segunda fase observou-se também acréscimo na proporção dos contatos cujos contextos de entrada eram o da vizinhança (de 36% para 37%) e o da rede (de 15% para 20%). Assim, o contexto da vizinhança permaneceu o mais importante; seguido pelos contextos da família que, mesmo tendo sofrido queda de 27% para 25%, manteve-se como o segundo mais importante; pelo contexto da rede (20%), pelo contexto do trabalho (8%) e pelo contexto da Igreja (5%).

Como exemplo deste grupo destaca-se a entrevistada de número 15. Tratava-se de uma mulher de 25 anos de idade, casada e mãe de dois filhos pequenos. Morava na favela Guinle há 11 anos, local onde conheceu seu marido. Católica, tinha cursado até a 5ª série do ensino fundamental. Na primeira entrevista sua principal ocupação era cuidar da casa e dos filhos. A renda familiar declarada de R\$600 era proveniente do trabalho do marido. Na entrevista realizada no conjunto habitacional, no entanto, seu companheiro encontrava-se desempregado. Assim, a família passou a depender da renda de seu trabalho como babá: R\$250 por mês. Sua rede social na favela era pequena, muito local (81% dos contatos estavam dentro do bairro em que morava) e com alto índice de homofilia de gênero. Com apenas duas esferas (vizinhança e família), sua rede possuía sociabilidade pouco variada. Na segunda entrevista, sua rede continuava pequena, contudo havia perdido poucos nós em relação ao apurado na primeira entrevista. A mudança para o conjunto tornou sua rede ainda mais local (apenas um contato externo), porém com sociabilidade mais variada, já que aumentou o número de

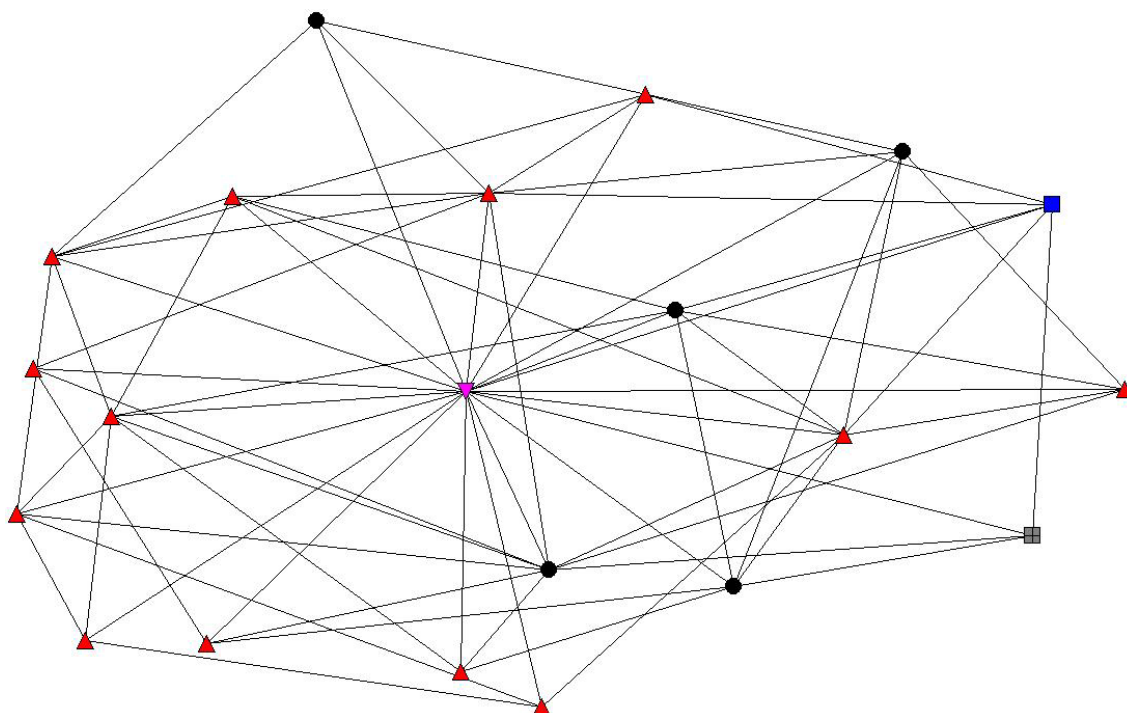
esferas – amizade, família, vizinhança e trabalho. A principal esfera passou a ser a da amizade, com 62% dos contatos, seguida pela da família, com 24%, e pelas esferas da vizinhança e do trabalho, ambos com 5%. O índice de homofilia de gênero, mesmo diminuindo, permaneceu acima da média das redes tanto na favela Guinle quanto no conjunto habitacional. Observa-se que, assim como verificado em outros casos, a distribuição espacial do conjunto habitacional transformou vizinhos em amigos, ou seja, os contatos anteriormente declarados como sendo da esfera da vizinhança, migraram para a nova esfera da amizade. Questionada sobre a manutenção dos contatos que possuía quando morava na favela Guinle, a entrevistada afirmou que mesmo após a mudança para o conjunto habitacional não havia perdido os contatos com os amigos da favela Guinle, isto, pois todos seus amigos mudaram-se junto com ela. Desta forma, as características de sua rede na favela Guinle (pequena, com baixa variabilidade social e muito local) e o fato da maioria de seus vizinhos e amigos ter sido removida para o mesmo conjunto contribuíram para que poucos nós se perdessem. Seguem-se abaixo as redes desta entrevistada nas duas fases da pesquisa.



**Figura 16 - sociograma da entrevistada 15 na favela Guinle**

Neste primeiro sociograma, produzido a partir dos dados coletados na primeira fase da pesquisa, os círculos azuis representam os contatos da esfera da família; os quadrados vermelhos os contatos da esfera da vizinhança e o triângulo azul é o ego.





**Figura 17 - sociograma da entrevistada 15 no conjunto habitacional**

Este segundo sociograma da entrevistada 15 foi construído a partir dos dados coletados na segunda fase da pesquisa. Os círculos pretos representam os nós da esfera da família; o quadrado azul é um contato da esfera da vizinhança; os triângulos vermelhos são contatos da esfera da amizade; os quadrados cinza com uma cruz são os contatos da esfera do trabalho e o triângulo invertido rosa é o ego.

O segundo grupo, com perdas no número de nós que variaram entre 15% e 50%, apresentava 35 anos de idade em média e era formado em sua maioria por mulheres (60%). No entanto, era o grupo onde estava a maior parte dos homens: 75% dos homens de toda a amostra. A maioria do grupo era da religião católica (80%), contudo apresentaram baixa frequência às missas. O grupo era formado por migrantes antigos (80% dos indivíduos), ou seja, com mais de 10 anos vivendo em São Paulo. Mais da metade dos entrevistados do grupo vivia com um companheiro (53%). A escolaridade - 7,27 anos de estudo -, a porcentagem de trabalhadores (78% dos indivíduos deste grupo) e, em especial, a parcela de trabalhadores com emprego protegido (45% dos trabalhadores) eram as maiores médias dentre os três grupos de perda de nós. No entanto, a renda familiar de R\$430 estava abaixo da média da amostra. Já a renda familiar *per capita* de R\$203 era superior a média geral. Este grupo destaca-se também pelo número de indivíduos com alguma precariedade - 10 sofriam de precariedade de renda, 3 de precariedade familiar e 6 de precariedade de trabalho. Considerando a

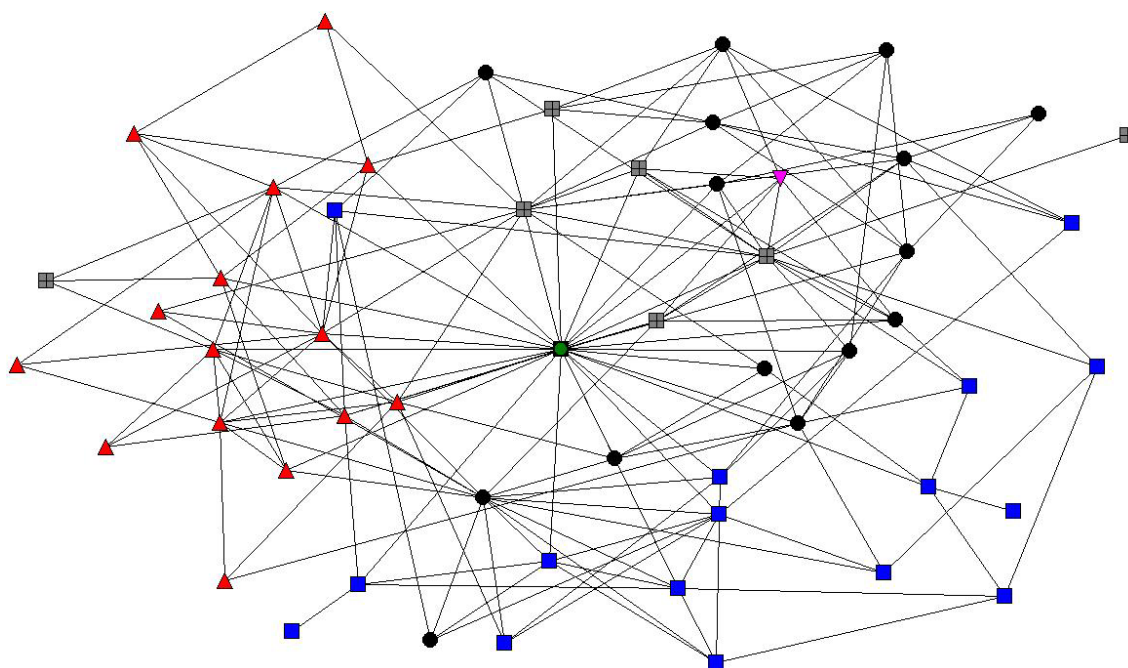
pessoa que sofra de duas ou mais precariedades simultâneas como estando em uma “situação social precária”, pode-se afirmar que com 7 entrevistados nestas condições este grupo era o que agregava o maior número de indivíduos com precariedade da amostra. As redes sociais destes indivíduos eram de tamanho médio (69 nós e 199 vínculos em média), porém detinham a maior média de diâmetro da amostra, 5,27 passos. Apesar da densidade, do índice de centralização e do grau de informação destas redes estarem abaixo da média geral, o índice de clusterização era o maior dentre os grupos, ou seja, as redes deste grupo eram as mais coesas. Em relação à sociabilidade, eram redes muito locais (apenas 37% de indivíduos externos) e com índice de homofilia de gênero (64%) próximo à média da amostra. Com 4,6 esferas, caracterizavam-se por possuírem diversidade de sociabilidade acima da média da pesquisa. As principais esferas eram a da vizinhança, com 44% dos contatos, e a da família, com 26% dos contatos. No entanto, esferas como as do trabalho (14%), da Igreja (7%) e da amizade (5%) apresentavam porcentagens de contatos superiores à média da amostra. O principal contexto de entrada era o da vizinhança, com 48% dos contatos, seguido pelos contextos da rede e da família (ambos com 17% cada), e pelos contextos do trabalho (12%) e da Igreja (4%). Estes casos eram mais encontrados entre as redes classificadas como de tipo 3 (redes médias, pouco densas, porém centralizadas e coesas) e tipo 4 (redes de tamanho médio para pequeno, com densidade, centralização e coesão próximos à média). Com relação à sociabilidade, eram dos grupos 2 (primária, local, e baseada em muita vizinhança e na família), grupo 3 (baseada na família, vizinhança e na Igreja) e grupo 4 (baseada na família, vizinhança e no trabalho).

Este grupo de redes apresentou acréscimo no número de casados (de 8 indivíduos na Guinle para 10 no conjunto habitacional) e no número de indivíduos por domicílio (de 3,07 para 3,53 pessoas) na segunda fase da pesquisa. Apesar do aumento do número de evangélicos, as visitas aos cultos religiosos ficaram menos freqüentes. Observou-se também o crescimento da precarização do trabalho: dos 6 trabalhadores com emprego protegido, apenas 4 permaneciam nesta condição. No entanto, a renda familiar média de R\$626 e a renda familiar *per capita* média de R\$234 no conjunto habitacional eram superiores ao verificado na Guinle. Isto, pois em 9 dos 15 casos do grupo verificou-se acréscimo na renda familiar. As mudanças nas dimensões tanto do trabalho quanto da renda aumentaram o número de indivíduos com precariedade de emprego ao mesmo tempo em que diminuíram o número de famílias com precariedade

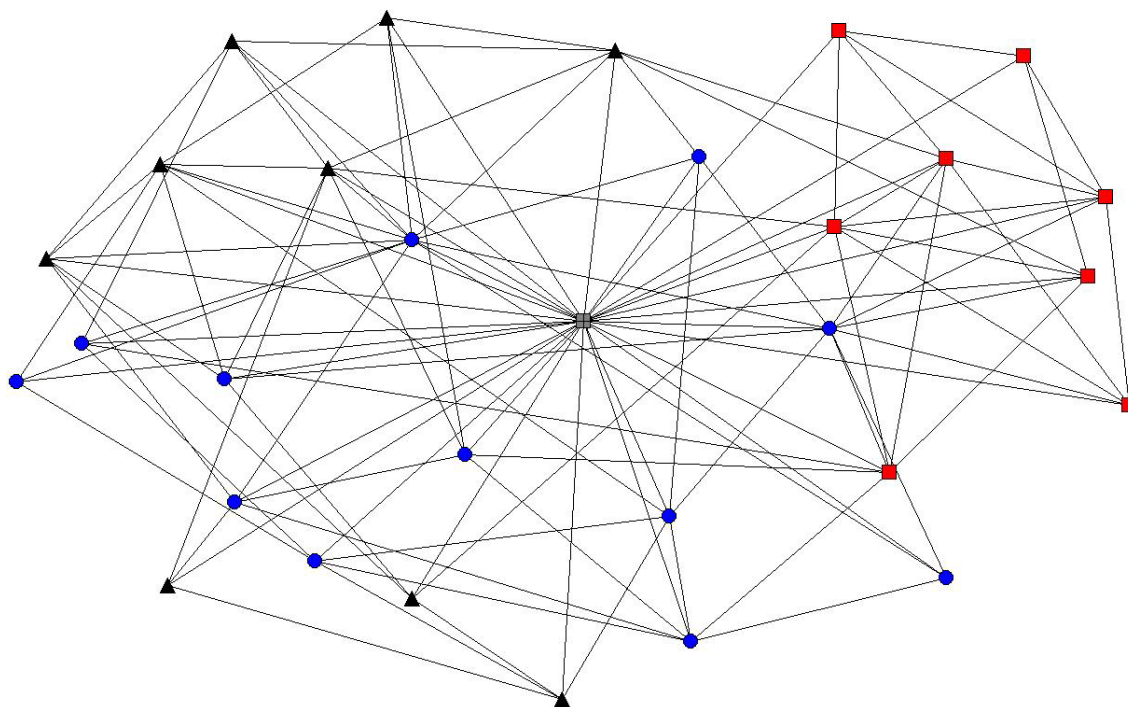
de renda. Observou-se também redução no número de famílias com precariedade familiar. Ao todo, estas alterações diminuíram o número de famílias consideradas em situação social precária de 7 na Guinle para apenas 4 no conjunto habitacional. O encolhimento das redes pôde ser observado através do aumento da densidade, do grau de informação e dos índices de centralização e de clusterização. As redes sociais destes indivíduos também apresentaram crescimento do índice de homofilia de gênero na segunda fase da pesquisa (de 64% para 69%) e da proporção de indivíduos externos ao bairro (de 37% para 40%). Os dados demonstram uma queda no número médio de esferas (de 4,60 para 3,33 esferas), indicando menor diversidade de sociabilidade no conjunto habitacional. A esfera da vizinhança permaneceu sendo a principal esfera destas redes, porém, ao contrário do que ocorreu com a esfera da família, que manteve percentuais semelhantes, diminuiu sua porcentagem no número de nós das redes, passando de 44% para 31% dos nós das redes deste grupo. A terceira esfera mais importante passou a ser a esfera da amizade, com 23% dos nós. Tanto a esfera do trabalho quanto a da Igreja diminuíram sua proporção em relação ao total dos contatos, porém a redução da esfera da Igreja foi mais acentuada (de 7% na primeira fase para apenas 2% na segunda). Mesmo com uma pequena redução, o contexto vizinhança permaneceu o principal contexto deste grupo, seguido pelos contextos da família (19%), do trabalho (14%), da rede (9%) e da Igreja (2%).

O entrevistado de número 30 era um exemplo deste grupo. Indivíduo do sexo masculino, 39 anos de idade, natural de Guarulhos. Casado há 17 anos, morava na Guinle com sua esposa e duas filhas. Apesar de se declarar católico, não freqüentava a Igreja. Possuía a 5ª série do ensino fundamental e trabalhava como motorista em uma empresa de transporte localizada na cidade de São Paulo. A renda familiar, oriunda apenas do seu salário, era de R\$1000,00. Sua rede social na Guinle era de tamanho médio, bastante local (apenas 40% dos contatos eram de externos ao bairro) e com índice de homofilia de gênero abaixo da média. Com 5 esferas – família, vizinhança, trabalho, futebol e samba -, sua rede possuía uma das mais altas sociabilidades da amostra. A principal esfera era a da vizinhança (29%), seguida pela da família e do trabalho (17% dos contatos em cada uma das esferas). Contudo, é importante destacar que as esferas do lazer (futebol e samba) representavam ao todo 15% dos contatos de sua rede, a maior porcentagem para este tipo de esfera de toda a amostra. Os principais contextos de entrada eram os da vizinhança (44%), do trabalho (26%), da família (24%)

e da rede (6%). O entrevistado declarou que com a mudança para o conjunto habitacional perdeu contato com muitos antigos vizinhos, porém os jogos de futebol nos finais de semana dos quais participava possibilitavam a ele que se reencontrasse com antigos amigos do distrito de Cumbica. No conjunto habitacional não houve alterações no núcleo familiar, no trabalho ou na renda familiar. Com a perda de nós após a remoção da favela, sua rede social passou de tamanho médio para pequeno e o índice de homofilia de gênero passou para 83%. A elevada proporção de indivíduos externos ao local de moradia (87% dos contatos) e a ausência da esfera da vizinhança permitem caracterizar sua rede social no conjunto habitacional como pouco local. As principais esferas na segunda fase eram a da família (com 41% dos nós), a do lazer (com 31% dos nós) e a do trabalho (com 28% dos nós). A ordem de importância dos contextos de entrada no conjunto habitacional – lazer, trabalho, família, escola e rede – reforça a hipótese desta rede social ter se tornado ainda menos local e com sociabilidade menos primária do que a observada na Guinle. Seguem abaixo os sociogramas das redes do entrevistado 30 nas duas fases da pesquisa. No primeiro, os círculos pretos representam os nós da esfera da família; os quadrados azuis os nós da esfera da vizinhança; os quadrados cinza com uma cruz os nós da esfera do futebol; os triângulos invertidos rosa os nós da esfera do samba; os triângulos vermelhos os nós da esfera do trabalho e o quadrado com um círculo verde é o ego.



**Figura 18 - sociograma do entrevistado 30 na favela Guinle**



**Figura 19 - sociograma do entrevistado 30 no conjunto habitacional**

No sociograma acima, construído a partir dos dados obtidos do entrevistado 30 no conjunto habitacional, os círculos azuis são os contatos da esfera da família; os quadrados vermelhos são da esfera do trabalho; os triângulos pretos são da esfera do lazer e o quadrado cinza com uma cruz é o ego.

O terceiro e último grupo apresentou perda do número de nós de 50% ou mais. Representavam 25% da amostra, sendo 2 homens e 5 mulheres. Com média de idade de 39 anos, era o grupo mais velho. A maioria deles era de migrantes antigos (78%) e de casados (71%). Assim como em toda a amostra, a presença de católicos era superior a de evangélicos, porém neste caso a frequência aos cultos religiosos era superior a verificada nos outros grupos. Ao mesmo tempo em que possuía a pior média de escolaridade da primeira fase, apenas 3,29 anos de estudo, este grupo detinha a maior proporção de empregos protegidos da amostra - dos 6 trabalhadores, 4 eram registrados em carteira. A renda familiar média de R\$528 era a maior dentre os três grupos, no entanto, 3 dentre os 7 entrevistados sofriam de precariedade de renda. Apenas um indivíduo sofria de precariedade familiar e 1 de precariedade de trabalho. Ao todo, uma família possuía duas ou mais precariedades. As redes sociais deste grupo eram as maiores da amostra (em média 83 nós e 236 vínculos). Eram redes com baixa densidade e pouco centralizadas (tanto a densidade quanto o índice de centralização estavam abaixo da média geral), além de serem pouco coesas (o grau de informação e o índice de

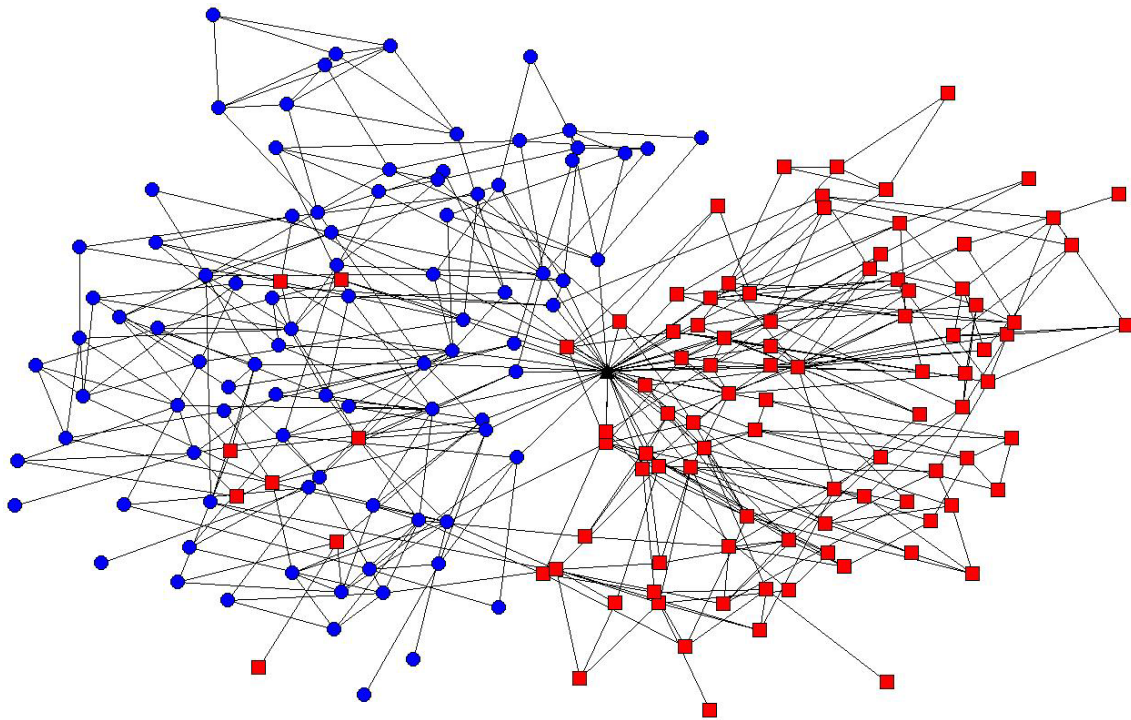
clusterização estavam abaixo da média). As redes sociais deste grupo possuíam médias tanto de indivíduos externos ao bairro quanto de número de esferas inferiores à média da amostra, caracterizando-se como redes muito locais e com baixa variabilidade de sociabilidade. A principal esfera de sociabilidade era a da vizinhança, com 51% dos nós. A esfera da família era a segunda com maior número de nós (32%). A proporção de indivíduos na esfera do trabalho nestas redes era a menor da amostra, apenas 10%. A esfera da Igreja era responsável por apenas 4% dos contatos. O principal contexto de entrada era o da vizinhança (59% dos nós), seguido pelo contexto de rede (17% dos nós), da família (13% dos nós), do trabalho (7% dos nós) e da Igreja (4% dos nós). Apesar de haver redes de quase todos os tipos neste grupo, observou-se maior concentração nas redes do tipo 3 (redes médias, pouco densas, porém centralizadas e coesas) e do tipo 4 (redes que variavam de médias a pequenas, com grande homofilia de gênero). Com relação à sociabilidade, verificou-se maior presença dos grupos 2 (primária, local, e baseada em muita vizinhança e na família) e 4 (baseada na família, na vizinhança e no trabalho).

Na segunda fase da pesquisa, realizada no conjunto habitacional, foram observadas algumas alterações nas redes deste último grupo. O número de evangélicos e de indivíduos por domicílio aumentou. A presença de mais um evangélico fez crescer o número de indivíduos que participavam de cultos com frequência no mínimo quinzenal. O total de trabalhadores com emprego protegido passou de 4 para 3 indivíduos, porém a renda aumentou em 4 casos e diminuiu em apenas 1, fazendo com que a média familiar chegasse a R\$684 (a maior média de renda da amostra) e a renda familiar *per capita* alcançasse R\$185. O impacto deste aumento de renda teve reflexos apenas na diminuição do número de famílias com precariedade de renda, porém houve crescimento daqueles que possuíam precariedade familiar, de trabalho e geral. No conjunto habitacional as redes deste grupo tornaram-se muito mais densas, centralizadas e coesas do que o verificado na Guinle. Estas redes permaneceram muito locais e com sociabilidade pouco variada na segunda fase. Apesar de o número médio de esferas ter permanecido muito próximo ao verificado na Guinle, houve pequeno acréscimo na proporção de indivíduos externos (de 34% na primeira fase para 38% na segunda) e no índice de homofilia de gênero, que aumentou para 75%. Mesmo diminuindo proporcionalmente, as esferas da vizinhança (39% dos nós) e da família (32% dos nós) se mantiveram como as principais. Assim como nos outros grupos, a proporção de

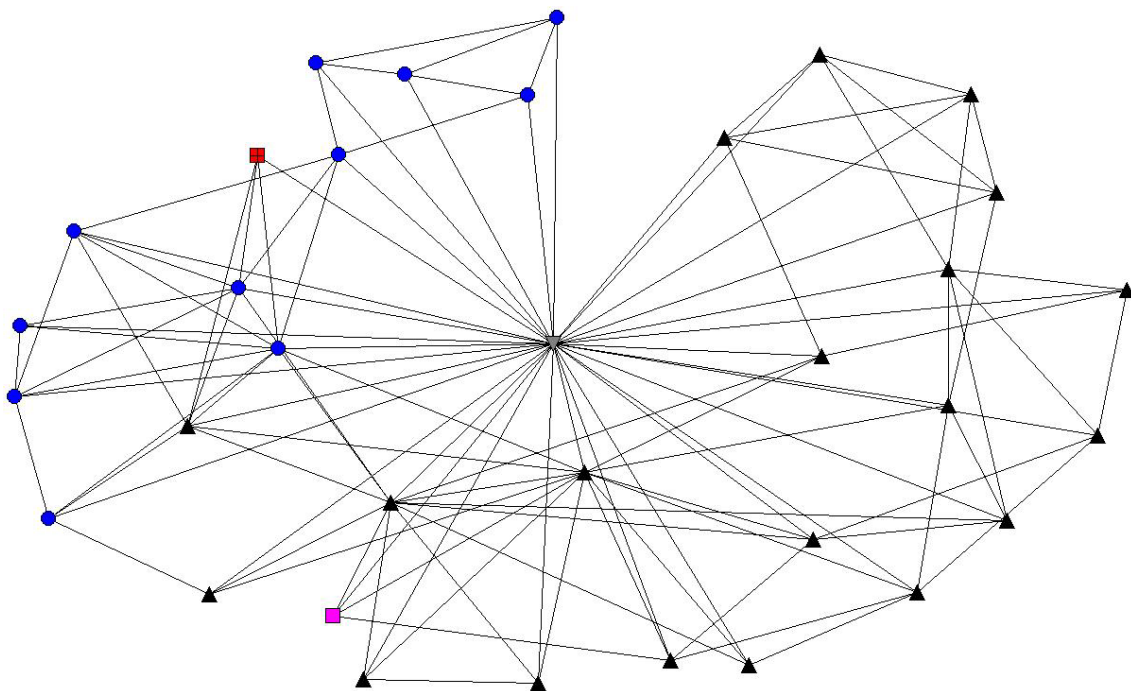
contatos da esfera da Igreja reduziu-se de 7% para 3%. Os principais contextos no conjunto habitacional eram os da vizinhança (43%), da família (24%), da rede (16%), do trabalho (12%) e da Igreja (1%).

A entrevistada de número 28 era um exemplo deste grupo. Tratava-se de uma mulher de 39 anos de idade, migrante, solteira e mãe de 2 filhos. Veio do Ceará para São Paulo há 12 anos, mesmo tempo em que morava na Guinle. Na favela vivia com sua filha e uma irmã recém chegada do Ceará. Possuía o segundo ano do ensino fundamental e trabalhava como diarista na casa de um vizinho há 2 anos. Como realizava a faxina apenas uma vez por semana, sua renda familiar era de R\$225. Na segunda entrevista estava morando com dois filhos (um recém nascido), um sobrinho e um irmão. Continuava trabalhando como diarista na casa do ex-vizinho de barraco, agora vizinho de apartamento. A renda familiar, que passou a ser a soma da renda da faxina semanal mais a renda do trabalho do irmão, aumentou para R\$700. Possuía uma das maiores redes da primeira fase, com 190 nós e 465 vínculos. O índice de homofilia de gênero era próximo à média, contudo a rede apresentava baixa variabilidade de sociabilidade, com apenas 2 esferas: a da família e a da vizinhança. Apesar de a rede possuir grande número de indivíduos externos (51% dos nós), isto não significava necessariamente maior integração urbana, já que 90% deles estavam ligados à esfera da família. Após um ano no conjunto habitacional sua rede se tornou muito menor, com apenas 33 nós; muito mais local (85% dos contatos eram de dentro do conjunto habitacional) e com maior índice de homofilia de gênero. Apesar de ter aumentado de 2 para 4 o número de esferas (família, vizinhança, amizade e trabalho), não é possível afirmar que aumentou a variabilidade da sociabilidade, já que o maior número de esferas foi o resultado do desmembramento da esfera vizinhança nas esferas amizade e trabalho. Como já foi dito, a nova distribuição espacial dos domicílios no conjunto habitacional fez com que muitos entrevistados alocassem contatos anteriormente classificados como vizinhos na esfera da amizade. Este foi o caso desta entrevistada que, além disso, alocou os contatos do seu emprego de faxineira, anteriormente considerados como apenas vizinhos, na esfera do trabalho. Seguem abaixo os sociogramas da entrevistada 28. No primeiro, os dados foram coletados ainda na favela Guinle e no segundo sociograma os dados já são do conjunto habitacional. No sociograma da Guinle, os círculos azuis representam os contatos da esfera da família; os quadrados vermelhos os nós da esfera da vizinhança e o triângulo preto é o ego.





**Figura 20 - sociograma da entrevistada 28 na favela Guinle**



**Figura 21 - sociograma da entrevistada 28 no conjunto habitacional**

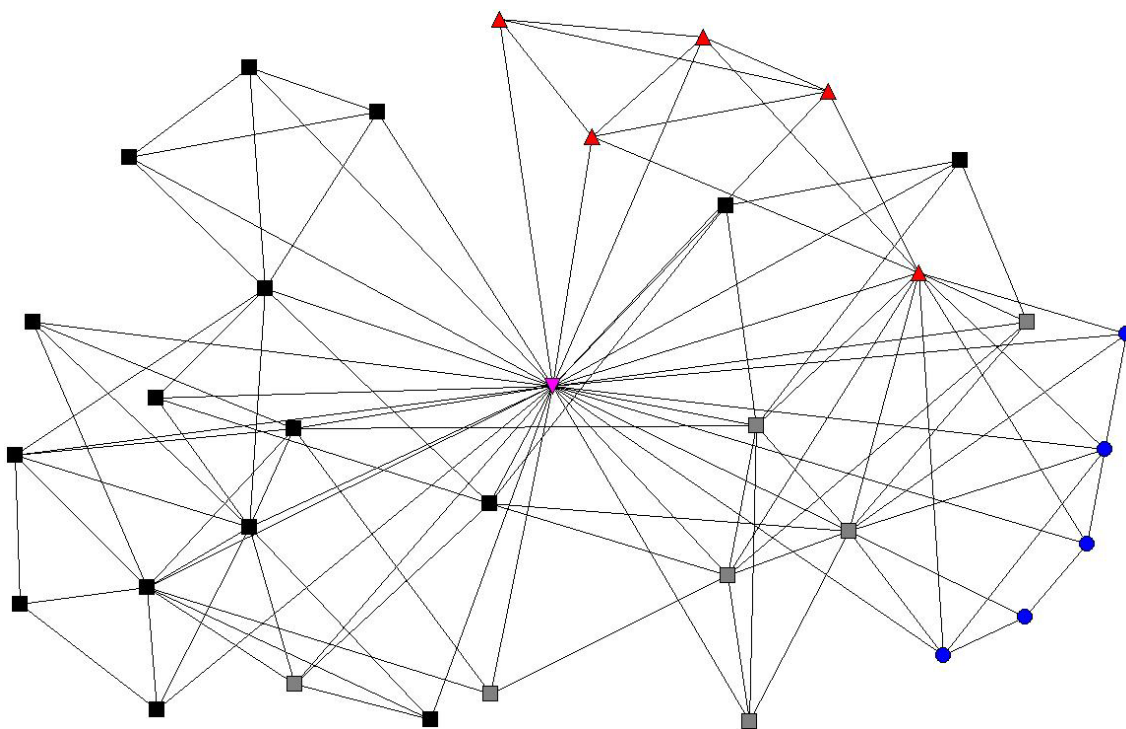
Neste segundo sociograma da entrevistada 28, os círculos azuis são os nós da esfera da família; o quadrado rosa é da esfera da vizinhança; os triângulos pretos são da



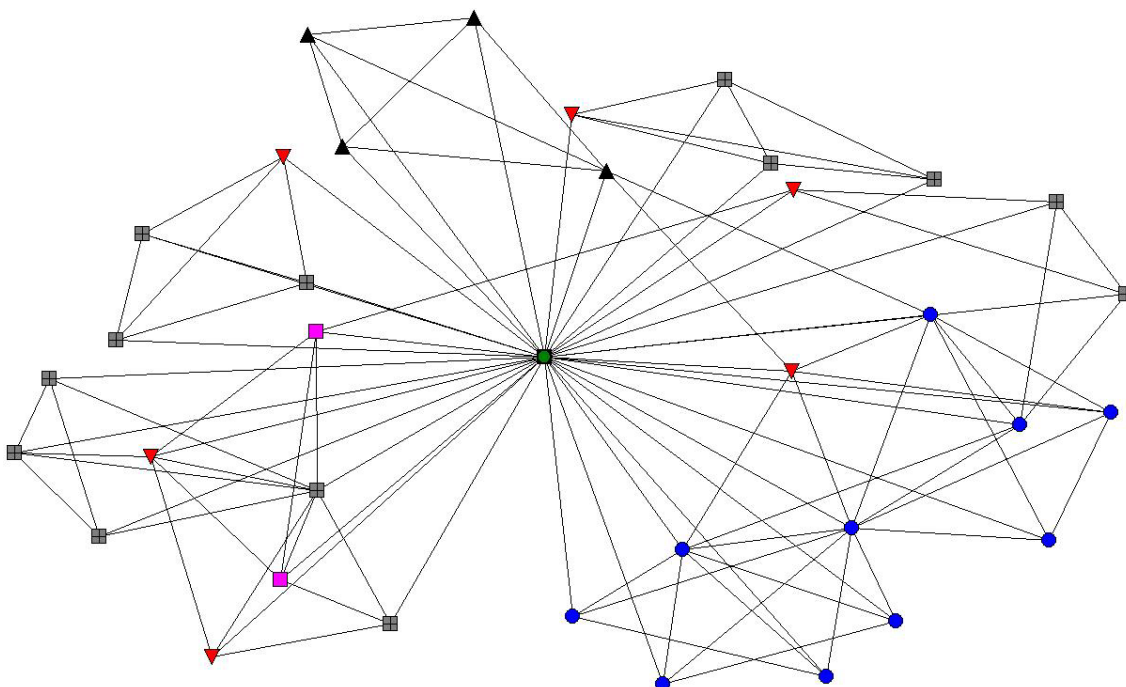
esfera da amizade; o quadrado vermelho com uma cruz é da esfera do trabalho e o triângulo invertido é o ego.

Em apenas uma rede social o número de nós no conjunto habitacional foi superior ao número de nós na favela Guinle. Tratava-se da entrevistada de número 19, uma viúva de 39 anos de idade, mãe de dois filhos. Natural de Tabuleiro do Norte, no Ceará, estava há 11 anos em São Paulo. Na favela Guinle morava com os dois filhos e duas amigas da Igreja evangélica que freqüentava diariamente. Tinha o ensino médio completo e trabalhava como faxineira. A renda familiar era de R\$240. Sua rede social na Guinle era pequena e com índice de homofilia de gênero (68%) acima da média, porém com grande variabilidade de sociabilidade e com proporção de indivíduos externos ao bairro (53%) acima da média. O maior número de seus contatos (47%) estava na esfera da Igreja. A segunda maior esfera era a da vizinhança (21%), seguida pela do trabalho (18%) e da família (18%). Observa-se que ao mesmo tempo em que esta rede apresentava a maior proporção de indivíduos na esfera da Igreja de toda a amostra, possuía uma das menores proporções de indivíduos na esfera da família. A rede desta entrevistada tinha 4 contextos de entrada: Igreja (39%), vizinhança (27%), família (18%) e trabalho (16%). Apesar de ter aumentado em 6% o número de nós no conjunto habitacional, sua rede permanecia pequena, com apenas 36 nós. Sua rede manteve as características de ser pouco local (a porcentagem de indivíduos externos aumentou para 69%) e com alta variabilidade de sociabilidade, já que possuía 5 esferas. No entanto, se tornou ainda mais feminina, com índice de homofilia de gênero de 80%. Apesar de a proporção de nós da esfera da Igreja ter diminuído em relação ao observado na favela Guinle, permaneceu a principal esfera, com 37% dos contatos. Em seguida tinham-se as esferas da família (28% dos contatos), da amizade (17% dos contatos), do trabalho (12% dos contatos) e da vizinhança (6% dos contatos). O principal contexto de entrada ainda era o da Igreja, seguido pelo contexto da família, da rede, do trabalho e da vizinhança. Seguem abaixo os sociogramas da entrevistada 19. No primeiro, formulado a partir dos dados coletados na primeira fase da pesquisa, os círculos azuis são da esfera da família; os quadrados cinza são da esfera da vizinhança; os triângulos vermelhos são da esfera do trabalho; os quadrados pretos são da esfera da Igreja e o triângulo invertido rosa é o ego. No segundo sociograma, formulado com os dados da segunda fase, os círculos azuis representam os nós da esfera da família; os quadrados rosa são da esfera da vizinhança; os triângulos pretos são da esfera do trabalho; os quadrados cinza com

uma cruz são da esfera da Igreja; os triângulos vermelhos são da esfera da amizade e o triângulo invertido é o ego.



**Figura 22 - sociograma da entrevistada 19 na favela Guinle**



**Figura 23 - sociograma da entrevistada 19 no conjunto habitacional**

De forma resumida, pode-se dizer que os indivíduos com redes sociais que apresentaram menor proporção de perda de nós – até 15% – caracterizavam-se por

pertencerem ao único grupo da amostra que não havia sofrido, entre a primeira e a segunda fase da pesquisa, alteração nem no estado civil dos entrevistados nem da frequência aos cultos religiosos. Na favela Guinle, estas redes eram pequenas, as menores e mais densas da amostra, porém pouco coesas. O fato de pertencerem ao grupo de redes com o menor número médio de esfera e maior índice de homofilia de gênero indicava baixa variabilidade de sociabilidade. No entanto, estas redes apresentavam o menor grau de localismo. As redes sociais dos indivíduos deste grupo apresentavam a maior proporção de nós na esfera da família dentre as redes da Guinle e a menor proporção na esfera da vizinhança. Apesar de possuírem a maior proporção de nós na esfera da Igreja dentre os três grupos, apresentavam baixa frequência aos cultos. Após a remoção, foi o único grupo em que se verificou queda de renda familiar.

As redes com perdas entre 15% e 50% dos nós eram as que concentravam a maioria dos homens. Eram as redes com maior escolaridade média e com maior número de trabalhadores e de empregos protegidos. No entanto, era o grupo com maior número de indivíduos sofrendo de alguma precariedade. Eram redes de tamanho médio, porém com o maior diâmetro dentre os grupos de perda (possuíam densidade abaixo da média da amostra). Mesmo com grande diâmetro, detinham o maior grau de coesão dentre os três grupos. Eram redes muito locais, contudo, com o maior número de esferas e, portanto, com a maior variabilidade de diversidade da amostra. No conjunto habitacional estas redes apresentaram acentuada queda do número de nós na esfera da Igreja.

O grupo de redes com maior perda, mais de 50% dos nós, possuía a maior média de idade e de renda da amostra, além de serem os que mais freqüentavam cultos religiosos. No entanto, possuíam a pior média de escolaridade e a menor proporção de empregos protegidos. As redes deste grupo eram grandes, pouco coesas e muito locais (possuíam o menor número de indivíduos externos dentre os grupos). A proporção de nós nas esferas do trabalho e da Igreja estava abaixo da média da amostra. Assim como nas redes do grupo de perda anterior, na segunda fase observou-se acentuada queda no número de nós na esfera da Igreja.

<b>Faixas de perda de nós</b>		
<b>até 15%</b>	<b>mais de 15% e até 50%</b>	<b>mais de 50%</b>
não houve alteração no estado civil das famílias ou na frequência a cultos religiosos	o grupo concentrava a maior parte dos homens da amostra	detinham a maior média de idade e a maior frequência a cultos religiosos da amostra
único grupo que apresentou queda de rendimentos entre as duas fases da pesquisa	possuíam as maiores médias de escolaridade, de trabalhadores e de empregos protegidos da amostra	eram as redes com a maior renda familiar média dentre os grupos
eram as menores redes da amostra	possuíam o maior número de indivíduos com alguma precariedade social	detinham a pior média de escolaridade e de empregos protegidos da amostra
possuíam o maior índice de homofilia de gênero dentre os grupos	eram redes médias, pouco densas e muito coesas	eram redes grandes e pouco coesas
possuíam o menor grau de localismo da amostra	eram redes muito locais	eram redes muito locais
a sociabilidade estava baseada nas esferas da família e da Igreja	possuíam a maior variabilidade de sociabilidade dentre os grupos	a proporção de nós na esfera do trabalho e da Igreja estava abaixo da média da amostra

*Fonte: tabela construída com os dados coletados na pesquisa*

Ao final da análise por faixa de perda de nós, observou-se que o tamanho das redes foi a principal variável a determinar maior ou menor perda de nós após a remoção. Há uma correlação positiva entre tamanho das redes e porcentagem de perda de nós, ou seja, quanto maior eram as redes, maior a proporção de nós perdidos após a mudança para o conjunto habitacional. A relação tamanho/perda de nós também pôde ser verificada através dos indicadores de densidade e de centralização, já que estes têm relação inversamente proporcional com o tamanho das redes, ou seja, quanto maiores, menos densas e centralizadas as redes. Assim, redes com menor grau de densidade e de centralização tenderam a perder maior proporção de nós.

Com relação às características relacionadas à sociabilidade das redes estudadas, verificou-se, em primeiro lugar, a existência de uma relação entre perda de nós e grau de localismo das redes. Assim, quanto menor a proporção de indivíduos externos ao local de moradia presentes nas redes, maior a proporção de perdas de contatos. Em segundo lugar, observou-se que redes com maiores índices de homofilia de gênero tendiam a perder menor proporção de nós. Em terceiro lugar, redes cuja principal esfera

de sociabilidade era a da família foram as que perderam menor número de nós na segunda fase da pesquisa. Isto pode estar relacionado com o fato de após a remoção, as redes como um todo terem se tornado mais coesas, ou seja, mais baseadas em relações intensas. Assim, contatos mais fortes, como são as relações familiares, foram os que mais resistiram ao impacto da remoção, fazendo com que redes cuja sociabilidade era baseada na esfera familiar tivessem perdido menor número de contatos.

Ainda com relação às esferas de sociabilidade, verificou-se que, por um lado, redes com maior proporção de contatos na esfera da vizinhança tendiam a perder maior quantidade de nós e, e por outro, que redes com maior proporção de nós em ambientes institucionais, tais como Igreja e trabalho, apresentaram menores perdas de nós.

Não foram verificadas fortes relações entre perda de nós e variáveis socioeconômicas, tais como sexo, idade, escolaridade, renda ou trabalho. A razão pode estar tanto no baixo número de entrevistados quanto na grande semelhança entre eles, já que todos viviam no mesmo local, com condições de precariedade social muito próximas.

No próximo capítulo, o impacto da remoção será avaliado a partir das tipologias de redes sócias e de sociabilidade.

## Capítulo 4

### O impacto da remoção a partir das tipologias de rede e de sociabilidade

Utilizando-se da mesma classificação realizada por Marques em sua Tese de Livre Docência, foi estabelecido no capítulo anterior duas tipologias para as redes sociais da favela Guinle. Na primeira delas as redes sociais foram classificadas de acordo com tamanho, rede egocentrada e localismo, agrupando-as entorno de cinco tipos. No tipo 1 encontravam-se redes muito grandes, com egocentrada eficiente, sociabilidade muito variada, mas bastante locais. No tipo 2, as redes eram grandes e com egocentrada eficiente, sociabilidade pouco variada e alto localismo. O tipo 3 era formado por redes médias com clusterização elevada, sociabilidade muito variada e baixo localismo. O tipo 4 possuía redes de médias para pequenas, predominantemente masculinas, com clusterização alta, variabilidade da sociabilidade média e baixo localismo. O tipo 5 era formado por redes muito pequenas, com clusterização alta, centralizadas, baixa variabilidade da sociabilidade e baixo localismo.

A segunda tipologia organizava as redes sociais a partir do tipo de sociabilidade. Diferentemente de Marques, que observou seis grupos de sociabilidade, as redes da favela Guinle foram organizadas em quatro, correspondentes aos grupos 1, 2, 4 e 5 estabelecidos por Marques. No grupo 1 as redes além de serem muito locais, possuíam sociabilidade baseada na família e em muita vizinhança. No grupo 2 as redes possuíam número de esferas abaixo da média e a sociabilidade estava baseada em muita família e vizinhança. No grupo 3 as redes possuíam grande número de esferas e contextos e a sociabilidade estava baseada na família, na vizinhança e na Igreja. O grupo 4 possuía redes sociais com elevado número de esferas e contextos e a sociabilidade era baseada na família, na vizinhança e no trabalho.

O objetivo deste capítulo é justamente analisar o impacto da remoção das famílias para o conjunto habitacional em cada tipo de rede e em cada grupo de sociabilidade. Com isto, pretende-se obter uma visão mais detalhada dos efeitos da remoção sobre os grupos que agregam redes com características semelhantes entre si tanto em relação às variáveis de tamanho, densidade ou coesão quanto em relação a sua sociabilidade. A diferenciação do impacto da remoção por tipos de redes sociais possibilita uma melhor compreensão de quais características tornam redes mais ou menos resistentes a um determinado evento, tal como uma remoção.

#### 4.1 Tipos de redes sociais

Em todos os três casos de redes do tipo 1 observaram-se alterações no núcleo familiar, provocando aumento no número de pessoas por domicílio de 3,67 para 4,67 pessoas. Apesar de nenhum dos entrevistados ter mudado sua situação ocupacional, tanto a renda familiar - que passou a ser a maior da amostra -, quanto a renda familiar *per capita* sofreram expressivo aumento: de R\$308 para R\$767 e de R\$77 para R\$170 respectivamente. É importante ressaltar que nos três casos o aumento estava relacionado com a introdução de um novo componente familiar com renda. As mudanças verificadas tanto no núcleo familiar quanto na renda produziram efeitos nos níveis de precariedade, diminuindo o número de famílias com precariedade familiar, de rendimento e em situação social precária.

As redes do tipo 1 apresentaram a maior porcentagem de perda de nós entre a primeira e a segunda fase da amostra. Em média, as redes deste grupo perderam 59% dos nós, valor superior a média de toda a amostra (35%). O encolhimento destas redes também pôde ser verificado através da queda do número de vínculos (de 407 para 214 vínculos) e no aumento tanto da densidade (0,0347 para 0,1298) quanto do grau de centralização (de 19,33 para 59,77). O aumento do índice de clusterização (de 0,2736 para 0,4943 ) e do grau de informação da rede (de 1,357 para 2,405) indicam que as redes também se tornaram mais coesas, ou seja, houve um aumento na proporção de vínculos com padrões mais intensos de conectividade. Dito de outra forma, os vínculos com ligações menos intensas estão mais propícios a desaparecerem com o impacto da remoção. Apesar do aumento destes indicadores, as redes do tipo 1 eram as redes sociais com menores índices de densidade e coesão dentre os tipos de redes do conjunto habitacional.

Para além do fato das redes sociais do tipo 1 terem se tornado menores, mais densas, mais centralizadas e mais coesas, elas também ficaram mais locais e com menor variabilidade de sociabilidade. Tanto a porcentagem média de indivíduos externos presentes nestas redes (de 35% para 28%), quanto o número médio de esferas (de 4,33 para 3,67 esferas) e de contextos (de 4,67 para 4,33 contextos) sofreram redução após a remoção para o conjunto habitacional. A sociabilidade ficou ainda mais baseada nas relações de vizinhança: enquanto a porcentagem de nós na esfera da família reduziu-se de 34% para 18%, a porcentagem de nós na esfera da vizinhança/amizade local passou de 65% para 76%. O índice de homofilia de gênero, o menor da amostra na segunda

fase, manteve-se perto da estabilidade, com pequena queda: de 59% para 57%. Se comparadas com os outros tipos de redes, as do tipo 1 continuavam sendo no conjunto habitacional, assim como já eram na favela Guinle, as maiores (60 nós em média) e mais locais redes da amostra.

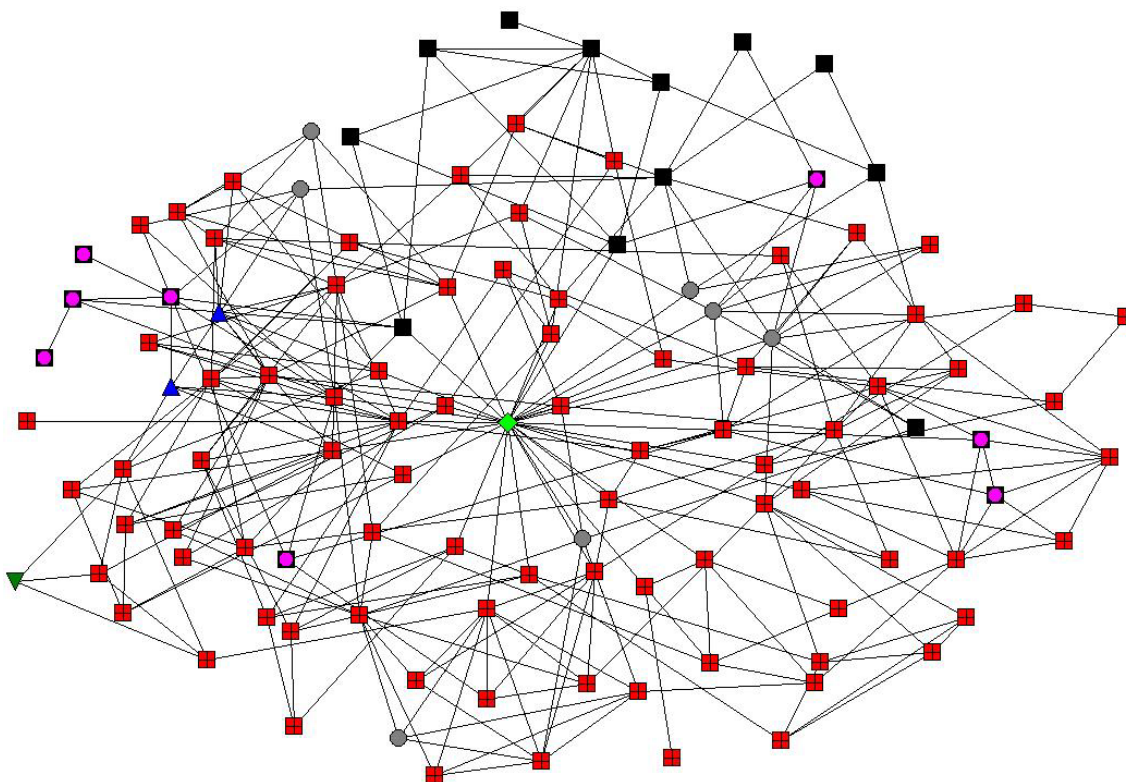
Apenas dois indivíduos possuíam redes do tipo 2. Em um deles houve mudança no núcleo familiar, provocando queda no número de pessoas por domicílio no conjunto habitacional de 3,5 para 3 pessoas em média. Apesar de ter aumentado o número de evangélicos, tal fato não afetou a frequência aos cultos religiosos. Em relação à esfera do trabalho, o único entrevistado deste grupo que exercia uma atividade remunerada na primeira fase da pesquisa passou de autônomo sem registro para desempregado na segunda fase. Com isto, a renda familiar média sofreu redução, passando de R\$490 para R\$440 no conjunto habitacional. A renda familiar *per capita* média, ao contrário, sofreu pequeno acréscimo, passando de R\$130 para R\$135 na segunda fase.

As redes do tipo 2 perderam em média 55% dos contatos, a segunda maior perda de nós da amostra. Na segunda fase possuíam em média 44 nós e 140 vínculos. O encolhimento destas redes após a remoção também foi verificado pelo aumento da média da densidade (de 0,0617 para 0,1668 na segunda fase) e do grau centralização da rede (de 39,32 para 45,15 na segunda fase). A coesão das redes, verificada através do grau de informação (de 1,47 para 2,23) e do índice de clusterização (de 0,2750 para 0,7120), também aumentou no conjunto habitacional, indicando crescimento da proporção de vínculos intensos. As redes do tipo 2 foram as únicas da amostra em que se verificou aumento na proporção de indivíduos externos ao bairro entre a primeira e segunda fase da pesquisa: de 40% para 48%. Este valor, além de ser a maior proporção entre todos os tipos de rede, era superior até mesmo à média da amostra observada na favela Guinle. Apesar de terem se tornado menos locais, estas redes perderam diversidade de gênero já que o índice de homofilia passou de 59% para 73%, valor superior à média da segunda fase. Com relação ao grau de sociabilidade, observou-se que o impacto da remoção reduziu tanto o número médio de esferas (de 4,5 para 4 na segunda fase) quando de contextos (de 5 para 3,5 na segunda fase). Dessa forma, estas redes possuíam menor variabilidade de sociabilidade no conjunto do que foi observado na Guinle. Ressalta-se, no entanto, que o número de esferas das redes de tipo 2 na segunda fase era semelhante à média da amostra na favela Guinle. As relações de sociabilidade se tornaram, após a remoção, ainda mais primárias. Isto, pois houve



aumento na proporção de nós presentes na esfera da família (de 33% para 43%) acompanhada de diminuição da proporção de nós nas esferas da vizinhança (de 46% para 37) e da Igreja (de 12% para apenas 3% dos nós). Por fim, as redes sociais de tipo 2 caracterizavam-se, no conjunto habitacional, por serem de tamanho médio, menos locais do que a média e com boa variabilidade de sociabilidade, porém com alto índice de homofilia de gênero e baseadas em relações primárias.

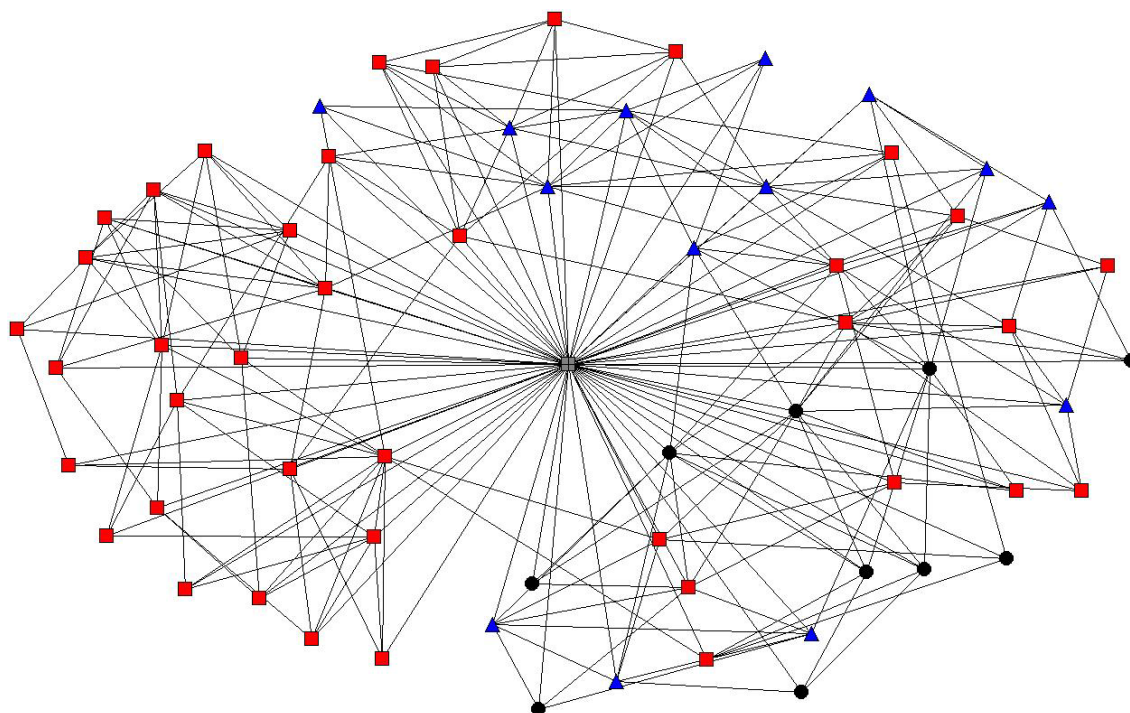
Como exemplo do impacto sobre redes grandes, dos tipos 1 e 2, seguem abaixo os diagramas das redes da entrevistada de número 24.



**Figura 24 - sociograma da entrevistada 24 na favela Guinle**

Neste sociograma os círculos cinza representam os nós da esfera da família; os quadrados pretos os nós da esfera da família de Pernambuco; os triângulos azuis da família de Alagoas; os quadrados vermelhos com uma cruz a esfera da vizinhança; o triângulo invertido verde é um nó da esfera do trabalho; os quadrados com um círculo rosa no meio são da esfera da amizade e o hexágono verde é o ego.

No sociograma seguinte, os círculos pretos são da esfera da família; os quadrados vermelhos da esfera da vizinhança, os triângulos azuis da esfera da amizade e o ego é o quadrado cinza com uma cruz.



**Figura 25 - sociograma da entrevistada 24 no conjunto habitacional**

No conjunto habitacional, as entrevistas revelaram que metade das redes do tipo 3 sofreram alteração no núcleo familiar, o que, por sua vez, representou aumento no número de pessoas por domicílios (de 2,87 para 3,37 pessoas). Verificou-se também que em dois entrevistados houve aumento da renda familiar na segunda fase, elevando o valor da renda familiar média deste grupo de R\$451 para R\$650 e da renda familiar *per capita* média de R\$267 para R\$284. O aumento da renda permitiu diminuição no número de indivíduos que sofriam de precariedade de renda e de situação social precária.

Com perda de 34% do número de nós entre as duas fases da pesquisa, as redes do tipo 3 passaram a possuir, no conjunto habitacional, 44 nós e 149 vínculos em média. Além de menores, no conjunto habitacional estas redes também eram mais densas (0,1706), centralizadas (87,03) e coesas (índice de clusterização de 0,6485). Ressalta-se que este grupo de redes apresentou o maior grau de centralização da amostra na segunda fase, acima da média geral de 77,08. Com relação à sociabilidade, observaram-se poucas alterações. Apesar de o índice de homofilia de gênero ter se elevado de 61% para 66%, não houve alterações na variabilidade da sociabilidade com relação ao verificado na primeira fase. A porcentagem de indivíduos externos se manteve a mesma (39%) e o número de esferas (de 4 para 3,75 esferas em média) apresentou pequena variação. O número médio de contextos chegou a aumentar na segunda fase, passando

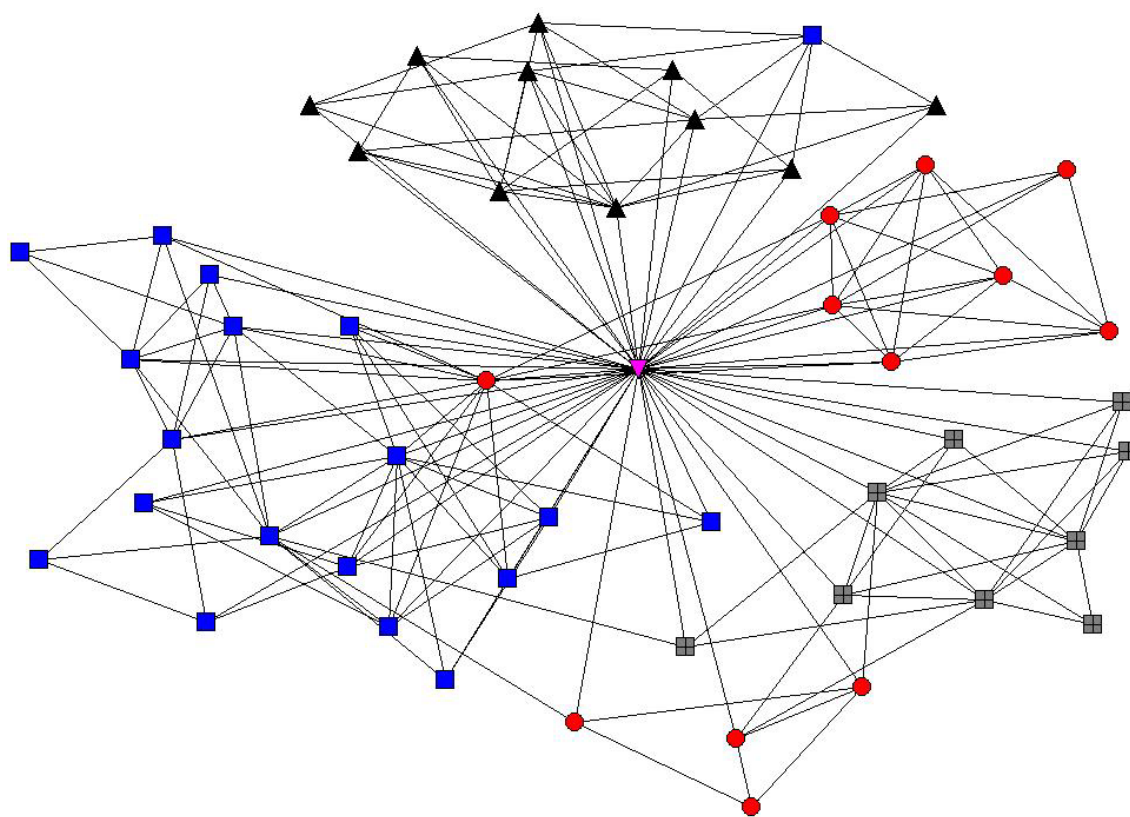
de 4 para 4,5 contextos por rede. As relações dos indivíduos com este tipo de rede tornaram-se, em média, menos familiares e mais ligadas à vizinhança. As esferas do trabalho e da Igreja sofreram uma pequena redução (de 14% para 12% e de 8% para 6% dos nós, respectivamente), contudo ainda permaneciam relevantes. Desta forma, as redes sociais de tipo 3 caracterizavam-se, no conjunto habitacional, por serem de médias a pequenas, com índice de homofilia abaixo da média, muito locais e com sociabilidade acima da média.

Nas redes do tipo 4 verificou-se aumento no número casados e de indivíduos por domicílio (de 3,15 para 3,72 pessoas). Observou-se queda no número de pessoas que freqüentavam algum culto religioso: das 11 pessoas que pelo menos uma vez por mês visitavam algum culto, apenas duas continuavam com esta prática. Houve também queda no número de trabalhadores (de 8 para 5 trabalhadores) e no número de empregos protegidos (de 7 para apenas 2). No entanto, mesmo diante de um cenário de perda e precarização do trabalho, o número de famílias em que a renda aumentou (6 famílias) foi superior ao número de famílias que declararam, no conjunto habitacional, receber menos do que o declarado na favela Guinle (2 famílias). Com isto, a renda familiar média passou dos R\$495 da primeira fase para R\$563. Porém, a renda familiar *per capita* reduziu de R\$198 para R\$177. Ao mesmo tempo em que o número de pessoas com precariedade de rendimentos diminuiu (de 6 para 4 pessoas), aquelas com precariedade de trabalho (de 2 para 6 pessoas) e familiar (de 1 para 3 pessoas), e em situação social precária (de 2 para 4 pessoas) aumentaram na segunda fase.

As redes sociais do tipo 4 perderam em média 36% dos nós. Na segunda fase da pesquisa elas possuíam, em média, 32 nós e 108 vínculos. Assim como nos outros tipos de redes, as redes sociais do tipo 4 tornaram-se, após a remoção, menores, mais densas (o grau de densidade passou de 0,1193 para 0,2251), centralizadas (o grau de centralização passou de 50,30 para 79,09) e coesas (o coeficiente de clusterização passou de 0,4638 para 0,6510). Era o grupo de redes com maior grau de densidade e de informação da amostra no conjunto habitacional. Com relação à sociabilidade, estes tipos de redes perderam variabilidade - o índice de homofilia de gênero passou de 67% na primeira fase para 76% na segunda, o número médio de esferas diminuiu de 3,25 para 2,72 e o de contextos de 4 para 3,63 - e ficaram ainda mais locais - a proporção de pessoas externas passou de 41% para 39% dos contatos nas redes. Tanto a proporção de nós na esfera da família quanto na esfera vizinhança/amizade aumentaram na segunda

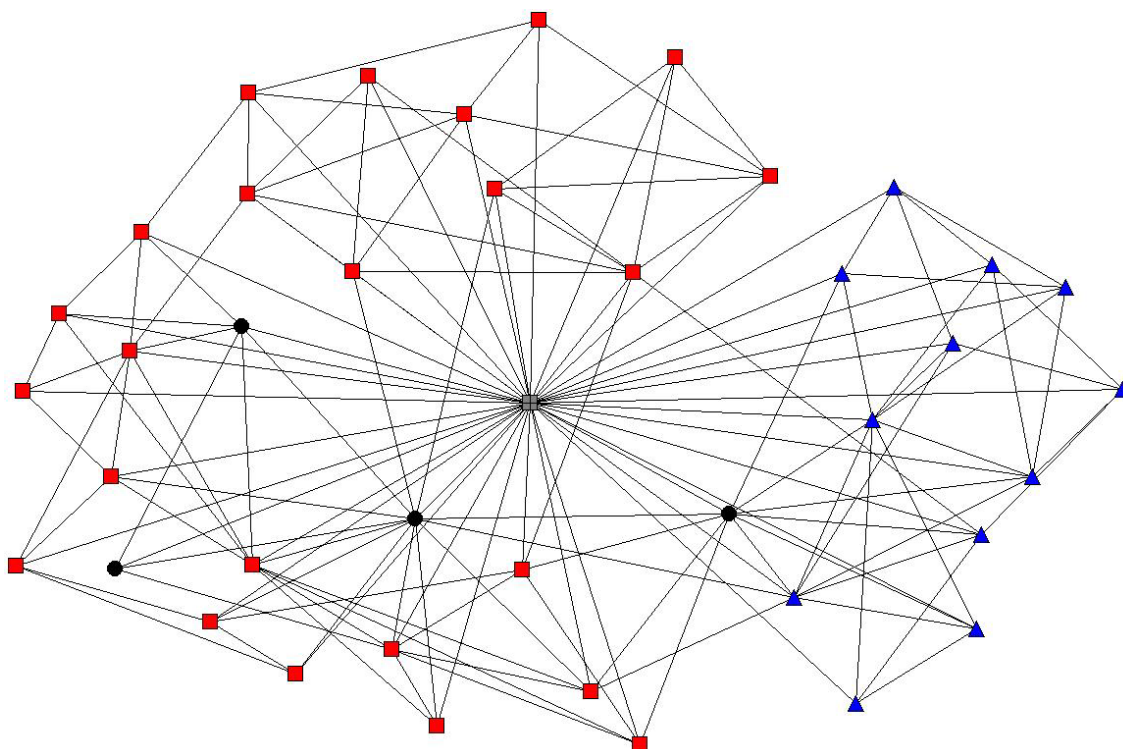
fase. Movimento inverso foi trilhado pelas esferas do trabalho e da Igreja, que perderam participação no número médio de nós destes tipos de redes. De forma resumida, as redes sociais deste tipo caracterizavam-se, no conjunto habitacional, por serem pequenas, com alto índice de homofilia de gênero, muito locais e com sociabilidade abaixo da média.

Seguem abaixo as redes do entrevistado de número 08 como exemplo do impacto da remoção sobre redes de tamanho médio. No primeiro sociograma, referente à rede da favela Guinle, os círculos vermelhos são contatos da esfera da família; os quadrados azuis são da esfera da vizinhança; os triângulos pretos são da esfera do trabalho; os quadrados cinza com uma cruz são da esfera da amizade.



**Figura 26 - sociograma do entrevistado 08 na favela Guinle**

No sociograma abaixo, do conjunto habitacional, os quadrados vermelhos representam os nós da esfera da amizade; os círculos pretos os nós da esfera da família; os triângulos azuis os nós da esfera do trabalho.



**Figura 27 - sociograma do entrevistado 08 no conjunto habitacional**

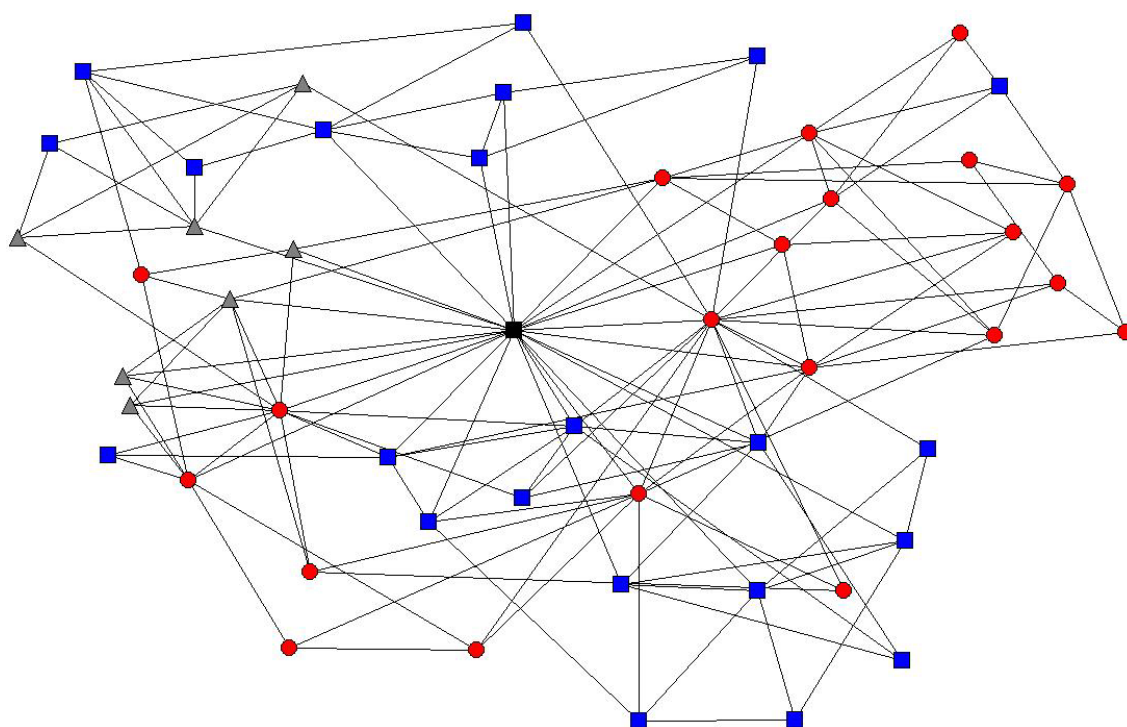
No grupo de indivíduos com redes do tipo 5 houve alteração em dois núcleos familiares, reduzindo a média de pessoas por domicílio de 4 para 3,25. O número de trabalhadores aumentou na segunda fase da pesquisa, gerando impactos na renda familiar média, que passou de R\$492 para R\$575, e na renda familiar *per capita*, que passou de R\$142 para R\$195. Apesar de o número de trabalhadores e da renda média terem aumentado, o total de pessoas com precariedade de renda sofreu acréscimo. Já as pessoas que sofriam de precariedade familiar e estavam em situação social precária eram em menor número no conjunto do que na Guinle.

Os indivíduos com redes sociais do tipo 5 apresentaram a menor perda de nós da amostra, apenas 14%. Suas redes possuíam no conjunto habitacional 30 nós e 111 vínculos em média. Elas estavam menores, mais densas, mais centralizadas e coesas do que na favela Guinle. O índice de homofilia de gênero, bastante elevado na primeira fase da pesquisa, teve uma pequena redução, alcançando 68%. A porcentagem de indivíduos externos, que na favela Guinle estava acima da média, recuou para 46%, a segunda maior porcentagem das redes do conjunto habitacional. O número médio de esferas nas redes deste tipo aumentou de 3 para 4, indicando maior variabilidade de sociabilidade. Na segunda fase, a proporção de nós na esfera da família recuou dos 43% observados na Guinle para 36%. A principal esfera passou a ser a da



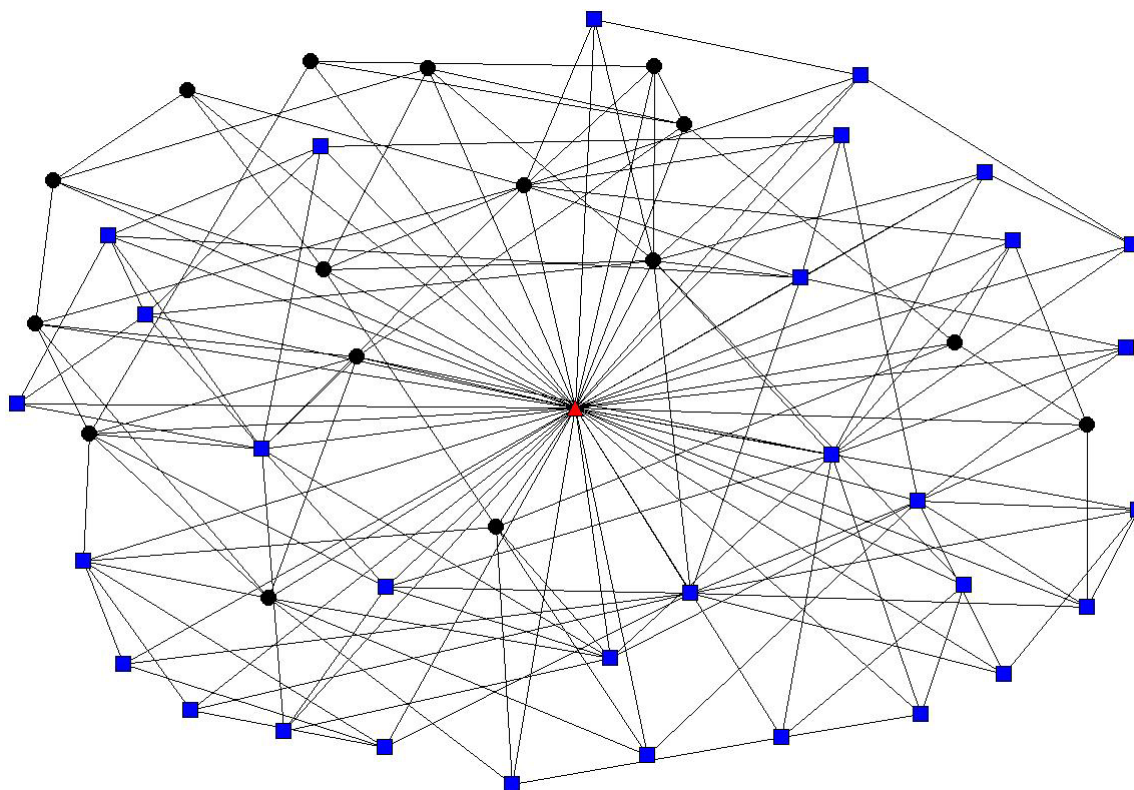
vizinhança/amizade, com 44% dos nós. As esferas do trabalho e da Igreja diminuíram de 13% para 8% e de 15% para 9%, respectivamente. Por fim, o quinto tipo de redes sociais no conjunto habitacional caracterizava-se por possuir redes pequenas, com alto índice de homofilia de gênero, pouco locais e com boa variabilidade de sociabilidade.

Como exemplo do impacto sobre redes pequenas, apresenta-se os diagramas da entrevistada de número 11. O diagrama abaixo reflete a situação da rede na primeira fase da pesquisa. Os quadrados azuis são nós da esfera da vizinhança; os círculos vermelhos são da esfera da família; os triângulos cinzas são da esfera da escola e o quadrado preto é o ego.



**Figura 28 - sociograma da entrevistada 11 na favela Guinle**

O sociograma abaixo reflete a situação da rede desta entrevistada no conjunto habitacional. Os círculos pretos são contatos da esfera da família; os quadrados azuis são da esfera da amizade e o triângulo vermelho é o ego.



**Figura 29 - sociograma da entrevistada 11 no conjunto habitacional**

Os resultados da análise do impacto da remoção por tipo de rede confirmou os resultados do capítulo 3. Ou seja, o tamanho das redes é o principal fator a determinar a porcentagem de perdas de nós. Esta afirmação pode ser confirmada não só pelo do número de nós, como também através de variáveis que possuem relação direta com o tamanho das redes, tais como densidade e grau de centralização. Desta forma, as maiores redes (tipo 1 e 2) não só apresentaram as maiores perdas (59% e 55%, respectivamente), como, por consequência, o maior crescimento da densidade e do grau de centralização. No outro extremo, as redes do tipo 5, as menores da amostra, foram as que menos perderam nós (apenas 14%).

É importante destacar que as redes do tipo 3, mesmo sendo maiores do que as do tipo 4, perderam menor proporção de nós. A explicação pode estar no fato destas redes possuírem na favela Guinle os maiores índices de coesão e de centralização dentre os tipos de rede. Ou seja, eram redes com sociabilidade baseada em padrões mais intensos de conectividade. Assim, para além do tamanho das redes, estes resultados indicam que fatores como coesão e centralização também exercem considerável influência na capacidade dos indivíduos manterem seus contatos diante de um determinado fenômeno.

	<b>Tipo 1</b>	<b>Tipo 2</b>	<b>Tipo 3</b>	<b>Tipo 4</b>	<b>Tipo 5</b>
<b>Redes na Favela Guinle</b>	Redes grandes, pouco centralizadas, com baixa coesão e rede egocentrada eficiente. Sociabilidade variada.	Redes grandes, pouco coesas, com rede egocentrada eficiente. Sociabilidade muito variada.	Redes médias, pouco densas, com centralização e coesão acima da média. Sociabilidade acima da média	Redes de tamanho médio para pequeno. Sociabilidade e localismo próximos à média.	Redes pequenas, pouco coesas, pouco locais e com baixa sociabilidade.
<b>Redes no Conjunto Habitacional</b>	59% de perda de nós	55% de perda de nós	34% de perda de nós	36% de perda de nós	14% de perda de nós
	Menor densidade e coesão dentre os tipos de redes.	Maior aumento da densidade e da coesão dentre os tipos de rede.	Redes com maior grau de centralização e com menor crescimento da coesão.	Redes com maior grau de densidade dentre os tipos de redes.	Redes mais densas, centralizadas e coesas do que na Guinle.
	Redes mais locais do que na Guinle e com menor variabilidade de sociabilidade, porém acima da média da segunda fase.	Redes menos locais do que na Guinle e com sociabilidade acima da média verificada na segunda fase.	Pouca variação da sociabilidade na segunda fase.	Redes mais locais do que na Guinle e com menor sociabilidade (abaixo da média).	Redes com maior variabilidade de sociabilidade e mais locais do que na Guinle.
	Aumento de nós na esfera da vizinhança e diminuição na esfera da família	Crescimento da sociabilidade baseada em relações primárias.	Maior número de contextos.	Crescimento da sociabilidade baseada em relações primárias.	Diminuição das relações baseadas nas esferas do trabalho e da Igreja.

*Fonte: tabela construída com os dados coletados na pesquisa*

Com relação à sociabilidade, ressalta-se que as redes do tipo 1 diminuíram a proporção de vínculos mais intensos na segunda fase, isto pois além de serem as redes com menor grau de coesão também apresentaram redução na esfera da família. As redes do tipo 2, ao contrário, sofreram o maior aumento no índice de clusterização - tornando-se o tipo de rede com maior grau de coesão - e aumentaram a porcentagem de nós na esfera da família. No entanto, houve redução de nós nas esferas da vizinhança e da Igreja.

As redes de tamanho médio, as do tipo 3, não sofreram grandes transformações no que se refere à sociabilidade. As redes pequenas, dos tipos 4 e 5, apresentaram



grande perda de nós externos (principalmente as redes do tipo 5). Contudo, enquanto nas redes do tipo 4 as esferas da família e da vizinhança ampliaram sua participação no número de nós, nas redes do tipo 5 a esfera da família diminuiu e a esfera da vizinhança aumentou.

#### **4.2 Grupos de sociabilidade**

As redes com sociabilidade do grupo 1 - sociabilidade primária, baseada em muita família e na vizinhança - não apresentaram mudanças após a remoção para o conjunto habitacional no núcleo familiar ou na ocupação dos indivíduos. No entanto verificou-se que em uma família houve aumento de renda, elevando a média do grupo de R\$450 para R\$575. De forma diferente do observado na renda familiar, a renda familiar *per capita* média reduziu-se de R\$214 para R\$164 na segunda fase.

Estas redes apresentaram a menor proporção de perda de nós da amostra, apenas 4% - no conjunto habitacional possuíam em média 44 nós e 156 vínculos. Detentor da maior densidade e menor centralização e coesão na primeira fase, este grupo apresentou o menor crescimento da densidade e o maior crescimento tanto da centralização quanto da coesão na segunda fase, tornando-se o grupo de sociabilidade com as redes menos densas, porém mais centralizadas da amostra (0,1545 e 88,44, respectivamente).

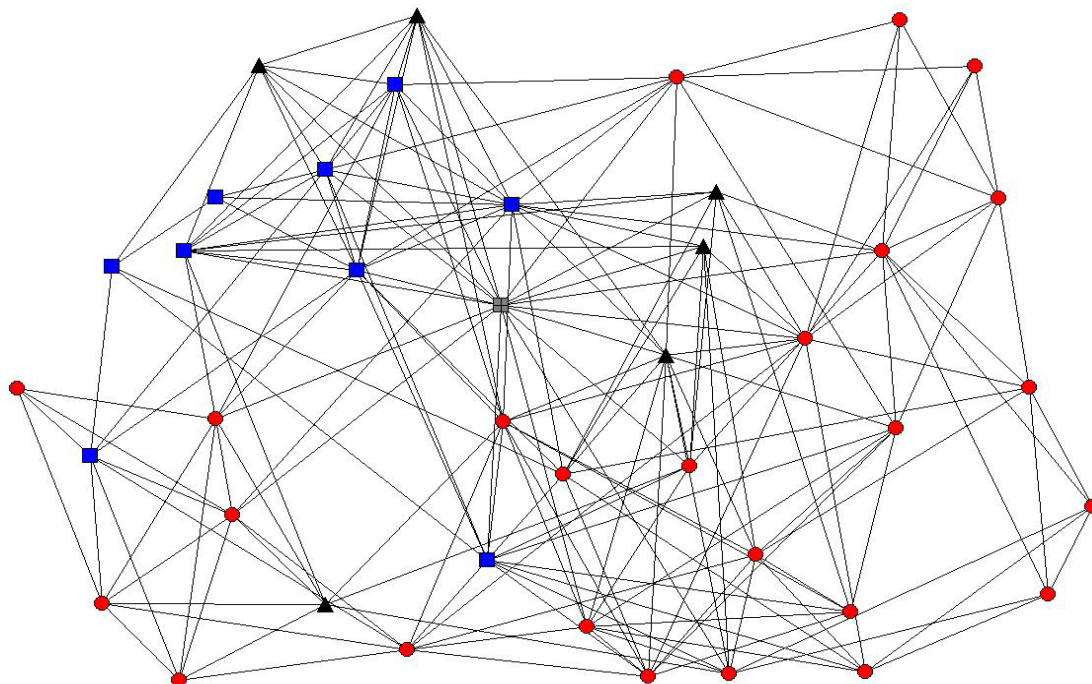
Na segunda fase da pesquisa as redes sociais do grupo 1 eram mais locais e possuíam menor variabilidade de sociabilidade. Apesar de apresentarem redução no índice de homofilia de gênero, que passou dos 77% para 73%, a porcentagem de pessoas externas diminuiu de 54% para 43% dos nós. Tanto o número médio de esferas quanto de contextos eram inferiores ao verificado na favela Guinle. As principais esferas de sociabilidade continuavam sendo as da família e da vizinhança/amizade. Contudo, enquanto a primeira decresceu, passando de 62% para 49% dos nós na rede, a segunda sofreu acréscimo e passou de 23% para 46% dos nós. A esfera do trabalho, que representava na primeira fase 6% dos nós, não passava de 1% dos nós na segunda fase. As redes do grupo 1 de sociabilidade caracterizavam-se, no conjunto habitacional, por serem pequenas e centralizadas, porém com densidade abaixo da média da amostra. Possuíam baixa variabilidade de sociabilidade, contudo a porcentagem de indivíduos externos era superior a média, ou seja, eram pouco locais. A sociabilidade era baseada na vizinhança e nas relações familiares.

Metade dos indivíduos cujas redes sociais possuíam sociabilidade do tipo 2 - sociabilidade primária, local e baseada em muita vizinhança e na família - apresentou alguma alteração no núcleo familiar, elevando o número de indivíduos por domicílio de 3,64 para 4 pessoas. Observaram-se também alterações no número de trabalhadores e na forma de ocupação dos indivíduos na segunda fase da pesquisa: de um total de 9 trabalhadores na Guinle, 7 continuavam exercendo alguma atividade remunerada no conjunto habitacional. Destes, apenas 1 possuía emprego protegido, ante os 3 verificados na primeira fase da pesquisa. Como consequência destas alterações, a renda aumentou em 6 casos e diminuiu em outros 4 casos, resultando em renda familiar média (R\$490) e renda familiar *per capita* (R\$137) superiores às verificadas na favela Guinle. Ao mesmo tempo em que o acréscimo na renda fez com que diminuísse o número de pessoas com precariedade de renda deste grupo, a menor quantidade de empregos protegidos aumentou a precariedade de trabalho. Houve também queda daqueles que sofriam de precariedade familiar e estavam em situação social precária.

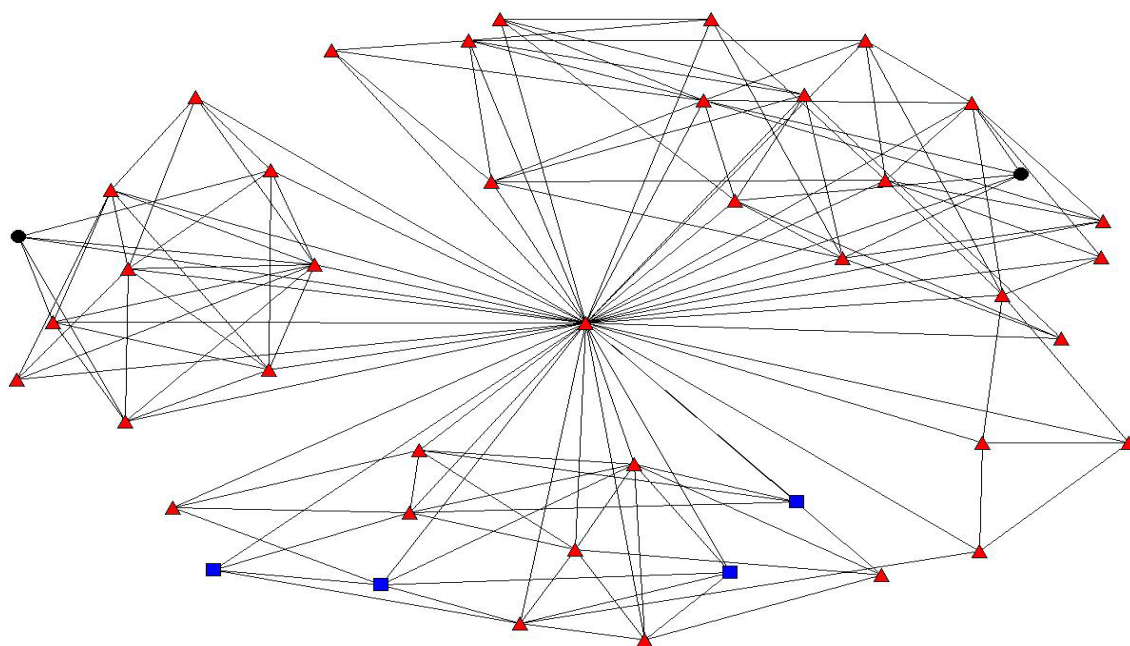
As redes com sociabilidade de tipo 2 sofreram a maior porcentagem de quedas de nós entre a primeira e a segunda fase da pesquisa, 41% em média. Suas redes passaram a ter 40 nós e 135 vínculos em média. Este grupo de redes também se destacou por ter apresentado o maior crescimento da densidade e por possuir, no conjunto habitacional, redes com a menor média do grau de centralização da amostra (72,27).

No conjunto habitacional, estas redes possuíam índice de homofilia de gênero (68%) superior ao verificado na Guinle. Possuíam também menor média tanto do número de esferas (de 4,07 para 3,35) quanto do número de contextos (de 4,28 para 3,71), indicando menor variabilidade de sociabilidade. A porcentagem de indivíduos externos ao bairro permaneceu praticamente a mesma da verificada na favela Guinle. A sociabilidade se manteve baseada nas esferas da família e da vizinhança/amizade, porém enquanto a primeira esfera sofreu redução em sua proporção de nós, passando de 32% para 28%, a segunda aumentou sua importância na rede, passando de 54% para 63%. Destaca-se também que as esferas do trabalho e da Igreja perderam participação em relação ao número de nós, passando de 4% para 2% e de 4% para 0,3%, respectivamente. Por fim, as redes com sociabilidade do tipo 2 eram, no conjunto habitacional, pequenas, com densidade abaixo da média, porém muito centralizadas. Eram muito locais e com variabilidade de sociabilidade próxima da média da amostra.

Como exemplo do impacto da remoção sobre redes com sociabilidade primária, apresenta-se abaixo os diagramas da entrevistada de número 09. No primeiro, referente à rede da favela Guinle, os círculos vermelhos são os nós da esfera da família; os quadrados azuis são da esfera da vizinhança; os triângulos pretos da esfera do trabalho e o quadrado cinza com uma cruz é o ego.



**Figura 30 - sociograma da entrevistada 09 na favela Guinle**



**Figura 31 - sociograma da entrevistada 09 no conjunto habitacional**

No segundo, referente à rede no conjunto, os triângulos vermelhos são nós da esfera família; os quadrados azuis da esfera vizinhança; os círculos pretos da esfera amizade.

Metade dos indivíduos com redes do grupo 3 - sociabilidade baseada na família, na vizinhança e na Igreja de sociabilidade - apresentaram no conjunto habitacional alteração no núcleo familiar, provocando queda no número médio de pessoas por domicílio de 3,5 para 2,75 pessoas. Observou-se também diminuição no número de católicos e aumento no número de evangélicos, além de pequena queda na média de frequência destes indivíduos aos cultos religiosos. O total de trabalhadores e a forma de ocupação dos entrevistados não sofreram alteração após a remoção para o conjunto. O aumento na renda de apenas um indivíduo foi suficiente para aumentar tanto a renda familiar média (de R\$399 para R\$432) quanto a renda familiar *per capita* média (de R\$117 para R\$192) deste grupo de redes. Na segunda fase havia menos casos de precariedade de renda, familiar e de indivíduos em situação social precária.

As redes sociais do grupo de sociabilidade 3 perderam em média 24% dos nós entre a primeira e segunda fase da pesquisa, ficando com 43 nós e 141 vínculos em média. Este grupo de redes apresentou o menor aumento no grau de centralização da amostra, contudo eram as redes com maior grau de coesão na segunda fase da pesquisa (índice de clusterização de 0,7117). O índice de homofilia de gênero elevou-se de 69% para 77%, valor acima da média da amostra. Foi o único grupo de sociabilidade em que se verificou aumento na porcentagem de indivíduos externos ao bairro: 36% na Guinle para 43% no conjunto habitacional. O número de esferas de sociabilidade também teve um pequeno acréscimo, passando de 3,5 para 3,75 esferas em média (valor acima da média da amostra). Já o número de contextos sofreu uma pequena redução de 4,25 para 3,75 contextos em média. As principais esferas de sociabilidade, que eram da vizinhança/amizade (34% dos nós), da Igreja (32% dos nós) e a da família (28% dos nós), se mantiveram centrais no conjunto habitacional, contudo com a remoção trocaram de ordem: a principal passou a ser a esfera da vizinhança/amizade, com 56% dos nós, seguida pela esfera da família, com 21%, e pela esfera da Igreja, com 19% dos nós. A esfera do trabalho passou dos 6% para 3% dos nós. Mesmo com a redução do número de nós e aumento de indicadores tais como de densidade, centralização e coesão, as redes sociais deste grupo permaneceram com características semelhantes às verificadas na favela Guinle, principalmente no que se refere às ligadas à sociabilidade.

Ou seja, eram redes pouco locais, com número de esferas acima da média e sociabilidade não somente baseada nas esferas da família e da vizinhança/amizade, como também na esfera da Igreja, e em menor grau, do trabalho.

Três, dos oito indivíduos que possuíam redes do grupo de sociabilidade 4 na favela Guinle - sociabilidade baseada na família, na vizinhança e no trabalho - sofreram alteração no núcleo familiar. Com isto, a média de indivíduos por domicílio passou de 2,66 para 3,5 pessoas. Verificou-se também queda na frequência aos cultos religiosos. No âmbito do emprego e da renda, houve diminuição do número de indivíduos com emprego protegido (de 8 para 6 indivíduos) e acréscimo na renda de 5 famílias, elevando a renda familiar média de R\$622 para R\$886 e a renda familiar *per capita* de R\$330 para R\$343. Houve, desta forma, aumento no número de indivíduos com precariedade de trabalho ao mesmo tempo em que diminuiu o número daqueles que sofriam de precariedade de renda.

A porcentagem de perda de nós deste grupo de sociabilidade entre a primeira e a segunda fase da pesquisa (41%) estava próximo à média da amostra. Com esta perda, as redes passaram a ter, em média, 33 nós e 115 vínculos no conjunto habitacional. O índice de homofilia de gênero elevou-se de 63% para 71%. A proporção de pessoas externas ao bairro permaneceu elevada, passando de 54% para 53%. Apesar do número de esferas ter diminuído de 4,33 para 3,25, permaneceu próximo à média da amostra na segunda fase. Já o número de contextos, que passou de 4,44 para 4,25, ficou acima da média. As características da sociabilidade das redes sociais do grupo cinco permaneceram semelhantes às verificadas na favela Guinle, ou seja, ainda eram baseadas na família, na vizinhança/amizade e no trabalho.

Os gráficos das redes do entrevistado de número 29 são utilizados abaixo como exemplo do impacto da remoção em redes com maior proporção de contatos em ambientes institucionais, como o trabalho e a Igreja. No primeiro sociograma, referente à rede da Guinle, os quadrados vermelhos são contatos da esfera da vizinhança; os círculos azuis são da esfera da família; os triângulos pretos são da esfera do trabalho; os quadrados cinza com uma cruz são da esfera da amizade. No segundo sociograma, referente à rede no conjunto, os triângulos pretos são da esfera do trabalho; os quadrados vermelhos da esfera da vizinhança; os círculos azuis da esfera da família; os quadrados cinza com uma cruz da esfera da amizade e o triângulo invertido rosa é o nó.

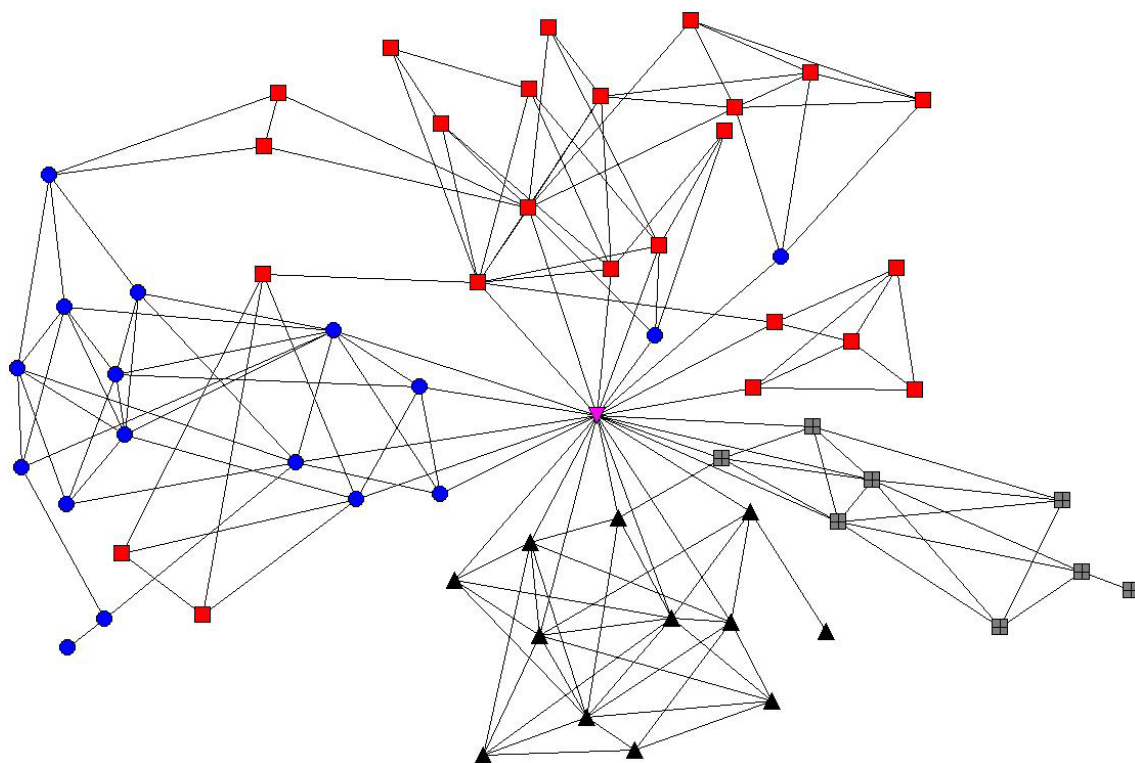


Figura 32 - sociograma do entrevistado 29 na favela Guinle

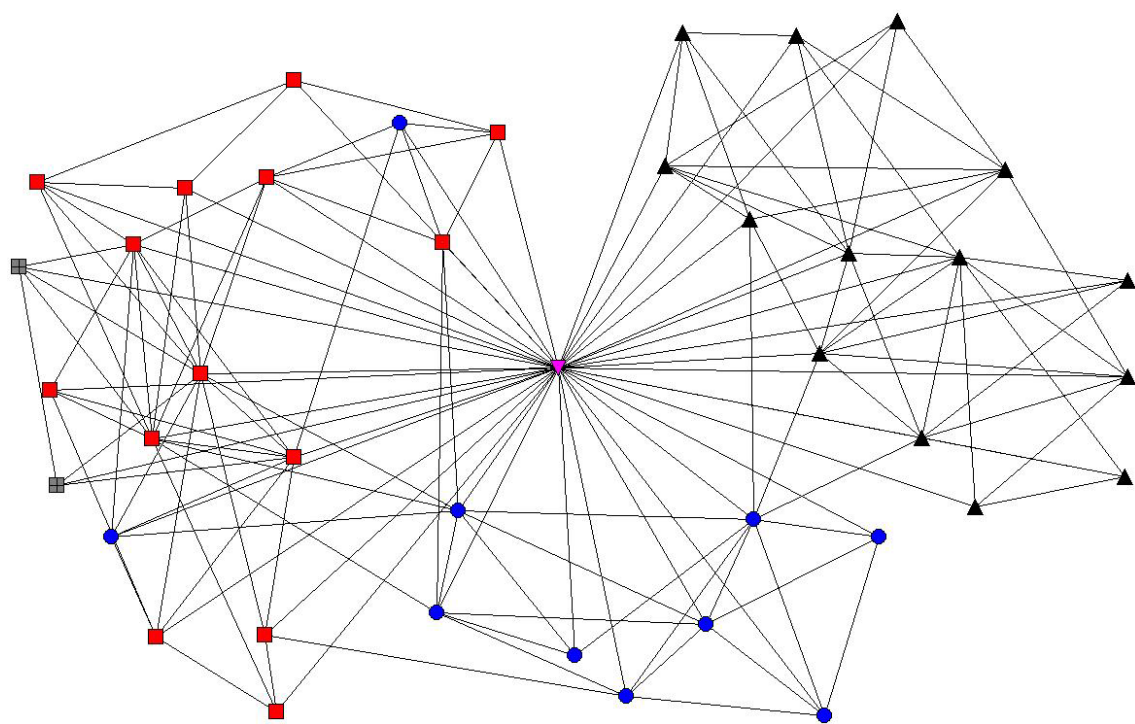


Figura 33 - sociograma do entrevistado 29 no conjunto habitacional

	<b>Grupo 1</b>	<b>Grupo 2</b>	<b>Grupo 3</b>	<b>Grupo 4</b>
<b>Na Favela Guinle</b>	Sociabilidade primária, baseada em muita família e na vizinhança.	Sociabilidade primária, local e baseada em muita vizinhança e na família.	Sociabilidade baseada na família, na vizinhança e na Igreja.	Sociabilidade baseada na família, na vizinhança e no trabalho.
<b>Sociabilidade no conjunto habitacional</b>	aumento de 4%	perda de 41%	perda de 24%	perda de 38%
	Maiores aumentos na centralização e na coesão. Menor crescimento da densidade.	Maior aumento da densidade na segunda fase.	Menor crescimento da centralização. Redes com o maior grau coesão na segunda fase.	Redes com maior densidade na segunda fase. Menor crescimento da coesão dentre os grupos.
	Segunda maior homofilia de gênero da segunda fase.	Menor homofilia de gênero da segunda fase.	Maior homofilia de gênero da segunda fase.	Menores redes da segunda fase.
	Maior redução de nós externos. Menor número de esferas.	Redes mais locais da segunda fase, apesar da pouca redução de nós externos.	Único grupo no qual aumentou número de nós externos e de esferas.	Redes com maior proporção de nós externos na segunda fase.
	Redução de nós na esfera da família e do trabalho. Maior ampliação de nós na esfera da vizinhança dentre os grupos.	Redução das esferas da família, do trabalho e da Igreja. Aumento da esfera da vizinhança.	Maior redução na esfera da família dentre os grupos. Redução nas esferas do trabalho e da igreja e ampliação da esfera da vizinhança.	Ampliação das esferas da família e do lazer. Perda de nós nas esferas do trabalho e da Igreja.

*Fonte: tabela construída com os dados coletados na pesquisa.*

Através dos resultados obtidos com a pesquisa, foi possível observar que os grupos com sociabilidade menos variada e maior índice de homofilia de gênero, como eram os casos dos grupos 1 e 3, tenderam a perder menor proporção de nós após a remoção para o conjunto habitacional. De forma semelhante ao observado na análise através da tipologia de redes, quando se verificou que redes menores e mais coesas perderam menos contatos, o baixo número de nós perdidos em redes com poucas diferenças de gênero e com baixo número de esferas, pode estar associado a padrões mais intensos de conectividade, tais como nas relações familiares. Assim, indivíduos não só com grandes redes, mas também aqueles com redes que possuam grande variabilidade de sociabilidade tendem, num evento como o de uma remoção, a enfrentarem maiores dificuldades na manutenção dos nós de suas redes.

Por fim, a comparação realizada entre os resultados encontrados nas duas fases da pesquisa apontaram para o fato das redes, diante de um acontecimento desagregador como o da remoção, tendem a, num primeiro momento, se limitarem a um número de contato mínimo, essencial. Tais contatos podem ser oriundos de relações de vizinhança, pela facilidade e o baixo custo de manutenção do nó, ou de vínculos com padrões mais intensos de conectividade, como é o caso das relações familiares.



## Conclusão

O principal objetivo desta dissertação é analisar as mudanças geradas nas redes sociais dos moradores da favela Guinle, município de Guarulhos, após a remoção para um conjunto habitacional. A relevância deste estudo está principalmente na relação existente entre a estrutura de relações dos indivíduos, a segregação residencial e o fenômeno da pobreza.

Como explanado no capítulo 1, esta dissertação filia-se à literatura que entende a pobreza como um fenômeno multidimensional, impossível de ser apreendido apenas por variáveis econômicas. Na introdução teórica foram apresentados trabalhos de autores que defendem que tanto o espaço geográfico quanto a estrutura de relações dos indivíduos atuam nos mecanismos de produção e reprodução da pobreza. Desta forma, apesar de o foco estar nas redes sociais e, principalmente, no impacto sobre elas gerado pela remoção para outro território, os temas da segregação residencial e da pobreza também permeiam este trabalho.

Antes de apresentar as conclusões sobre os resultados observados a respeito das redes sociais nos dois momentos da pesquisa (na favela Guinle e no conjunto habitacional), é importante retomar alguns posicionamentos defendidos nesta dissertação a respeito de conceitos chaves, como pobreza, segregação residencial e redes sociais.

Pode-se dizer que a preocupação com as desigualdades e com a pobreza se iniciou nos países desenvolvidos após a euforia da reconstrução do pós-guerra, quando o foco se direcionou para outras situações de privação em que as questões de sobrevivência não estavam mais em jogo. Em contraposição a uma visão estreitamente vinculada às questões de sobrevivência física, definiu-se pobreza como a situação na qual as necessidades não são atendidas de forma adequada. Sob tal perspectiva, a pobreza é um conceito socialmente construído e historicamente definido, ou seja, associado aos patamares de direitos estabelecidos em cada sociedade, em cada momento de seu desenvolvimento.

Influenciada pelas discussões iniciadas nos países ricos, de economias totalmente monetizadas, a abordagem da pobreza enquanto insuficiência de renda generalizou-se, passando a ser adotada até mesmo nos países mais pobres. Como forma de medição, estabeleceu-se um valor monetário associado ao custo do atendimento das

necessidades médias de uma pessoa em uma determinada população. Foram definidas, então, duas linhas de referência. A primeira delas, chamada de linha de indigência, trata especificamente das necessidades nutricionais e alimentares, enquanto a segunda, linha da pobreza, refere-se a um conjunto mais amplo de necessidades consideradas mínimas em uma dada sociedade.

No Brasil, o combate à pobreza sempre esteve muito associado ao crescimento econômico. A avaliação dos índices de pobreza seguia a abordagem estritamente monetária que, apesar de ser mundialmente aceita, encontra algumas dificuldades. A principal delas está no fato de que os índices que se utilizam exclusivamente da renda como medida para definir pobreza não são capazes de levar em conta, na mensuração do fenômeno, a crescente intervenção governamental no combate à pobreza e à desigualdade social através da oferta de serviços públicos, subsídios e outros benefícios. A deficiência desta visão, além de ser vista como a responsável pelo aparente paradoxo da década de 1980, também impulsionou abordagens que se utilizam de indicadores sociais que envolvem uma gama mais ampla de necessidades humanas – tais como educação, saneamento, habitação etc. – como medida de bem-estar.

Assim, entende-se que a dinâmica das condições sociais é produzida por processos mais complexos que envolvem outras variáveis além das econômicas. Sem ignorar o fato de que o mercado de trabalho continua ocupando um papel fundamental na produção e reprodução da pobreza e das desigualdades urbanas, é preciso levar em conta que inúmeros processos locais da dinâmica das políticas públicas e outros ligados à estrutura de relações pessoais não só diferenciam lugares igualmente segregados, como influenciam na capacidade dos indivíduos em superar barreiras.

Considerando que para além do mercado, o Estado e a sociedade também provêm recursos materiais e imateriais fundamentais para o bem-estar e para a presença de pobreza, compondo estruturas de oportunidades que definem o bem-estar dos indivíduos em uma coletividade, a vulnerabilidade social estaria tanto na ausência de ativos como no baixo acesso às estruturas de oportunidades existentes.

A segregação residencial destaca-se como um dos fatores relacionados ao fenômeno da pobreza por representar um conjunto de constrangimentos que diferenciam o acesso dos indivíduos às ditas estruturas. As redes sociais, ao contrário, são elementos coletivos cuja principal característica para os estudos da pobreza é conectar os indivíduos a contextos sociais mais amplos, facilitando o acesso às estruturas de

oportunidades. Isto, pois tal acesso é mediado pelos padrões de relação que esses indivíduos têm com outros indivíduos e com organizações de variados tipos. Nesse sentido, redes com características distintas possuem capacidades diferentes de proporcionar acesso, ampliando ou reduzindo os efeitos da segregação espacial e da pobreza sobre os indivíduos.

Como método de investigação, a análise de redes sociais busca reproduzir, através de representações gráficas e matemáticas, os contextos relacionais mais variados nos quais se inserem os atores sociais – pessoas, grupos, organizações e entidades são representadas como nós enquanto as relações são representadas como vínculos (materiais ou imateriais) de tipos diversos –, permitindo tanto identificar e analisar padrões nos processos de interação social, quanto observar as mudanças ocorridas ao longo do tempo em uma dada rede (Marques, 2007).

A relação entre pobreza, segregação e redes sociais foi muito bem explorada por Xavier Briggs (2003) em seu trabalho sobre as principais condicionantes dos vínculos de “ponte racial” nos EUA. Os resultados de sua pesquisa apontaram para a presença tanto de um tecido denso de vínculos entre iguais como fonte de coesão social (*bonding ties*), como de vínculos que produzem pontes entre grupos distintos (*bridging ties*). Enquanto os primeiros vínculos facilitam os indivíduos a darem conta de suas atividades e situações cotidianas (*get by*), os segundos são fundamentais para a melhora da situação dos indivíduos, produzindo mobilidade social (*get ahead*). De acordo com Briggs, as *bridging ties* são particularmente importantes quando unem diferentes grupos, expandindo identidades sociais e cívicas, abrindo comunidades de interesse, contendo conflitos *inter-grupos* e reduzindo diferenças de *status*.

Suas pesquisas também indicaram que a segregação residencial tende a aumentar a homogeneidade dos padrões de vínculos dos indivíduos, representando uma barreira ao contato e às oportunidades. Como consequência, a *homofilia* gerada por esses processos limita o mundo social das pessoas, com poderosas implicações no tipo e na qualidade da informação que é recebida, nas atitudes que são formadas e nas interações experimentadas. Em um processo inverso à segregação, as *bridging ties* tem importantes consequências para a equidade e para a democracia, já que tenderiam a integrar mais intensamente os indivíduos.

No Brasil, as análises de redes sociais realizadas por Marques, e em especial sua Tese de Livre Docência, contribuíram de forma decisiva para os estudos sobre os mecanismos de produção e reprodução da pobreza.

Após a retomada dos aportes teóricos utilizados nesta dissertação, serão apresentados os principais resultados obtidos após as duas fases da pesquisa de campo. Na primeira fase foram entrevistados 30 moradores da favela Guinle. A maioria deles era do sexo feminino, vivia com um companheiro, era migrante e possuía baixa escolaridade. Mesmo com a presença de um grande número de trabalhadores, a renda familiar média e a renda familiar *per capita* eram inferiores ao verificado por Marques em regiões pobres da cidade de São Paulo.

As redes sociais dos moradores da favela Guinle eram semelhantes em tamanho e coesão com as redes de indivíduos pobres da cidade de São Paulo, porém eram mais densas e centralizadas. Eram redes muito locais, com baixa variabilidade de sociabilidade e baseadas em relações primárias: as principais esferas de sociabilidade eram a da vizinhança e a da família, respectivamente.

As maiores redes, dos tipos 1 e 2 segundo a tipologia criada no capítulo 2, eram superiores em tamanho até mesmo das redes de indivíduos de classe média, no entanto, eram pouco coesas e tinham baixo grau de centralização. Em relação à amostra, possuíam grande variabilidade de sociabilidade, porém elevado localismo, o que pode estar relacionado com a inserção precária no mercado de trabalho e com as piores médias de renda familiar *per capita* da amostra. Eram essencialmente redes de mulheres migrantes.

As redes de tamanho médio (redes dos tipos 3 e 4) eram as mais frequentes (70% dos entrevistados). As redes de tipo 3 diferenciavam-se por serem predominantemente de homens, pouco densas, porém mais centralizadas e coesas do que a média da amostra. Sua sociabilidade, pouco acima da média, diferenciava-se por ser menos primária, ou seja, estava mais fortemente baseada em relações construídas em ambientes institucionais, tais como o trabalho e a Igreja. As redes do tipo 4, destacavam-se por possuírem o segundo maior índice de homofilia de gênero.

As menores redes da amostra, as do tipo 5, eram densas, porém pouco coesas. Apesar de possuírem baixa sociabilidade e alta homofilia de gênero, detinham a maior média de indivíduos externos ao local de moradia. As donas de casa estavam sobre-

representadas e a renda familiar *per capita* era inferior a média geral. Representavam apenas 13% do total de casos.

Em relação à tipologia de sociabilidade, também construída no capítulo 2, tem-se que o grupo 2, com maior número de casos (47% do total), caracterizava-se por possuir redes com sociabilidade muito local e baseada em relações de vizinhança e familiares. Os solteiros e as donas de casas estavam sobre-representados. Em relação ao resto da amostra, os entrevistados com estes tipos de sociabilidade possuíam alta escolaridade, porém a menor renda dentre os grupos.

As redes do grupo 4, segundo em incidência de casos, tinham sociabilidade baseada no trabalho. Os indivíduos deste grupo possuíam redes com maior variabilidade de sociabilidade – maior número de esferas e menor localismo da amostra –, além de apresentarem o menor índice de precariedades. As redes deste grupo eram predominantemente de homens, com grande número de trabalhadores formais e nenhuma família em situação social precária.

O grupo 3 de sociabilidade, terceiro em número de casos, possuía redes com grande proporção dos contatos ligados à esfera da Igreja (detinham a maior média de frequência a cultos). As redes deste grupo eram de mulheres com escolaridade acima da média, contudo com a pior renda familiar *per capita*. Os trabalhadores estavam inseridos precariamente no mercado de trabalho. Apesar de serem redes mais locais que a média, os contatos externos estavam ligados a ambientes institucionais, como do trabalho e da Igreja.

O menor grupo, apenas 3 casos, era o de sociabilidade do tipo 1. Suas redes possuíam relações primárias, baseadas em muita família e na vizinhança. Eram redes de mulheres com idade superior à média e baixa escolaridade. Apesar do grau de localismo ser inferior à média, os contatos externos estavam ligados, em sua maioria, à esfera da família.

Considerando o cruzamento das duas tipologias, a que dividiu as redes sociais principalmente por tamanho, densidade, coesão e centralidade, e a que as dividiu por tipo de sociabilidade, verificou-se, em primeiro lugar, que as maiores redes, as de tipo 1 e 2, possuíam, majoritariamente, sociabilidade primária, muito local e baseada em muita vizinhança e na família. Isto é, apesar de serem muito grandes, o que poderia indicar maior capacidade de superar barreiras impostas pela segregação espacial, sua sociabilidade não estava baseada em ambientes institucionais, mas sim em relações

primárias e de vizinhança, limitando a capacidade de inserir os indivíduos em círculos sociais mais amplos.

Em segundo lugar, observou-se que os tipos de redes com maior número de casos na pesquisa, as de tamanho médio (tipos 3 e 4), possuíam redes com sociabilidade primária, local e com grande proporção de nós nas esferas da vizinhança e da família. No entanto, pouco menos da metade delas também possuíam sociabilidade fortemente baseada nas esferas do trabalho e da Igreja, ou seja, em ambientes institucionais.

Em terceiro lugar, observou-se que as redes pequenas, do tipo 5, estavam uniformemente distribuídas entre os quatro tipos de sociabilidade existentes.

Tendo como principal objetivo a análise do impacto gerado pela remoção nas redes sociais das famílias da favela Guinle, a pesquisa de campo deste trabalho foi dividida em duas fases. Desta forma, após um ano da remoção das famílias da favela Guinle para o conjunto habitacional, os moradores entrevistados na primeira fase da pesquisa foram novamente submetidos a um questionário semi-aberto e ao instrumental de análise de redes sociais.

Em primeiro lugar, destaca-se que a maioria dos entrevistados afirmou que seu padrão de relacionamento com vizinhos, amigos e familiares sofreu algum tipo de alteração. Isto indica que a remoção provocou consideráveis transformações na estrutura de suas redes sociais. O maior impacto e também o mais visível se deu no tamanho das redes que sofreram redução média de 35% do número de nós após a remoção. Com isto, as redes ficaram menores, mais densas e centralizadas. O expressivo crescimento do índice de clusterização e do grau de centralidade também indicou que as redes se tornaram mais coesas, ou seja, com maior proporção de nós baseados em vínculos com padrão mais intensos de conectividade.

Os efeitos da remoção não só foram observados no tamanho das redes, como na qualidade dos contatos. Os resultados sobre a coesão indicaram que as redes do conjunto habitacional baseavam-se ainda mais em contatos primários do que o verificado na favela Guinle (laços familiares e de vizinhança). Esferas como a da Igreja e do trabalho perderam importância ao mesmo tempo em que a sociabilidade tornou-se ainda mais centrada nas esferas da vizinhança/amizade local e da família. As redes se tornaram mais locais e com contatos externos predominantemente ligados à esfera da família. O crescimento do índice de homofilia apontou para queda na diversidade de gênero das redes do conjunto habitacional. Por fim, as redes sociais da segunda fase

eram menores, mais densas e coesas, com sociabilidade menos variada e ainda mais primária e local do que as redes da favela Guinle.

Dividindo as redes em grupos de perdas de nós, verificou-se que os indivíduos com redes sociais que apresentaram menor proporção de perda de nós – até 15% - possuíam, na favela Guinle, as menores e mais densas redes da amostra, porém pouco coesas. Possuíam baixa variabilidade de sociabilidade, no entanto eram as menos locais. Apresentavam também a maior proporção de nós da amostra nas esferas da família e da Igreja e a menor proporção na esfera da vizinhança.

As redes com perdas entre 15% e 50% dos nós eram as que concentravam a maioria dos homens. Eram redes de tamanho médio, baixa densidade, muito coesas e locais e com a maior variabilidade de sociabilidade da amostra.

As redes com as maiores perdas, mais de 50% dos nós, eram grandes, pouco coesas e muito locais (possuíam o menor número de indivíduos externos dentre os grupos). A proporção de nós nas esferas do trabalho e da Igreja, ou seja, em ambientes institucionais, estava abaixo da média da amostra.

A análise do impacto da remoção realizada levando em conta a tipologia das redes sociais confirmou que o tamanho foi a principal variável que determinou, no caso das redes dos moradores da Guinle, a porcentagem de perda de nós. Contudo, também revelou que para além do número de nós, o grau de coesão das redes, medido pelo índice de clusterização e pelo grau de centralização, também apresentou relação com o número de nós perdidos. Dessa forma, redes cuja sociabilidade apresentava maior proporção de vínculos baseados em padrões mais intensos de conectividade tenderam a perder menor número de nós.

Com relação às características relacionadas à sociabilidade das redes estudadas, verificou-se, em primeiro lugar, a existência de uma relação entre perda de nós e grau de localismo das redes - quanto menor a proporção de indivíduos externos ao local de moradia presentes nas redes, maior a proporção de perdas de contatos. É importante ressaltar que grande parte dos contatos externos estavam ligados à esfera família, sendo, desta forma, vínculos com maior grau de conectividade e, portanto, mais difíceis de romperem.

Em segundo lugar, é possível afirmar que, de forma semelhante à relação entre tamanho das redes e perda de nós, redes com baixa variabilidade de sociabilidade tendiam a perder menor proporção de nós. Isto, pois redes que apresentaram os maiores

índices de homofilia de gênero e os menores números de esferas - como eram os casos dos grupos 1 e 3 - perderam, proporcionalmente, o menor número de contatos. Estes resultados indicam que indivíduos em situação de pobreza com redes grandes e variadas, diante de um evento como o da remoção, enfrentaram maiores dificuldades em manter boa parte dos contatos. De forma diferente, redes pequenas e com baixa sociabilidade estariam reduzidas a um número muito baixo de contatos e com alto grau de conectividade (familiares e vizinhos próximos), facilitando a permanência destes nós.

Em terceiro lugar, redes cuja principal esfera de sociabilidade era a da família e que possuíam grande proporção de seus nós nas esferas do trabalho e da Igreja, ou seja, em ambientes institucionais, apresentaram menores perdas de nós. Ao contrário, redes cuja principal esfera na primeira fase era a da vizinhança foram as que tiveram as maiores perdas. Os resultados indicaram que a relação entre maior proporção de nós na esfera da família e menor perda de contatos pode estar vinculada ao fato de após a remoção as redes como um todo terem se tornado mais coesas, ou seja, ainda mais baseadas em vínculos com padrões mais intensos de conectividade. Assim, contatos mais fortes, como são as relações familiares, foram os que mais resistiram ao impacto da remoção, fazendo com que redes cuja sociabilidade era baseada na esfera familiar perdessem menos nós. Já as redes com maiores proporções de relações estabelecidas em ambientes institucionais, como o do trabalho, tenderiam a perder menor quantidade de nós porque tais relações não se alterariam com a remoção, ao menos que o indivíduo perdesse o emprego. Por outro lado, como visto no capítulo 2 desta dissertação, segundo os próprios entrevistados a divisão do conjunto habitacional em blocos verticais de apartamentos seria uma estrutura de moradia muito diferente da encontrada na favela Guinle, o que teria contribuído para que redes cuja principal esfera era a da vizinhança, mesmo em uma situação em que todos foram removidos para o mesmo conjunto, tenham perdido proporcionalmente maior número de contatos.

Assim, além de redes pequenas e coesas, redes com baixa variabilidade de sociabilidade e alta homofilia de gênero apresentaram, nos casos estudados, menor perda de contatos após a remoção para o conjunto habitacional. Por outro lado, indivíduos não só com grandes redes, mas também aqueles com redes que possuíam grande variabilidade de sociabilidade enfrentaram, em um evento como o de uma remoção, maiores dificuldades na manutenção dos nós de suas redes.



Por fim, a comparação realizada entre as redes sociais da favela Guinle e as redes sociais do conjunto habitacional demonstrou, em primeiro lugar, precarização das relações de trabalho, maior dificuldade na obtenção de emprego e maiores custos com a locomoção entre o local de moradia e o de trabalho.

Com relação às características das redes sociais propriamente ditas, verificou-se que as redes do conjunto habitacional eram menores, mais densas e coesas do que as redes da favela Guinle. Elas se tornaram também mais locais, com sociabilidade menos variada e com relações ainda mais primárias, baseadas principalmente nas esferas da vizinhança/amizade local e da família (as esferas do trabalho e da igreja sofreram acentuada queda na proporção de nós).

Considerando que a estrutura de relações sociais é fundamental para a melhora dos indivíduos, pois produzem mobilidade social ao ampliar o acesso a estruturas de oportunidades, é possível afirmar que a remoção para o conjunto habitacional da CDHU diminuiu a capacidade dos moradores da favela Guinle em superar barreiras, como as impostas pela segregação residencial. Isto, porque além de suas redes terem diminuído, elas também ficaram mais locais (menor número de contatos externos ao local de moradia) e com menor variabilidade de sociabilidade (maior homofilia de gênero e menor número de esferas). Ressalta-se ainda que a maioria dos contatos externos que haviam permanecido nestas redes após a remoção estava na esfera da família e, portanto, não era exatamente o que Briggs imaginava como *bridging ties*, ou seja, vínculos capazes de proporcionar maior mobilidade social.

Os resultados também indicaram importante redução na proporção de contatos estabelecidos em ambientes institucionais e o crescimento do número de nós nas esferas da vizinhança. Ou seja, os contatos eram redundantes e dificilmente iam além de indivíduos que estavam sob as mesmas condições de pobreza social. Sinteticamente, pode-se dizer que as redes foram reduzidas a um tamanho próximo do essencial com sociabilidade relacionada ao cotidiano e a relações primárias, com a maioria dos contatos internos ao local de moradia e vinculados principalmente as esferas da vizinhança e da família. No sentido de Briggs, eram redes do tipo *bonding ties*.

É importante destacar que a remoção para o conjunto habitacional não significou apenas uma realocação de famílias entre lugares igualmente segregados. As melhorias habitacionais geradas por esta ação são indiscutíveis, porém não se pode deixar de observar o agravamento em certos aspectos da segregação residencial. Por exemplo, o

novo local de moradia ficava mais afastado do centro de Guarulhos, em uma área que não estava preparada para suprir a nova demanda por serviços públicos como os da saúde, educação e transporte e, o que era mais importante, distante do distrito industrial de Cumbica, importante pólo de emprego para estas famílias.

Esta situação de segregação é ainda mais difícil de ser superada se for levado em conta às características das redes sociais das famílias em questão e o impacto sobre elas gerado pela remoção. Considerando, por um lado, que o fenômeno da pobreza é multidimensional e que o acesso às estruturas de oportunidades é uma de suas dimensões; e que, por outro lado, a segregação residencial é um dos mecanismos de causação da pobreza ao dificultar o acesso a tais estruturas, levando em conta as características das redes sociais dos indivíduos em questão e o impacto sobre elas gerados pela remoção, a mudança das famílias para o conjunto habitacional no mínimo criou maiores dificuldades para a superação das desigualdades sociais.

Neste sentido, as políticas públicas que visam superar a pobreza ou minimizar as desigualdades sociais, com é o caso da política de habitação, devem levar em conta em sua formulação a estrutura de relações sociais dos indivíduos, ou seja, as redes sociais individuais já que, como argumentado nesta dissertação, são elementos de grande importância na garantia do acesso às esferas mais amplas da sociedade e, portanto, às estruturas de oportunidades, superando barreiras impostas, por exemplo, pela segregação residencial.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Ronaldo; D'ANDREA, Tiarajú. 2005. "Estrutura de oportunidades em uma favela de São Paulo". In: *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais*. Marques, Eduardo & Torres, Haroldo (Orgs.). São Paulo, Senac, pp. 195-210.
- BARROS, Ricardo Paes; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. 2000. Desigualdade e Pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, vol. 15, nº 42, pp. 123-142.
- BICHIR, Renata. 2005. Investimentos viários de pequeno porte no município de São Paulo: 1975-2000. In: Marques & Torres (orgs.). *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo, Editora Senac.
- BICHIR, Renata. 2006. *Segregação e acesso a políticas públicas no município de São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH/USP.
- BONDUKI, Nabil. 1988. Crise de Habitação e Luta pela Moradia no Pós-guerra. In: Kowarick, Lúcio (org.). *As Lutas Sociais e a Cidade; São Paulo: passado e presente*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- BONDUKI, Nabil & KOWARICK, Lúcio. 1988. Espaço Urbano e Espaço Político: do Populismo à Redemocratização, In: Kowarick, Lúcio (org.). *As Lutas Sociais e a Cidade; São Paulo: passado e presente*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- BRIGGS, Xavier de Souza. 2003. Bridging Networks, Social Capital, and Racial Segregation in América. In: *Faculty Research Working Papers Series*, Harvard University, pp. 01-19.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. 1984. *A Política dos Outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo, Brasiliense.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. 2000. *Cidade de Muros: crime, violência e segregação espacial em São Paulo*. São Paulo, Editora 34/Edusp.
- FIGUEIREDO, Argelina; TORRES, Haroldo; BICHIR, Renata. 2006. A conjuntura social brasileira revisitada. *Novos Estudos*. CEBRAP, São Paulo, vol. 75, pp. 173-183.

- FREY, Klaus. 2003. Desenvolvimento sustentável local na sociedade de rede: o potencial das novas tecnologias de informação e comunicação. In: *Revista Sociologia Política*, Nov., nº 21, p. 165-185.
- KAZTMAN, Rúben. 1999. Segregación residencial y desigualdades sociales en Montevideo. In: *Oficina de Montevideo*. CEPAL, Uruguai, pp. 06-47.
- KAZTMAN, Rúben & FILGUEIRA, Carlos. 1999. Marco conceptual sobre activos, vulnerabilidad y estructura de oportunidades. In: *Oficina de Montevideo*. CEPAL, Uruguai, pp. 06-25.
- KAZTMAN, Rúben. 2001. Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos. In: *Revista de La Cepal*. Santiago do Chile, nº 75.
- KAZTMAN, Rúben. 2003. La dimensión espacial en las políticas de superación de la pobreza urbana. In: *Meio Ambiente e Desenvolvimento*. CEPAL/ECLAC, Santiago do Chile, nº 59, pp. 07-41.
- KAZTMAN, Rúben & RETAMOSO, Alejandro. 2005. Segregación espacial, empleo y pobreza en Montevideo. In: *Revista de La Cepal*. Santiago do Chile, nº 85, pp. 131-148.
- KOWARICK, Lúcio. 1985. Expansão Metropolitana e suas contradições em São Paulo. In: *Revista de Economia Política*, n.7, p.33-47.
- KOWARICK, Lúcio (org.). 1988. *As Lutas sociais e a cidade; São Paulo: passado e presente*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- KOWARICK, Lúcio & ANT, Clara. 1988. Cem anos de Promiscuidade: o Cortiço na Cidade de São Paulo. In: Kowarick, Lúcio (org.). *As Lutas Sociais e a Cidade; São Paulo: passado e presente*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- KOWARICK, Lúcio & CAMPANÁRIO. 1988. São Paulo, Metrôpole do Subdesenvolvimento Industrializado: do Milagre à Crise econômica, In: Kowarick, Lúcio (org.). *As Lutas Sociais e a Cidade; São Paulo: passado e presente*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- KOWARICK, Lúcio. 1991. Periferias e Subcidadania. In: Medina, Cremilda (org.). *À Margem do Ipiranga*. São Paulo, CJE/ECA/USP.
- KOWARICK, Lúcio & GUNN, Philip Oliver Mary. 1992. Urbanização e Meio Ambiente. In: *Coordenadoria de Comunicação Social*, São Paulo, USP.
- KOWARICK, Lúcio & JACOBI, Pedro. 1997. Crecimiento Económico, Urbanización y Medio Ambiente: la calidad de la vida em São Paulo. In: Valentin Ibarra (org).

- La ciudad y el medio ambiente en América Latina: seis estudios de caso.* México, Centro de Estudios Demográficos y de Desarrollo Urbano.
- LOTTA, Caroline; MARTINS, Rafael. 2004. Capital Social e Redes Sociais: uma alternativa para análise de política de educação em Icapuí-CE. In: *Anais do I Encontro Nacional de Administração Pública e Governança*. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, pp. 1-12.
- MACHADO, Ana Flávia; RIBAS, Rafael Perez; PENIDO, Mariângela. 2007. Mobilidade entre estados de pobreza e inserção no mercado de trabalho: uma análise para o Brasil metropolitano em 2004. *Economia Aplicada*. São Paulo, vol. 11, nº02, pp. 253-279.
- MARICATO, Ermínia. 2000. Urbanismo na periferia do mundo globalizado: metrópoles brasileiras. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, vol. 14, nº 4.
- MARQUES, Eduardo César. 2000. *Estado e redes sociais: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Editora Revan.
- MARQUES, Eduardo César & BICHR, Renata. 2001. Investimentos públicos, infraestrutura urbana e produção da periferia em São Paulo. *Espaço & Debates*. São Paulo, vol. 27, n. 42, p. 9-30.
- MARQUES, Eduardo & TORRES, Haroldo. 2005. *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo, Editora Senac.
- MARQUES, Eduardo César. 2005a. Elementos Conceituais da Segregação, da Pobreza Urbana e da Ação do Estado. In: Marques & Torres (orgs.). *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo, Editora Senac.
- MARQUES, Eduardo César. 2005b. Espaço e grupos sociais na virada do século XXI. In: Marques & Torres (orgs.). *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo, Editora Senac.
- MARQUES, Eduardo César. 2005c. As políticas de habitação social, a segregação e as desigualdades sociais na cidade. In: Marques & Torres (orgs.). *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo, Editora Senac.
- MARQUES, Eduardo César. 2007. *Redes Sociais, Segregação e Pobreza em São Paulo*. Tese de livre docência, FFLCH/USP.
- MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência de informação. Brasília, vol. 30, nº 1, disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652001000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652001000100009&lng=pt&nrm=iso)>.

- MOSER, Caroline. 1998. The asset vulnerability framework: reassessing urban poverty reduction strategies. *World Development*. Vol. 26, nº 1, pp. 1-19.
- NERI, J. 2002. *Um século de política para poucos: o zoneamento paulistano 1886-1996*. São Paulo, Tese de doutorado, FAU-USP.
- PACCA, Penha Elizabeth. 2004. *A reprodução do espaço na periferia da metrópole e a lógica da propriedade privada*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH/USP.
- PAVEZ, Thaís Regina. 2005. *Políticas públicas e a ampliação de capital social em comunidades segregadas: o programa Santo André Mais Igual*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH/USP.
- PRÉTECEILLE, Edmond. 2003. A evolução da segregação social e das desigualdades urbanas: o caso da metrópole parisiense nas últimas décadas. In: *Caderno CRH*. Salvador, EDUFBA/CNPq, nº 38.
- RIBEIRO, L. 1997. *Dos cortiços aos condomínios fechados: as formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- ROCHA, Sônia. 2003. *Pobreza no Brasil: afinal do que se trata?* São Paulo, FGV.
- ROCHA, Sônia. 2006. Pobreza e Indigência no Brasil – algumas evidências empíricas com base no PNAD 2004. *Revista Nova Economia*, Belo Horizonte, nº 19, pp. 265-299.
- ROLNIK, Raquel. 1988. São Paulo, Início da Industrialização e Espaço da Política, In: Kowarick, Lúcio (org.). *As Lutas Sociais e a Cidade; São Paulo: passado e presente*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- ROLNIK, Raquel. 1997. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e território na cidade de São Paulo*. São Paulo, Nobel/Fapesp.
- SERPA, Ângelo (org). 2001. *Fala, Periferia*. Salvador, UFBA.
- SMOLKA, M. 1987. Para uma reflexão sobre o processo de estruturação interna das cidades brasileiras: o caso do Rio de Janeiro. In: *Espaço e Debates*, nº 21.
- SOARES, Sergei. 2006. Distribuição de renda no Brasil de 1976 a 2004 com ênfase no período entre 2001 e 2004. *Texto para discussão*. Ipea, nº 1166, pp. 6-27.
- TONELLA, Celene. 2003. Capital social e redução da pobreza: o ponto de vista da CEPAL. In: *Revista de Sociologia Política*. Paraná, Nov., nº 21, pp. 187-190.

- TORRES, Haroldo; FERREIRA, Maria Paula; MARQUES, Eduardo; BITAR, Sandra. 2003. Pobreza e Espaço: Padrões de Segregação em São Paulo. *Estudos Avançados*, CEBRAP. São Paulo, vol. 17, nº 47, p. 97.
- TORRES, Haroldo. 2005a. Medindo a segregação. In: Marques & Torres (orgs.). *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo, Editora Senac.
- TORRES, Haroldo. 2005b. A fronteira paulistana. In: Marques & Torres (orgs.). *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo, Editora Senac.
- TORRES, Haroldo; FERREIRA, Maria Paula; GOMES, Sandra. 2005. Educação e segregação espacial: explorando o efeito das relações de vizinhança. In: Marques & Torres (orgs.). *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo, Editora Senac.
- TORRES, Haroldo; BICHIR, Renata; PAVEZ, Thaís. 2006. Uma Pobreza Diferente? Mudanças no padrão de consumo da população de baixa renda. *Novos Estudos* CEBRAP. São Paulo, vol. 75, pp. 17-22.
- SARAIVA, Camila; MARQUES, Eduardo. 2005. A dinâmica social das favelas da região metropolitana de São Paulo. In: Marques & Torres (orgs.). *São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo, Editora Senac.
- SECRETARIA DE HABITAÇÃO DO MUNICÍPIO DE GUARULHOS. Relatório de acompanhamento do trabalho social: empreendimento Guarulhos R1R2. Guarulhos, setembro de 2007.
- VALLADARES, L. e Coelho, M. 1987. Pobreza urbana e mercado de trabalho: uma análise bibliográfica. In: *O que se deve ler em Ciências Sociais no Brasil*, nº 2, São Paulo, Anpocs/Córtex.
- VETTER, D. 1975. *The impact on the Metropolitan System of the Interpersonal and Spatial Distribution of Real and Monetary Income: The Case of Grande Rio*. Comparative Urbanization Series. University of California, Los Angeles.
- ZALUAR, Alba. 1997. Exclusão e Políticas Públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol.12, no.35, out.

## Apêndices

### A. Roteiro de Entrevistas (primeira fase)

Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Local \_\_\_\_\_

Tipo de Moradia \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_

1. Titular \_\_\_\_\_ 2 .Hab. \_\_\_\_\_

3. Nome \_\_\_\_\_

4. Sexo ( ) M - ( ) F 5. Idade \_\_\_\_\_ anos 6. ( ) P - ( ) NP

7. Onde nasceu \_\_\_\_\_

8. Como / através de quem veio para SP? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9. Há quanto tempo mora em SP \_\_\_\_\_ 10. No bairro \_\_\_\_\_

11. Estado Civil \_\_\_\_\_

12. Onde conheceu o cônjuge? \_\_\_\_\_

13. Breve descrição da família \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

14. Quem mora com você? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### Estudo

15. Grau de instrução \_\_\_\_\_

16. Você tem contato com seus colegas? \_\_\_\_\_



---

**Trabalho**

17. Qual a sua principal ocupação? Como conseguiu? \_\_\_\_\_

18. Regular ( ) – Esporádico ( ) 19. Há \_\_\_\_\_ meses/anos 20. Onde fica? \_\_\_\_\_

21. Antes desse emprego, o que fazia? \_\_\_\_\_

22. Qual é, aproximadamente, a renda familiar? \_\_\_\_\_

( ) RF < 1 / ( ) RF < 1 < 2 / ( ) RF < 2 < 3 / ( ) RF > 3

**Igreja**

23. Você tem religião? Qual? Quantas vezes freqüenta? \_\_\_\_\_

**Lazer**

24. O que você faz para se divertir? Onde? Com quem? \_\_\_\_\_

**Observações:**

**B. Roteiro de Entrevistas (segunda fase)**

**Data** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ **Local:** *Conjunto Habitacional Colina do Sol* (CDHU R1R2)

1. Tipo de Moradia: *Unidade Habitacional (Apartamento)* Telefone \_\_\_\_\_

2. Nome: \_\_\_\_\_ 3. Estado Civil \_\_\_\_\_

4. Houve alteração no núcleo familiar? ( ) sim ( ) não Quem? \_\_\_\_\_

5. Onde e a quanto tempo conheceu o cônjuge? \_\_\_\_\_

6. Breve descrição da família

7. Atualmente, quem mora com você? \_\_\_\_\_

**Estudo**

8. Grau de instrução \_\_\_\_\_ 9. Passou a estudar após a mudança? ( ) sim ( ) não

**Contatos**

10. Neste um ano de casa nova, você manteve contato com seus colegas de Guinle?  
( ) sim ( ) não Por que? \_\_\_\_\_

11. O fato de ter vindo morar no conjunto habitacional gerou algum tipo de mudança em relação aos seus contatos com amigos, colegas, familiares? ( ) sim ( ) não O que?

**Trabalho**

12. Sua principal ocupação era *desempregada*, você manteve esta ocupação?  
( ) sim ( ) não Por quê?

13. Se não, qual a sua principal ocupação? Carteira assinada? ( ) sim ( ) não Como conseguiu?

14. Regular ( ) Esporádico ( ) 15. Há \_\_\_\_\_ meses/anos 16. Onde fica?

17. Qual é, aproximadamente, a renda familiar?

18. Em sua visão, a mudança facilitou ou dificultou o acesso ao trabalho? ( ) facilitou  
( ) dificultou Por que?

19. ( ) RF menor que 1SM ( ) RF entre 1 e 2 SM ( ) RF entre 2 e 3SM ( ) RF maior ou igual a 3SM

20. Quantos meios de transporte você utiliza para se locomover ao trabalho?

21. É superior ou inferior ao número de transporte que você utilizava quando morava na Guiné? ( ) superior ( ) inferior

**Igreja**

22. Você tem religião? Qual? Quantas vezes frequenta?

**Lazer**

23. Atualmente, o que você faz para se divertir? Onde? Com quem?

Observações: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



